



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

VALDEREDO ALVES DA SILVA

**A INOCÊNCIA EM RETALHOS: VIOLAÇÕES DO CORPO NO
PROSPECTO LITERÁRIO DE LIMA BARRETO**

JOÃO PESSOA – PB

2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E
VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

VALDEREDO ALVES DA SILVA

**A INOCÊNCIA EM RETALHOS: VIOLAÇÕES DO CORPO NO
PROSPECTO LITERÁRIO DE LIMA BARRETO**

Tese apresentada à Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientação: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

Área de concentração: Literatura, teoria e crítica

Linha de pesquisa: Poéticas da subjetividade

JOÃO PESSOA – PB

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586i Silva, Valderedo Alves da.

A inocência em retalhos : violações do corpo no
prospecto literário de Lima Barreto / Valderedo Alves
da Silva. - João Pessoa, 2023.
131 f.

Orientação: Hermano de França Rodrigues.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura e psicanálise. 2. Barreto, Lima,
1881-1922. 3. Perversão sexual. 4. Freud, Sigmund,
1856-1939. I. Rodrigues, Hermano de França. II. Título.

UFPB/BC

CDU 82:159.964.2(043)

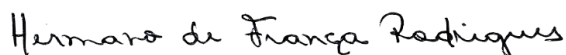
VALDEREDO ALVES DA SILVA

**A INOCÊNCIA EM RETALHOS: VIOLAÇÕES DO CORPO NO
PROSPECTO LITERÁRIO DE LIMA BARRETO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPB), para a obtenção do título de Doutor em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

Aprovada em 29 de setembro de 2023

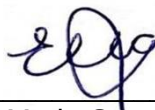
BANCA EXAMINADORA



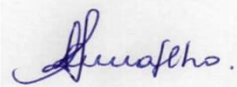
Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues (Presidente da banca)



Prof. Dra. Vanalucia Soares da Silveira (Examinadora)



Prof. Dra. Eneida Maria Gurgel de Araújo (Examinadora)



Prof. Dr. Jailto Luis Chaves de Lima Filho (Examinador)

Prof. Dra. Amanda Ramalho de Freitas Brito (Suplente)

João Pessoa
2023

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo grande sinal de sua existência e amor, durante toda minha jornada.

Aos familiares e amigos, pela força e compreensão, neste momento de realização pessoal e profissional.

Ao meu orientador Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues, por ter-se colocado entre mim e o trabalho desenvolvido, com muita presteza, sabedoria e ética.

Ao IFPB Reitoria, pela liberação parcial concedida ao longo desta pesquisa, mas também pelo incentivo individual.

“Pegara o corpo de Lina sem seu
consentimento e usara dele como se
fosse um prato de comida. Depois jogara
fora. Sem hálito, sem vida.”
Adriana Lisboa, em *Sinfonia em Branco*
(2001)

RESUMO

Nos *Estudos sobre a Histeria*, o “sexual” aparece sob a égide de uma sedução real, de caráter traumático, que, reprimido e, por isso, excessivamente reagente, transforma-se num componente suscetível de irradiar fortes aditivos patogênicos. Nas primeiras empreitadas, Freud ainda não percebia a existência das fantasias e da sexualidade infantil. Ao constatar que as diretrizes da realidade compartilhada inexistem na dinâmica inconsciente e que a explosão histérica era desproporcional ao número de pais supostamente perversos, Freud reelabora a teoria do trauma, assegurando que as cenas de sedução da infância eram, na verdade, cenários fantasmáticos erigidos pela criança para refugiar seu gozo abrupto e brutal. Em que pese o abandono da ocorrência de abuso real, como elemento (des)estruturante da sexualidade, o pai da psicanálise o retoma, nas peregrinações da segunda tópica, dando ênfase aos efeitos devastadores da fragmentação psíquica, decorrente do abuso sexual, vivenciado pela criança, jovem ou adulto. Tal conjectura, doravante, esparge-se nas elucubrações laplancheanas e ferencianas a respeito da sedução generalizada e das questões traumáticas advindas de experiências reais, respectivamente. Se, como compreendeu Freud (1905), a perversão, em linhas gerais, é uma reconfiguração da sexualidade infantil, regada pela polimorfia perversa, sobrevivente na vida ulterior, o que diferenciará o componente sexual das crianças e o teatro perverso dos adultos é a disposição dos agentes frente às muralhas do corpo e da civilização. No enquadre estruturalmente perverso, a sexualidade, com engrenagens que tocam à realidade, põe em cena um desejo que, nas tramas infantis, era apenas da ordem da fantasia: o elemento pré-sexual é o centro, o norteador, que governa imperiosamente. A montagem perversa, desse modo, decorreria de um impedimento da corrente genial subjugar as demais, devido a uma fixação infantil, que alçaria a corrente pré-genital ao lugar de organizadora da vida sexual. Nessa conjectura, as fantasias pré-genitais são comuns tanto nos perversos quanto nos neuróticos – consubstanciando a etiologia dos conflitos entre o desejo e a censura. A desorganização emerge, na perversão, na medida em que as barreiras do recalçamento se encontram em frangalhos, deterioradas pelas fantasmagorias arcaicas que, inócuas às forças agregadoras, saturam a realidade. Ou seja, o perverso, amiúde, recorre às assombrações tirânicas do passado para, delas, obterem a autorização, o acesso retilíneo ao outro. A partir dessas reflexões, a presente pesquisa se debruça sobre o célebre romance *Clara dos Anjos* (1948), de Lima Barreto, no intento de investigar, numa interlocução entre a estética literária e a psicanálise, as manifestações perversas do antagonista, que culminam numa série de abusos (psicológicos e sexuais) infligidos, na trama, à inocente Clara. As máscaras sedutoras de Cassi Jones atraem a pueril menina que, envolta a artimanhas manipulatórias, enleia-se numa rede de humilhações e lamúrias. Como aporte teórico-metodológico, o estudo ampara-se em manuscritos da ciência psicanalítica a respeito da estrutura perversa, das seduições/abusos sexuais, quais sejam: *Bate-se em uma criança* (1924), *O problema econômico do Masoquismo* (1924) e *O fetichismo* (1927), de Sigmund Freud; *O crime sexual* (2015), de Jean Laplanche; e *Confusão de línguas entre os adultos e a criança* (1932), de Sándor Ferenczi.

PALAVRAS-CHAVE: Perversão; Psicanálise; Literatura; Lima Barreto.

ABSTRACT

In Studies on Hysteria, the “sexual” appears under the aegis of a real seduction, of a traumatic nature, which, repressed and, therefore, excessively reactive, becomes a component susceptible to radiating strong pathogenic additives. In the first endeavors, Freud still did not perceive the existence of fantasies and infantile sexuality. By verifying that the guidelines of the shared reality do not exist in the unconscious dynamics and that the hysterical explosion was disproportionate to the number of supposedly perverse parents, Freud re-elaborates the trauma theory, assuring that the childhood seduction scenes were, in fact, phantasmatic scenarios erected by the child to shelter his abrupt and brutal jouissance. Despite the abandonment of the occurrence of real abuse, as a (dis)structuring element of sexuality, the father of psychoanalysis takes it up again, in the peregrinations of the second topic, emphasizing the devastating effects of psychic fragmentation, resulting from sexual abuse, experienced by the child, youth or adult. Such conjecture, henceforth, spreads in Laplanchean and Ferenczian lucubrations regarding generalized seduction and traumatic issues arising from real experiences, respectively. If, as Freud (1905) understood, perversion, in general terms, is a reconfiguration of childhood sexuality, watered by perverse polymorphism, surviving in later life, what will differentiate the sexual component of children and the perverse theater of adults is the disposition of agents facing the walls of the body and civilization. In the structurally perverse frame, sexuality, with gears that touch reality, brings into play a desire that, in children's plots, was only of the order of fantasy: the pre-sexual element is the center, the guide, which imperiously governs. The perverse montage, therefore, would result from an impediment of the genial current to subjugate the others, due to an infantile fixation, which would elevate the pregenital current to the place of organizer of sexual life. In this conjecture, pre-genital fantasies are common in both perverts and neurotics – consubstantiating the etiology of conflicts between desire and censorship. Disorganization emerges, in perversion, as the barriers of repression are in tatters, deteriorated by archaic phantasmagorias that, innocuous to the aggregating forces, saturate reality. In other words, the perverse person often resorts to the tyrannical haunts of the past in order to obtain authorization from them, rectilinear access to the other. Based on these reflections, this research focuses on the famous novel Clara dos Anjos (1948), by Lima Barreto, in an attempt to investigate, in an interlocution between literary aesthetics and psychoanalysis, the perverse manifestations of the antagonist, which culminate in a series of abuse (psychological and sexual) inflicted, in the plot, on innocent Clara. Cassi Jones' seductive masks attract the puerile girl who, wrapped in manipulative tricks, becomes entangled in a web of humiliation and whining. As a theoretical-methodological contribution, the study is supported by manuscripts of psychoanalytic science regarding the perverse structure of sexual seductions/abuses, namely: Beating a Child (1924), The Economic Problem of Masochism (1924) and Fetishism (1927), by Sigmund Freud; The Sexual Crime (2015), by Jean Laplanche; and Confusion of tongues between adults and children (1932), by Sándor Ferenczi.

KEYWORDS: Perversion; Psychoanalysis; Literature; Lima Barreto.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
1 DOS ESTREMECIMENTOS DO CORPO ÀS SÚPLICAS	
LAMURIOSAS DA ALMA: VESTES PSÍQUICAS EM RETALHOS	17
1.1 O corpo em súplica das histéricas no teatro freudiano: estupros, seduções e abusos.....	17
1.2 Freud, aluno das crianças e dos perversos: a sexualidade e seus contornos (des)viantes	31
1.3 Historiografia do desejo perverso na psicanálise: empreitadas “aviltantes” do desejo.....	44
2 AS DEFLORAÇÕES CAÚSTICAS NO CORPO LITERÁRIO DE LIMA BARRETO	59
2.1 Do mal-estar na cultura às ruínas subjetivas do eu: o colapso da modernidade.....	59
2.2 Naufrágios subjetivos, âncoras perversas: o humano moderno à deriva.....	63
2.3 Deflorações à brasileira: percursos (nada) ilibados do desejo nos alfarrábios literários	66
3 AS DEFLORAÇÕES CAÚSTICAS NO CORPO LITERÁRIO DE LIMA BARRETO	81
3.1 A poética e a estética: vida e obra de Lima Barreto	81
3.2 As vicissitudes perversas nos alfarrábios de Lima Barreto.....	92
3.3 Deflorações cauterizadas pelo gozo sádico: os perversos e seus estratégias bárbaros em <i>Clara dos anjos</i> , de Lima Barreto.....	98
CONCLUSÃO	123
REFERÊNCIAS	126

INTRODUÇÃO

Nas entranhas do panteão mitológico greco-romano, um personagem destemido e intrigante emerge, delineando um intricado mosaico de tentações e lúbricas perambulações: Pã, o deus pastor e senhor dos bosques, desdobrou-se em empreitadas que, como névoas sugestivas, serpeavam pelos recantos sombrios e solitários das florestas ancestrais. Em sua aura enigmática, entrelaçava o rústico encanto das matas com um toque de sedução, manifestando-se como um flautista audaz cujas notas hipnóticas, como um convite ao prazer, conduziam ninfas e pastoras a passos misteriosos em meio às vegetações emaranhadas. Arquetípica e antropologicamente, no cenário literário posterior, entre as páginas imortalizadas da obra *Clara dos Anjos* (1948), tecida por Lima Barreto, que se pode vislumbra um escrutínio profundamente penetrante das perversões e das inextricáveis deflorações sexuais. Aos moldes de Pã, cujas cantigas ecoadas pela flauta, sorrateiramente, seduziam as ninfas ao seu bosque dos desejos, na narrativa de Lima Barreto, deparamo-nos com os encantos de Cassi Jones, com suas modas hipnotizantes.

Neste eminente exercício investigativo, as fundações teóricas erigidas por Sigmund Freud, Jacques Lacan e Jean Laplanche assumem uma centralidade fulcral. Os postulados psicanalíticos destes, eminentes pensadores, qual um caleidoscópio analítico, arremessam luz sobre as camadas psicológicas da narrativa, desvelando os contornos subjacentes das complexas relações eróticas e das engrenagens psíquicas em desmoronamentos dos personagens do romance. Ao discernir que as coordenadas da realidade compartilhada carecem de vigência na trama intrincada do inconsciente e perceber a disparidade entre a explosão histórica e o número potencial de progenitores alegadamente inculcados de perversidade, Sigmund Freud redige uma reformulação da teoria do trauma, consubstanciando que as representações de sedução infantil, na

verdade, são construções fantasiosas, edificadas pela criança a fim de amparar a eclosão abrupta e selvagem de seu deleite. A despeito do abandono da premissa de abuso, concreto como agente (des)estruturante da sexualidade, o fundador da psicanálise reintroduz tal conceito na trajetória da segunda tópica, enfatizando as ramificações devastadoras resultantes da desintegração psíquica engendrada pelo abuso sexual experimentado por indivíduos em sua infância, juventude ou fase adulta. Tal conjectura, a partir deste ponto, alastra-se pelos constructos teóricos de Laplanche e Ferenczi, a respeito da sedução generalizada e das problemáticas traumáticas emergentes de experiências reais, respectivamente.

No caso em que a compreensão freudiana seja abraçada, delineia-se que a perversão, em sua amplitude, constitui um redesenho da sexualidade infantil, impregnado de polimorfismo perverso, o qual perdura até a vida adulta; a diferenciação entre o componente sexual das crianças e o espetáculo perverso dos adultos ancora-se na disposição dos sujeitos diante dos limites impostos pelo corpo e pela cultura. Na estrutura inexoravelmente perversa, a sexualidade, munida de mecanismos que dialogam com a cultura, traz à cena um desejo que, nas fantasias infantis, permanecia na esfera da imaginação: o elemento pré-sexual assume a posição central, norteando e governando de forma imperiosa. A articulação perversa, portanto, deriva de um obstáculo que impede que a corrente genital subjugu as outras, em virtude de uma fixação infantil que eleva a corrente pré-genital (sádico-oral e sádico-anal) ao papel de condutora da vida sexual. Nesse corolário, as fantasias pré-genitais conquanto partilhadas tanto pelos perversos quanto pelos neuróticos, servindo como base para a etiologia dos conflitos entre o desejo e a censura, a desorganização emerge, na perversão, quando as barreiras do recalque se encontram em frangalhos, corroídas pelas imagens arcaicas que, apesar de impotentes em agregar forças, inundam a realidade.

Em outras palavras, o indivíduo perverso, frequentemente, evoca as manifestações autoritárias do passado para outorgar o acesso direto ao outro. À luz destas considerações, a pesquisa em questão debruça-se sobre notória obra *Clara dos Anjos* (1948) de Lima Barreto, com o propósito de investigar, num diálogo entre a estética literária e a psicanálise, as manifestações perversas de Cassi Jones, que culminam em uma série de abusos (tanto psicológicos quanto sexuais) infligidos à inocente Clara. As máscaras sedutoras de Cassi Jones cativam a ingênua menina Clara, que, envolvida por estratégias manipulativas, enreda-se em uma teia de humilhações e lamentações. Como suporte teórico-metodológico, o estudo se baseia em escritos da ciência psicanalítica sobre a estrutura perversa e as sedução/abusos sexuais, a saber: *Bate-se em uma criança* (1924), *O problema econômico do Masoquismo* (1924) e *O fetichismo* (1927) de Sigmund Freud; *O crime sexual* (2015) de Jean Laplanche; e *Confusão de línguas entre os adultos e a criança* (1932), de Sándor Ferenczi.

No primeiro capítulo, sedimenta-se uma estrutura intrínseca cuja substância se desdobra não somente em uma exegese preambular acerca do surgimento da psicanálise, mas também um vasto panorama que circunda os territórios da aflição psíquica, dos traumas e das deflorações, bem como das complexas montagens da perversão que reverberam na tessitura das subjetividades humanas. Aprofundando-nos nesta imbricada tessitura, emergem os substratos das teorizações formuladas por Sigmund Freud e Jean Laplanche, os quais conferem envergadura e densidade ao campo analítico que ora se desvela. A confluência entre o anseio de desvendar os meandros obscuros do inconsciente e a busca de enredar os desígnios recônditos da sexualidade moldaram a forja da psicanálise, como uma ferramenta destemida que intenta decifrar os enigmas aviltantes que emolduram as tramas subjetivas.

No prólogo epistemológico, um luminar psicanalítico irrompe: Sigmund Freud, com sua audácia visionária e como um arauto na sombria vastidão do inconsciente, oferecendo uma trilha intelectual que se esgueira

através dos caminhos tortuosos do inconsciente, inexoravelmente sexual. Paralelamente, emergem, das entranhas da análise, uma vertente crucial: a abordagem dos traumas e das deflorações, as quais estabelecem a matriz de inquietação que atravessa os sujeitos. Sob o enfoque freudiano, observa-se a reformulação metódica da teoria do trauma, uma estrutura interpretativa que transcende a mera materialização da experiência traumática, adentrando os domínios fantasmagóricos das cenas de sedução infantil. O célebre psicanalista revela que, estas cenas, longe de configurarem eventos reais, são, na verdade, construções psíquicas engendradas pela criança como um resguardo para a explosão abrupta e selvagem de seu gozo. Esta perspectiva, ao descartar o imperativo de um abuso efetivo como fundamento da fragmentação psíquica, desencadeia uma reavaliação crucial que se insinua nas paragens da segunda tópica, enaltecendo os efeitos destrutivos dos colapsos psíquicos, resultantes do abuso sexual vivenciado por infantes, adolescentes e adultos. Nesta mesma tessitura interpretativa, as teses laplancheanas também apresentam uma lente epistemológica cara à pesquisa: cenas de sedução generalizada e as questões traumáticas acopladas às vivências reais. Laplanche, com seus pensamentos audazes e penetrantes, propõe uma reconfiguração das interações entre o adulto e a criança, marcada pela difusão das inscrições eróticas, pelas quais o adulto introduz, ainda que involuntariamente, um prisma de complexidade que desenha os contornos das experiências traumáticas e da iniciação sexual. Esta perspectiva, entrelaçada às conjecturas de Freud, reverbera, no tecido textual, renovando a interpretação e a compreensão das narrativas humanas entrelaçadas por traumas e desencadeamentos eróticos.

No segundo capítulo, delineou-se uma tessitura interpretativa que destaca a condição do indivíduo moderno, imerso nas intrincadas ramificações da cultura, eixo em torno do qual se desenrolam uma complexa teia de desorientações, convulsões existenciais e manifestações angustiantes da subjetividade. Observa-se, assim, que a figura do ser

humano contemporâneo surge como um naufrago na vastidão tempestuosa da contemporaneidade, à mercê das marés inconstantes de uma era que, paradoxalmente, coloca-o diante de inúmeras possibilidades e, simultaneamente, de múltiplos vazios, à deriva nos horizontes escorregadios da subjetividade. A incorporação enraizada da psicanálise, como lente de observação da experiência humana, propiciou a delimitação de um cenário no qual o inconsciente entrelaça-se às engrenagens complexas da cultura, dando ensejo a um quadro que encena o ser moderno em um palco de desenraizamento e atordoamento. As normas, valores e paradigmas que regem a vida social e cultural promovem uma assimilação vertiginosa do indivíduo, cuja própria noção de identidade encontra-se em meio a uma névoa de incerteza. A Era Moderna, com suas promessas de liberdade e progresso, irrompe como um cenário em que o ser humano se sente, paradoxalmente, mais isolado e solitário.

A literatura, nesse contexto, erige-se como um campo que ecoa as dissonâncias e os ecos do colapso subjetivo e das efervescências da contemporaneidade. Nas páginas literárias, os dilemas, as inquietações e as fragilidades do indivíduo moderno são entrelaçadas em tramas sobre a crise identitária, embates existenciais e vivências ambíguas do eu no contexto cultural em constante mutação. A literatura, à revelia, captura as nuances e a angústia do “ser contemporâneo”, permitindo que as vozes das personagens ressoem como eco de um coro desgarrado, de indivíduos que buscam ancoragem em meio à tempestade cultural e emocional. Portanto, à luz dessa convergência analítica entre psicanálise e literatura, os contornos da deriva subjetiva do ser humano contemporâneo se delineiam com clareza e complexidade. A cultura moderna, com sua voragem de transformações e demandas, enreda o indivíduo em uma trama na qual os referenciais são frágeis e a identidade em contínua reelaboração. Outrossim, no segundo capítulo, cumpre-nos a empreitada de, em uma articulação entre a psicanálise e os alfarrábios literários, debruçarmo-nos sobre a tessitura das deflorações sexuais e das

arqueologias da perversão nas veredas das narrativas da literatura brasileira. Nesse arcabouço das deflorações à brasileira, percorremos célebres narrativas de Rubem Fonseca, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector e Nelson Rodrigues, os quais, em suas obras, as montagens da perversão, assim como as tramas brutais e pungentes das deflorações sexuais, (des)costuram o laço social.

No terceiro capítulo, deflagrou-se uma incursão exegética no íntimo da existência e da estética literária do proeminente de Lima Barreto, cuja erudição literária, alicerçada nas fronteiras de sua vivência e na tessitura intrínseca do contexto sociopolítico que o abrigou, assume a relevância inestimável nas entranhas da literatura brasileira. Essa demarcação analítica, concebida com um *ethos* de primazia, perscrutou os estratos íntimos da trajetória de Lima Barreto, amálgama de genialidade e contrariedades. Outrossim, assentando-se sobre os pilares fundamentais da sua fortuna crítica, desvendou-se as temáticas recorrentes que permeiam seu mosaico literário, em associação simbiótica com as técnicas narrativas que lhe outorgam uma unicidade flagrante e uma adesão concomitante à tradição e à ruptura literárias.

Na apreensão das coordenadas biográficas de Lima Barreto, tingido por infortúnios e contradições, alinhou-se (des)harmonicamente com o cenário de transição entre o século XIX e o XX, amalgamando em sua escrita as impressões indelévels das vicissitudes que delinearam a efervescência social e política da época. Carregando consigo o fardo de experiências pessoais impelidas por discriminações e marginalizações, Lima Barreto destilou, em sua prosa, o enlace biográfico e ficcional – ainda que inconscientemente –, promovendo uma confluência entre as vivências singulares e as tramas ficcionais que projetou, de modo a urdir uma narrativa enriquecida pela correnteza dos fluxos individuais e coletivos. No âmago desta dissecação literária, finda nos recônditos da erudição, desdobram-se as sinuosidades da vida e a tessitura estilística de Lima Barreto, cujas narrativas lançam-se como um arauto das inquietudes e

aflições. Nesse caleidoscópio interpretativo, a abordagem que se delineia não apenas se delibera sobre os contornos biográficos do autor, mas também se avizinha das trilhas sinfônicas traçadas por sua estética literária, edificada sobre a cúspide de uma sociedade marcada por desigualdades e farsas engendradas.

Assim, ao adentrar os recessos de sua produção literária, sob o crivo sensível da fortuna crítica, as temáticas prementes, no arcabouço barretiano, são vislumbradas em um constante espectro de obsessões que permeiam os cenários reiterados de sua narrativa. A intersecção entre a loucura e a sanidade, a morte e a vida, a angústia e a esperança, qual dança intrincada de contrastes, constitui o pano de fundo de suas histórias. As peripécias dos protagonistas, em suas agruras e anseios, desdobram-se diante do leitor como um caleidoscópio psicológico. Nessa tessitura, em *Clara dos anjos*, romance analisado na presente tese, o olhar perscrutador de Cassi Jones emerge panopticamente sobre os recônditos dos impulsos mais escusos, evocando um Pã moderno que, em cerimônia sutil, vale-se de artifícios e subterfúgios para submeter e explorar a inocência latente nas jovens almas. Eis que a investigação se consolida em uma exploração meticulosa dos itinerários da perversão e das deflorações sexuais: a figura incisiva de Cassi Jones, cuja caracterização o equipara a Pã, evocando simbolicamente a utilização cerimonial de subterfúgios e artifícios para a sedução e o desabrochar erótico e traumática em jovens.

1 DOS ESTREMECIMENTOS DO CORPO ÀS SÚPLICAS LAMURIOSAS DA ALMA: VESTES PSÍQUICAS EM RETALHOS

1.1 O corpo em súplica das histéricas no teatro freudiano: estupros, seduições e abusos

O jovem neurologista Sigmund Freud, em 1885, a fim de aperfeiçoar a sua prática médica, obteve uma bolsa pós-doutoral de sua universidade, para o Salpêtrière, em Paris. Embora, em terras parisienses, tenha se dedicado inicialmente a estudos microscópicos sobre os cérebros infantis, o Dr. Freud deslumbra-se com o médico Jean Martin-Charcot, reconhecido por suas investigações neurológicas e patrono da neurologia e da anatomopatologia, cujas técnicas reconduziram os estudos de quem seria o pai da Psicanálise, permitindo a saída dos microscópios e impelindo-o em direção ao que, aparentemente, poderia ser considerada as rumações de uma ciência psicológica. Apesar de ser considerada uma fraude e uma prática charlatanesca no meio médico, a hipnose era utilizada por Charcot nos casos dos pacientes histéricos – a própria histeria era considerada como uma grande hipnose. Ante a esse tratamento histérico, assistindo às teatrais “Aulas da terça-feira”, que eram seguidas por apresentações clínicas e, às sextas, mais teóricas, Freud se debruçou sob o estudo do fenômeno histérico, assim como, seguindo os ensinamentos do seu mestre francês, dedicou-se à aprendizagem da hipnose. Freud, então, torna-se aluno e admirador desse grande professor parisiense, cuja influência possibilitou-o embarcar neurologista em terras francesas e a regressar, carregando em sua bagagem, espólios que formariam a Psicanálise.

Assim, no inverno de 1885, Freud inicia seus estudos no curso de Charcot, cujos encontros práticos, conduziram-no a seguir as teses do mestre francês. Diferente do que acreditavam os pensadores gregos e medievais, a histeria não era uma simulação, nem ao menos uma “doença do útero”, visto que sua etiologia e sintomatologia se desenvolviam tanto em homens como em mulheres. Embora ainda vislumbre resquícios

neuroológicos na histeria, como uma etiologia fisiológica do psiquismo, o movimento charcotiano afastou a causalidade histérica das lesões neurológicas e da concepção de que seria uma degenerescência da mente, como apontavam alguns alienistas. A contribuição charcotiana, no ramo dos estudos histéricos, foi a de produzir, por intermédio da hipnose, um quadro da histeria, expurgando-a da Psiquiatria e alocando-a nas empreitadas neurológicas – o lugar do histérico, portanto, não deveria ser em um hospício, mas em um hospital. Nesses estudos, Charcot desenvolve a teoria do trauma, que foi adotada por Freud no início, cuja ideia central era a de que ocorreu um abalo traumático, numa época infantil, em que o corpo físico e psíquico não conseguiu lidar. O trauma, entretanto, formaria uma injeção permanente, uma grande hipnose, que, por conversão, manifestava-se no corpo, por meio de paralisias, nevralgias, espasmos, crises epiléticas, entre outros sintomas. Essa revolução charcotiana foi tamanha que o estudante Sigmund chega a declarar, em missiva, a sua noiva:

Charcot, que é um dos maiores médicos, um gênio, um homem sério, abala profundamente minhas ideias e intenções. Depois de algumas conferências, são como se fosse de Notre Dame, com uma nova percepção de perfeição [...]. Se a semente algum dia vai dar frutos, não sei; o que sei com certeza é que nenhum outro ser humano agiu sobre mim dessa forma (GAY, 1989, p. 60 – 61).

Por causa de Charcot, Freud abandonara sua área de estudos em Neurologia, a anatomopatologia e a histologia, e partira para investigações capazes de distinguir a patologia psíquica do adoecimento físico. Uma outra contribuição às bases do que seria a Psicanálise, é que Charcot, a respeito da histeria, afirmava “é sempre a coisa genital” – concepção que influenciará Freud a sustentar a tese de uma teoria sexual das neuroses, assim como encaminhará a Psicanálise para a investigação do inconsciente numa ordem da sexualidade. Todavia, apesar da idealização, Freud logo se distancia desses constructos científicos, pois Charcot estava

mais preocupado em achar uma explicação fisiológica para histeria, buscando sobretudo montar quadros clínicos com sintomas repetitivos, em detrimento de uma possível cura. Ademais, em seu afã teatral, o mestre francês não considerava a importância da fala dos seus pacientes.

Antes de perceber, todavia, que as crianças, para elaborar mitos da sexualidade, *fantasiam*, Freud consignava que os seus pacientes neuróticos, na infância, tinham sido seduzidos e/ou abusados por adultos perversos. Em 1880, precedentemente às fantasias infantis, ainda nos estudos com as histéricas e utilizando o método da sugestão hipnótica, ocorre o emblemático encontro entre Josef Breuer¹ e Anna O., cujo resultado, após diálogos entre Breuer e Freud, seria basilar para a fundação da Psicanálise. Entre as causas que colocaram Anna O. em um patamar das pacientes mais importantes na história da ciência psicanalítica é que, sozinha, mostrou a Breuer que se falar livremente era um mecanismo profícuo para o alívio dos sintomas. Não por acaso, Anna O. chamava o procedimento, ainda germinativo, da associação livre, de “cura pela fala” e “limpeza de chaminé”.

Em sua sintomatologia, essa célebre paciente era acometida por contrações, espasmos, paralisias em alguns membros, lapsos mentais – sintomas que, sob os olhos de um espectador, concediam uma aura *teatral* à histeria (GAY, 1989). Além disso, assim como um ator que, para assumir um papel, recorre a máscaras e outras vestes, Anna O. desenvolvera duas personalidades distintas. Nesse sentido, a dramaturgia surge, primeiramente na clínica, enquanto sintoma histérico². Quando Anna O.,

¹ “Josef Breuer desempenhou um papel considerável na vida de Sigmund Freud, entre 1882 e 1895. De certa forma, foi uma figura paterna para o jovem sábio. Ajudou-o financeiramente, inventou o método catártico para o tratamento da histeria, redigiu com ele a obra inaugural da história da psicanálise, Estudos sobre a histeria, e foi médico de Bertha Pappenheim que, sob o nome de Anna O., se tornaria o caso princeps das origens do freudismo.” (ROUDINESCO, 1998, p. 93).

² “[...] a histeria é uma neurose caracterizada por quadros clínicos variados. Sua originalidade reside no fato de que os conflitos psíquicos inconscientes se exprimem de maneira *teatral* e sob a forma de simbolizações, através de *sintomas corporais* paroxísticos (ataques ou convulsões de aparência epiléptica) ou duradouros (paralisias, contraturas, cegueira).” (ROUDINESCO, 1998, p. 337).

vivendo enfadonhamente enclausurada em uma tradicional família judaica, voltava-se para uma espécie de *ficcionalidade*, a fim de lidar com a inércia parental, diz-se que ela montava uma *dramaturgia privada*: “[...] levava, no seio da família de tendência puritana, uma vida extremamente monótona, que ela embelezava de um modo provavelmente decisivo para sua doença. Cultivava sistematicamente o devaneio, que denominava seu “*teatro particular*”. (FREUD, 2016 [1893 – 1995], p. 30, grifo nosso).

Compreendendo a teatralidade dos fenômenos histéricos e a capacidade das doentes “histerecizarem” o ambiente/palco, Jean-Martin Charcot (1825 – 1893), cujas técnicas e exposições clínicas deslumbraram o então neurologista Sigmund Freud, fotografou as suas pacientes histéricas, captando gestos e posições teatrais, tentando emoldurá-las em etiologias orgânicas, desfazendo e refazendo sintomas em um verdadeiro espetáculo teatral. Por isso que se considera que: “Charcot, sem dúvida, era teatral; sempre claro, geralmente sério, mas às vezes humorístico para provar suas ideias. Cada uma de suas ‘fascinantes’ conferências, julgava Freud, era ‘uma pequena obra de arte de construção e composição.’” (GAY, 1989, p. 61). Portanto, Charcot, antevendo o que Lacan perceberia, no *Seminário 17* (1993 [1953 – 1980]), *a histérica precisa de um mestre* (religioso, científico ou dramaturgo) *e de uma plateia/espectador*: “Os pacientes de Charcot e os atores de Antoine encenam com seus corpos os dramas escritos pelo Outro (o autor, o inconsciente) e dirigidos por um mestre” (QUINET, 2005, p. 10). O corpo hístico, portanto, torna-se palco do inconsciente. Ao se deparar com as exposições de Charcot, pode-se vislumbrar que os histéricos, por intermédio de tremores, espasmos, crises epiléticas e convulsões, encenam vestígios do inconsciente. Não por acaso o manejo nas apresentações das “Aulas das terças-feiras”, Charcot se valia de dois tipos de discurso: um discurso *alocutivo*, dirigindo-se ao doente e, de maneira teatral, em “quebra da quarta parede”, um discurso *delocutivo*, dirigindo-se aos espectadores, os alunos e o público. (SÉDAT, 2011).

Todavia, o que Charcot e Freud não esperavam era que as narrativas, que ecoavam durante o tratamento, carregassem um componente sexual hegemônico. Freud descobriu o “inconsciente”, enquanto sistema e não mais adjetivo, debruçando-se sobre as encenações expressivas das histéricas, as quais utilizavam o *setting* como tablado (re)memorativo: “*Sem espectador, não há teatro e nem histeria*. O sintoma histérico, a insatisfação do desejo e a identificação com o desejo do outro, tudo na *histeria é teatral*, pois trata-se de um laço social [...]” (QUINET, 2019, p. 167, grifo nosso). Freud percebera, alguns anos depois, que, adornado pela fantasia, o teatro histérico, sintomático em si, é a transferência. Ou, inversamente, a transferência, como expectativa crente, é um fenômeno histérico e, com efeito, dramático, posto que se trata de um apelo a um outro, ao médico (ou espectador). Todavia, não é ao analista que esse apelo é endereçado, mas a um terceiro, que se confunde com a pessoa do médico. Trata-se, por isso, de uma atuação, uma vez que quando o paciente (ator) dirige elogios, críticas e xingamentos, na clínica, não é ao analista que esses apelos estão se endereçando, mas a um terceiro ausente, que o paciente encontra, inconscientemente, no psicanalista. Na transferência, tal como na histeria, o paciente transfere o que sente na conta do outro; por isso que o paciente (adulto) vai repetir com o psicanalista, sob outros andrajos, a sua organização infantil³ e seus percursos do desejo – que se tornaram impossíveis de ocorrer no próprio objeto primordial. Ante a impossibilidade, o desejo será *reencenado* com o analista. Portanto, na base do pensamento psicanalítico, as histéricas sofriam de um *trauma psíquico*, que tinha a ver com um *abuso sexual* em sua infância. Eis que a questão da sedução sexual e do estupro, seja pertencente à realidade ou à fantasia, convida o pai da psicanálise a se debruçar sob o corpo teatral da histeria,

³ “Em toda análise na qual o analista deixa aberta para o analisando a possibilidade de regredir, produzem-se reencontros deste último com sua própria infância e com seus primeiros objetos. Portanto, em toda transferência há uma dimensão quase psicótica [...]” (SÉDAT, 2011, p. 95).

que clama e suplica por seu entendimento. Desde os primórdios, a defloração sexual de uma criança seduzida e, com efeito, seu trauma no corpo que, em convulsão histérica, suplica, é objeto de investigação da ciência psicanalítica.

Voltando para Viena, Freud apresenta uma conferência, na Associação de Psiquiatria e Neurologia, defendendo a teoria da sedução como etiologia da histeria. A recepção dos médicos presentes fora, como menciona Freud em carta a Fliess, desagradável e gélida. Kraft-Ebing⁴, presidente da mesa, comenta, após o eloquente discurso do Dr. Freud: “Parece um conto de fadas científico” (GAY, 1989, p. 100). Sem saber, esse importante psiquiatra alemão estava antevendo o que Freud, doravante, perceberia: no inconsciente, não há traços da realidade – o que perambulam são as fantasias. Portanto, se os contornos reais perdem o seu lugar, as manifestações fantasísticas entram em cena. Eram, realmente, “contos de fadas” ou um *compêndio de contos de fadas* que seus pacientes, pela via da fantasia, diziam-lhe: o discurso dos neuróticos, assim como os contos de fadas, carregando o mágico e o fantasmagórico: primeiro, mora na ‘terra do nunca’, o eterno infantil do adulto e, em segundo, no tempo de “Era uma vez”, que remonta ao pré-histórico, o qual, sem saber, sempre é uma suposição, um produto inventivo⁵. Portanto, o roteiro do teatro da análise, cujos conteúdos são, amiúde, “contos de fadas”, é escrito por uma criança e encenado pelo infantil. Em síntese, a criança do adulto⁶, na análise, coloca a sua fábula em cena com a persona do analista – a fada que permite a realização de suas fantasias.

⁴ Psiquiatra alemão, cuja obra *Psychopathia Sexualis* (1886), categorizou os desvios/perversões sexuais, investigando ideias como fetichismo, sadismo, masoquismo.

⁵ Preambularmente, tem-se o não-sentido, o que Lacan (1985 [1964]) chama de Real. Trata-se de uma pré-história, que é sempre uma suposição, posto que, sem saber o que houve, o sujeito inconscientemente forja fantasias para tentar, debalde, criar corpo a esse tempo sem bordas. Para lidar, portanto, tem-se que inventar, fabular. Tendo-se em vista que a linguagem só surgirá quando, no narcisismo, o sujeito tem consciência de si e se identifica, pré-histórico do indivíduo remete ao que é anterior à linguagem, ao que é impensável e impossível de simbolização – escapa ao Simbólico (LACAN, 1985 [1964]).

⁶ Assim como Freud (2019 [1900]) percebera que o conteúdo latente dos sonhos dos adultos eram sempre uma realização de um desejo de natureza infantil: “[...] numa

Solitário na medicina vienense, Freud, por intermédio do seu antigo professor Ernest von Brücke, encontrou, no fisiologista austríaco Joseph Breuer (1842 – 1925), o respaldo científico e emocional necessário para continuar sua empreitada para montar um projeto de uma psicologia científica. Semelhante a Freud, Breuer se interessava pela utilização da hipnose no tratamento da histérica. Contudo, no manejo breuerniano, a hipnose era um meio para permitir que os pacientes retomassem e *narrassem* incidentes traumáticos, esquecidos de sua infância. Por se tratar da uma descarga do afeto ligado à experiência traumática, essa técnica foi chamada por Breuer como “catártica”, pois se tratava da conciliação entre a hipnose e a fala livre do sujeito, cujo intento era ab-reagir, descarregando as emoções reprimidas. Nesses rudimentos dos estudos sobre o inconsciente, acreditava-se que a neurose histérica teria sua origem em um trauma sexual, um abuso durante a infância: “Quando, no procedimento ‘catártico’ que Breuer e eu introduzimos, investigava-se cada vez mais os traumas psíquicos de que derivavam os sintomas histéricos, chegava-se finalmente a vivências que pertenciam à infância e diziam respeito à sua vida sexual [...]” (FREUD, 2016 [1906], p. 351).

Assim, Freud e Breuer sustentavam a tese de que a causalidade da histeria estava relacionada com uma sedução real, um *traumatismo de ordem sexual*. N’*Os estudos sobre a histeria*, ambos dissertam acerca do trauma como um “choque” em um corpo ainda não capaz de lidar. Ante a ocorrência de um abuso e/ou de uma sedução real, caso o afeto não consiga expressão para enfrentá-lo na época, o trauma e seus respectivos sintomas surgem como uma maneira de lidar. Frente ao relato das histéricas, que sempre se voltava para narrativas de caráter sexual, relacionado a pais ou cuidadores, Freud considerava que algumas crianças, por não terem corpo físico e psíquico para lidarem com um abuso,

Psicanálise, descobre-se que a vida adulta é sempre menos adulta do que parece: ela é pilotada por restos e rastros da infância.” (CALLIGARIS, 2010, p. 1 – 2).

não conseguiram *ab-reagir*⁷ e, com efeito, produziram sintomas no intento de descarregarem a tensão psíquica.

Embora a sedução, no caso das pacientes de Freud, não fosse real, as histéricas *não mentiam*; esses relatos históricos, cujo conteúdo, amiúde, atravessam violências sexuais, eram as mais profundas verdades, pelo menos no inconsciente ds pacientes. Eis que a primeira definição da histeria, segundo Freud, resume-se à célebre frase: “as histéricas sofrem, sobretudo, de reminiscências.” (FREUD, 2016 [1893 – 1895], p. 19). O gérmen da histeria localiza-se, à primeira vista, em uma cena traumática de sedução, que se convertia, sem poder reagir, em sintomas históricos – por isso, teoria do trauma. Um exemplo de conversão histórica, causado por incidentes infantis, ocorre no conto “Papoulas em Feltro Negro”, presente no livro *A noite escura e mais eu* (1995), de Lygia Fagundes Telles, cuja protagonista, recordando episódios de sua infância e suas reverberações na atualidade, afirma: “Tive bronquite quando criança – eu disse e de repente descobri uma coisa curiosa, a simples lembrança infantil me fazia tossir novamente. A tosse da memória.” (TELLES, 2018 [1995], p. 426).

Na histeria, o sintoma, capaz de desvirginar o corpo e deixá-lo em carne viva, é a tosse das reminiscências traumáticas, abusivas e sedutivas dos primeiros tempos. Doravante, Freud inverte a teoria; eis que o “infantilismo da sexualidade” toma o lugar dos “traumas sexuais” que a criança supostamente sofreu – a sedução real é substituída pelas *fantasias sexuais infantis*.⁸ Para pôr em marcha essa mudança crucial na teoria

⁷ Ab-reação: “Descarga emocional pela qual um sujeito se liberta do afeto ligado à recordação de um acontecimento traumático, permitindo assim que ele não se torne ou não continue sendo patogênico. A ab-reação, que pode ser provocada no decorrer da psicoterapia, principalmente sob hipnose, e produzir então um efeito de catarse, também pode surgir de modo espontâneo, separada do traumatismo inicial por um intervalo mais ou menos longo.” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 23).

⁸ “Superestimei a frequência desses acontecimentos (inquestionáveis, de resto), pois também não estava em condições, naquela época, de distinguir seguramente entre as enganosas recordações infantis dos históricos e os traços dos eventos reais, e desde então aprendi a explicar muitas fantasias de sedução como tentativas de se defender da recordação da própria atividade sexual (masturbação infantil). Com esse esclarecimento

psicanalítica e, finalmente, chegar ao campo das *fantasias* e da sexualidade infantil, Freud levou em consideração um conjunto de incidentes, como: a) fracasso nas análises; b) como o número de histéricas era exorbitante, incluindo pessoas de sua família, pressupor um abuso/trauma real, urgia-se dizer, equivocadamente, que todos os pais são perversos e abusadores; e c) no inconsciente, não há vestígios da realidade, não há uma distinção entre verdade e ficção. Destarte, as revelações de supostas seduições, de pais e cuidadores *stripper teases*, eram, verdadeiramente, fruto de fantasias e imaginações da criança. Afirmar que a criança, inconscientemente, tem fantasias de ordem sexual, equivale a dizer, com efeito, que há *sexualidade infantil*:

Se os histéricos fazem remontar seus sintomas a traumas inventados, então o fato novo é que eles *fantasiam* tais cenas, e a realidade psíquica exige ser apreciada juntamente com a realidade prática. Logo houve a percepção de que essas fantasias se destinavam a encobrir, adornar e situar num nível mais elevado a *atividade erótica dos primeiros anos da infância*, e então, por trás dessas fantasias, apareceu a *vida sexual da criança* em toda a sua amplitude (FREUD, 2012 [1914], p. 187).

No fim de suas férias de 1887, Freud escreve a Fliess: “Não acredito mais na minha neurótica.” (FREUD, 1986 [1887], p. 265). Não por coincidência, três semanas depois do envio epistolar dessa emblemática frase, o mestre vienense se corresponde novamente com Fliess, na carta de 15 de outubro de 1897, afirmando que entrara em ruminatórias solitárias (*autoanálise*), cujo movimento foi uma recondução a sua própria infância, a fim de buscar traços residuais (reais ou não). O método autoanalítico que Freud empreendia era, assim como na clínica, o da associação livre: “Nos últimos quatro dias, minha autoanálise, que considero indispensável para

descartou-se a ênfase no elemento “traumático” das vivências sexuais infantis, e restou a compreensão de que a atividade sexual infantil (espontânea ou provocada) prescreve a direção que será tomada pela vida sexual após o amadurecimento” (FREUD, 2016 [1906], p. 353).

o esclarecimento de todo o problema, prosseguiu nos sonhos e me forneceu as mais valiosas elucidações e indícios.” (FREUD, 1986 [1987], p. 271). Esse movimento de autoanálise, que Freud empreendeu em si mesmo, permitiu-lhe uma investigação de reminiscências fragmentárias, assim como a constatação de desejos, barrados pelo recalque. Reconheceu, como pode-se observar na sua autoanálise, que sua jovem mãe Amália Freud foi objeto de suas fantasias e sonhos e, em uma continuação da maternidade, percebera que a sua babá, que lhe ofertava carinhos, também foi desejada edipicamente por ele (GAY, 1989). Outrossim, com a morte do seu pai, um ano antes dessa carta a Fliess, Freud percebeu, em si mesmo, assim como os irmãos da horda primitiva, sentimentos paradoxais: angústia pela perda da figura paterna, mas, com ímpetos parricidas, regozijo. Nessa mesma missiva, Freud perceberia vestígios da peça *Édipo Rei*, de Sófocles, como desejos amorosos e hostis aos pais, em sua própria infância e, universalizando, em todas as outras crianças: “Descobri, também em meu próprio caso o fenômeno de me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora o considero um acontecimento universal da infância [...]” (FREUD, 1986 [1897], p. 273). Assim, através de tentativas de reconstrução com pedaços torturantes de sua tenra infância, como buscou montar o esqueleto do psiquismo humano.

Em 1899, dois anos depois de perder a crença no discurso histórico e perceber a existência de desejos edípicos, Freud escreve a Fliess: “É possível que uma teoria da sexualidade seja a sucessora imediata do livro dos sonhos.” (FREUD, 1986 [1899], p. 380). O abandono da teoria da sedução, longe de afastar Freud do campo da sexualidade, aproximou-o ainda mais e o permitiu chegar às fantasias infantis: as revelações da fala histórica eram, na realidade, produtos do inconsciente. A partir do abandono da teoria da sedução e do “afastamento da realidade”, estavam abertas as alas para a identificação do complexo de Édipo e das fantasias sexuais inconscientes – primazia dos estudos psicanalíticos. Diferente das teses sustentadas na época, por médicos e religiosos, o psicanalista

constata que o mapa da sexualidade existe desde a primeira infância e, durante a vida; o que ocorrem são reedições e tentativas, sempre falhas, de reencontros com objetos tomados pela criança. Embora já descrita por alguns contemporâneos, como Adolf Patze, Henry Maudsley e Michel Foucault, é apenas com Freud que a *sexualidade infantil* assume o estatuto central na vida psíquica do sujeito, uma vez que toda sexualidade, apesar de “adulta”, é sempre infantil (GAY, 1989). Para investigá-la, não analisou crianças, mas Freud investigou a sexualidade, retrospectivamente, a partir da análise com adultos: “Minhas afirmações sobre a sexualidade infantil baseavam-se, no início, quase exclusivamente nos achados de análises de adultos que retrocediam até o passado. Eu não tinha oportunidade de fazer observações diretas em crianças.” (FREUD, 2012 [1914], p. 188). Freud, nesse ínterim, foi pioneiro a se debruçar sobre o infantil enquanto pedra angular para a constituição do psiquismo.

Antes, contudo, de sistematizar sua teoria sobre a sexualidade e sobre o infantil, na publicação dos paradigmáticos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud se empenha em dar contornos ao objeto de estudo da ciência em que estava forjando: o inconsciente. Entre 1900 e 1904, Freud descreve, sob três semblantes, nas obras *A interpretação dos sonhos* (1900), *Sobre a Psicopatologia da vida cotidiana* (1901) e *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1904), o que seria conhecida como a primeira tópica freudiana, composta por: consciente, inconsciente e pré-consciente. Obviamente que, por considerar o inconsciente estruturado pela sexualidade, os desejos e as manifestações sexuais ecoam ululantemente nesses três livros fundadores da Psicanálise. Apesar do seu abandono, a primeira etiologia da histeria, conforme a Psicanálise, é significativa, pois, além de ser substancial para o entendimento do abuso sexual e da compreensão do “trauma”. O traumatismo, nessas tramas penetrantes das subjetividades, pode ser compreendido como uma desmedida de imposições e excitações em direção a um corpo que, à revelia ou à contragosto, é submetido. Com efeito, extrapolando a

capacidade contornar a essa vivência, transborda-se e escapa à capacidade de elaboração e tolerância psíquica do sujeito. Quando um indivíduo se lança em direção a outro, sem consentimento, penetrando-o física e psiquicamente deflorando seu corpo e/ou sua subjetividade, a vítima tentará, talvez debalde, elaborar essa *invasão* da sexualidade adulta em seu mundo ainda imaturo ou incapaz de recepcioná-lo. Inclusive, Winnicott (2013 [1963]) aponta que ocorre um estupro quando *violam* o verdadeiro self do indivíduo, por exemplo.

Em que pese o abandono da teoria da sedução, quando perceber que as cenas de abuso são, na verdade, *algumas vezes*, produções das fantasias, Freud continua acreditando que há casos de violências sexuais *reais*, que, incutindo uma carga psicopatogênica, são capazes de desestruturar a sexualidade e o desenvolvimento do indivíduo. Ainda nos ensaios sobre a histeria, inclusive, Freud relata o caso da jovem Katharina, que, em análise, contara que fora abusada por seu tio quando tinha 14 anos: “Pelo modo de defesa que relatou, parece que não reconheceu claramente o ataque como sexual [...] ‘Naquela época, ‘não’ [compreendera], apenas muito mais tarde isso se tornou claro para ela.” (FREUD, 2016 [1893-1895], p. 98).

Na epícrise do caso, Freud, comparando as vivências eróticas reais (violência sexual) com momentos traumáticos, declara: “[...] histeria fundada em traumas sexuais, que impressões do tempo pré-sexual, que permaneceram sem efeito sobre a criança, depois adquirem força traumática como lembranças” (FREUD, 2016 [1893-1895], p. 101). Contrapondo a prevalência das fantasias na teoria freudiana, Laplanche (2015) recorre ao artigo *Confusão de línguas entre os adultos e a criança* (1932), de Ferenczi, para abordar vivências reais de abuso sexuais sofridos. Nesse texto, o psicanalista húngaro repudiou veementemente o posicionamento da corporação psicanalítica da época, por causa de sua aparente “neutralidade” frente a situações de deflorações reais que os pacientes estavam enfrentando ou já enfrentaram. Sem apagar a presença

das fantasias, Ferenczi apontou, por meio da psicanálise, que o analista tem que estar preparado para seduções e abusos sexuais *reais* – o que levou Freud à revolta, pois tal movimento abalaria sua teoria das fantasias sexuais:

Até crianças pertencentes a famílias honradas e de tradição puritana, com mais frequência do que nos atrevemos a pensar, são vítimas de violências e violações. Ora são os próprios pais que buscam dessa maneira patológica um substituto para suas insatisfações, ora são pessoas de confiança, membros da mesma família (tios, tias, avós), ora, ainda, são os preceptores ou a criadagem doméstica que abusam da ignorância ou da inocência das crianças. A objeção, qual seja, a de que se trata de fantasias infantis, isto é, de mentiras históricas, lamentavelmente perde força em consequência do número considerável de pacientes em análise que confessam, eles mesmos, haver chegado às vias de fato com crianças (FERENCZI, 1992, p. 100).

Ferenczi consigna, em discordância com Freud, longe de colocar todo discurso de violência sexual na ordem das fantasias, compreende e identifica movimentos e forças externas como traumáticas. Embebendo-se das doses reais e fantasmáticas da sedução e do abuso sexual anunciados por Freud, o psicanalista francês Jean Laplanche, no artigo *Da teoria da sedução restrita à teoria da sedução generalizada* (1992[1988]), faz uma articulação entre a teoria da sedução sexual por parte de adultos a crianças, proposta por Freud nos *Estudos sobre a Histeria*, e a teoria do trauma e do abuso sexual revistos e reinseridos nos escritos maduros da psicanálise, após a segunda tópica. Segundo Laplanche, a *sedução restrita*, compreendida por Freud nas análises das neuróticas, tinha por característica um adulto perverso, “incriminado por Freud”; tratava-se de *conhecido* pela criança. Ante o abusador, a vítima é imatura e está despreparada, seja em níveis psíquicos seja em níveis somáticos: “A imaturidade, a ‘impotência sexual inerente às crianças’, é assim avaliada por Freud em relação a uma espécie de escala de desenvolvimento [...]”

(LAPLANCHE, 1992, p. 109). Por isso, sem ter condições de lidar com as iniciativas sexuais do adulto, a criança coloca-se em uma posição passiva, experienciando a sedução de modo traumático, agressivo e violento. Imersa em sentimentos de angústia e agonia, o indivíduo – ou a vítima de estupro –, permanece letárgica e incapaz de agir ativamente em relação à sedução; o que, transbordando à capacidade de elaboração, conduz ao trauma. Cumpre salientar, segundo Laplanche, que a “passividade” da vítima não diz respeito somente a uma *imobilização* gestual ou corpórea, mas a uma incongruência de compreender – simbolizar – a mensagem que lhe é súbita e bruscamente endereçada.

Nessas tramas, desde os *Estudos sobre a histeria*, o sexual aparece enquanto uma sedução real, de caráter traumático, que, reprimida e sem ter conseguido reação, à época, transforma-se em um componente patogênico. Ao constatar que não há traços de realidade no inconsciente e que o número de histéricas era consideravelmente grande para a quantidade de pais supostamente perversos, Freud inverte a teoria do trauma e constata que as cenas de sedução da infância eram, na realidade, fantasias em que a criança era ativa. Em que pese o abandono do trauma e do abuso como (des)estruturantes da sexualidade, o pai da psicanálise retoma, depois da segunda tópica, concepções de como o abuso sexual vivenciado pela criança, jovem ou adulto, pode ser desagregar e fragmentar a subjetividade humana, que respalda, doravante, ideias laplancheanas e ferenczianas a respeito da *sedução generalizada* e a questões traumáticas advindas de experiências reais, respectivamente.

Na base do pensamento psicanalítico, Freud acreditava que o discurso histérico era, na verdade, queixas e denúncias inconscientes de abusos que os(as) pacientes sofreram, na infância, de seus pais ou cuidadores. Nessa incursão investigativa, nos próximos capítulos, ousaremos desbravar os intrincados meandros da sexualidade sob a égide da doutrina freudiana. Para tal empreitada, lançaremos nosso olhar crítico sobre o teatro histérico, intrínseco ao corpo da histeria, cujos sintomas se

metamorphoseiam em performances fantasísticas, revelando as entranhas do sofrimento psíquico e, paradoxalmente, das dinâmicas da perversão.

1.2 Freud, aluno das crianças e dos perversos: a sexualidade e seus contornos (des)viantes

Desde a histérica Anna O., paciente “fundadora da Psicanálise”, Freud encontrava, em suas rumações, uma etiologia sexual. Embora analisando de Breuer, o pai da psicanálise, através do relato de seu amigo, foi além na análise do caso: Freud e Breuer têm uma divergência, uma vez que cada um tem um modelo sobre a histeria. Para Breuer, a etiologia histérica era decorrente de uma *retenção* ou uma contenção frente a um determinado *incidente*. Assim, como a paciente não conseguia reagir, retém emoções e afetos, que, por conversão, deslocar-se-iam para uma parte do corpo e surgiria a sintomatologia histérica. Freud, por outro lado, concordava com essa concepção do colega, mas ia além: esse incidente, que não foi respondido à altura, é de *natureza sexual*. Na interpretação do caso, Freud percebera que a histeria de Anna O. era, na verdade, um teatro erótico, o qual Breuer rejeitou e considerou desnorteante – enquanto Breuer recuou ante a Eros, Freud o enfrentou. Em 1899, dois anos depois de perder a crença no discurso histérico e perceber a existência de desejos edípicos, Freud escreve a Fliess: “É possível que uma teoria da sexualidade seja a sucessora imediata do livro dos sonhos.” (FREUD, 1986 [1899], p. 380). O abandono da teoria da sedução, longe de afastar Freud do campo da sexualidade, aproximou-o ainda mais e o permitiu chegar às fantasias infantis: as revelações da fala histérica eram, na realidade, produtos do inconsciente. A partir do abandono da teoria da sedução e o “afastamento da realidade”, estavam abertas as alas para a identificação do complexo de Édipo e das fantasias inconscientes – primazia dos estudos psicanalíticos. Legatária, portanto, dos mitos que forjaram a cultura

ocidental, a dinastia dos Labdácias reconduzia os vienenses (e, doravante, grande parte da sociedade contemporânea) a um desassossego, à vista de que a família “inventada” pela Psicanálise foi fundada tendo como fundamentos desejos parricidas e incestuosos. O destino oracular anunciado a Édipo é, na realidade, o destino de todo ser humano. Capaz de condensar as bases da cultura e da origem da humanidade, o Édipo que (re)nasce em Viena, inadvertidamente, abalou o sono dogmático.

Édipo, assim como todo mortal, é culpado de ter um inconsciente e, à luz da teoria freudiana, torna-se: “[...] um neurótico *fin de siècle*, culpado de seu desejo, escriturário de suas fantasias.” (ROUDINESCO, 2003). Logo, ao constatar que a criança é um sujeito desejante sexualmente e que tem ímpetos eróticos (assim como destrutivos) – por membros de sua própria família, tais como mãe, pai e irmãos –, desmorona-se a noção moralista que o sexual é ausente na infância. A partir da descoberta freudiana de um inconsciente sexual sai, da alcova, a família edipiana, qual estrutura parental aos moldes de *Álbum de família* (1946)⁹, dramaturgia trágica de Nelson Rodrigues. O pai da ciência psicanalítica, em suma, (re)encena a peça de Édipo utilizando a psique como palco. Com efeito, no século XIX, a tragédia sofocliana não foi bem recebida pelas famílias de espectadores/leitores de Sigmund Freud, pois, admitir ímpetos edípicos abalaria as estruturas parentais moralistas da época.

Abandonada a teoria da sedução, Freud arquiteta o espaço analítico como: um palco dos desejos infantis, cujo *script* já fora enunciado por

⁹ Desgraçada e censurada peça teatral brasileira “Álbum de família” (1965), de Nelson Rodrigues, cujos atos retomam, antropofagicamente, encenações psíquicas e impulsos inescrupulosos. Em seus enquadres nefastos, o enredo rodrigueano testemunha as desventuras de um *genos* patriarcal, do qual emerge uma constituição familiar atravessada por encenações pútridas e truculentas, como incestos entre irmãos e ímpetos edípicos entre pais e filhos. O espectador vislumbra, aos moldes sofoclianos, uma narrativa incestuosa – ou “polincestuosa”. Nessa dramaturgia rodrigueana, Edmundo, é um filho que ama eroticamente a mãe; Glória, é uma filha que é apaixonada pelo patriarca; Guilherme, o filho mais velho, castrou-se para evitar o irrefreável ímpeto de desvirginar sua irmã, Glória. Frente a esse caos libidinal, o pai, Jonas, não podendo se deitar com a sua amada filha Glória, descarrega o seu desejo retirando a virgindade de meninas adolescentes. Por outro lado, a esposa de Jonas, Dona Senhorinha, é perdidamente apaixonada por seu filho Nonô (RODRIGUES, 2012).

Sófocles: tratam-se dos “romances familiares”, que puderam ser (re)colocados em cena, ante o espectador/escutador – o analista. A reinserção edípica, em Viena, coincide com a invenção da ciência psicanalítica. Marcado pela condição de *não-saber*, a trajetória de Édipo é semelhante ao objeto de investigação da Psicanálise: o inconsciente (QUINET, 2015). O Édipo condensa, de modo tão profícuo, o inconsciente e, quiçá, a ciência psicanalítica, que, o próprio Freud, em um dos seus últimos escritos, declara: “Atrevo-me a dizer que, se a psicanálise não pudesse se gabar de outra realização além da descoberta do complexo de Édipo reprimido, isso já lhe daria o direito de ser incluída entre as valiosas conquistas recentes da humanidade.” (FREUD, 2018 [1938], p. 158). Cumpre salientar, no entanto, que, conquanto abandone a teoria da sedução, sustentar a existência de desejos edípicos, requer assegurar que prevalece, conforme aponta Laplanche (1985), uma *sedução dos cuidados maternos*, que provocariam fontes contínuas de excitação à criança. Não por acaso, a partir desses cuidados ofertados pela mãe, certas regiões do corpo, libidinizadas pela figura materna, transformar-se-iam no que Freud chamará de “zonas erógenas”.

Nessa época, Freud reconhece que a criança, por não ser ainda submetida aos ditames culturais, assim como por não ter pleno conhecimento da vergonha, da moral e da repugnância, alia-se, em seu comportamento sexual, àqueles considerados perversos. Trata-se de uma disposição constitutiva e originária humana que, conforme a teoria freudiana, é chamada de “perverso-polimorfa”, uma vez que, não havendo objetos adequados à pulsão, a criança experimenta prazeres de variados modos, em diferentes áreas do corpo e com múltiplos objetos sexuais. Aluno dos perversos e das crianças, o mestre vienense, tomando conhecimento da copiosa noção de “sexualidade”, expõe a tese de que o *sexual* é toda posição e/ou atitude, cuja gérmen é uma zona erógena corporal (ânus, olhos, voz, pele, boca...) e, ancorada em fantasias, proporciona algum prazer – ainda que seja na dor. Freud percebe que, no

inconsciente, existem tendências, cujas origens remetem a uma zona erógena corporal, e que visam um desejo sexual absoluto e mítico. Trata-se de um, à luz da sexualidade que a Psicanálise investiga: “[...] uma pulsão da qual não temos consciência, que teria por objetivo ideal o prazer absoluto em uma relação incestuosa. O desejo é o *inconsciente em busca do incesto*. Insisto em que esse incesto é um objetivo ideal, puramente mítico [...]” (NASIO, 1999, p. 40, grifo nosso). Sob o ponto de vista do inconsciente, a dinâmica da incestualidade¹⁰ norteia e orienta a pulsão sexual de cada sujeito – entretanto, trata-se de um objetivo impossível, pois sempre se choca com o recalque. Com efeito, o prazer obtido, sempre parcial e falho, exterioriza-se por meio de seus produtos e substitutivos, pois o prazer total e absoluto é impossível, à vista de que se trata do escapável ato incestuoso: “Quanto ao objetivo, sempre ideal, é o prazer perfeito de uma ação perfeita, de uma perfeita união entre dois sexos, cuja imagem mítica e universal seria o incesto.” (NASIO, 1999, p. 46). Como Lacan percebe, “a relação sexual não existe”; pois é impossível a relação sexual *incestuosa* – a única ideal: o sujeito tem que se contentar com relações substitutas, cujo resultado é sempre insatisfatório e o prazer obtido, até certo ponto, é da ordem da falta.

Utilizando as fantasias sexuais como cerne, Freud dedica, n’*Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), o *primeiro ensaio* para fazer uma breve revisão de literatura sobre as teorias sexuais, apresentando as propostas de conhecidos especialistas, assim como criticando-os em alguns pontos. Doravante, diferente do que faziam os outros estudiosos, Freud apresenta, em um posicionamento clínico e imparcial, sem dar louros ou deplorar o vasto arcabouço de tendências eróticas, consideradas por grande parte da psiquiatria da época como “perversas”, quais sejam:

¹⁰ “[...] sem nenhuma relação com as relações incestuosas patológicas e proibidas pela lei que podem se produzir em uma família. Não, o incesto de que falamos é, ao contrário, o objetivo último e universal do desejo humano.” (NASIO, 1999, p. 40).

fetichismo, exibicionismo, sadismo, necrofilia, masoquismo¹¹. O movimento do mestre vienense, para fundar a doutrina da sexualidade, é aproximar, no primeiro ensaio e no segundo ensaio, a perversão da infância e a infância da perversão. Ao fazer esse movimento e colocar a “(im)pura criança” em um lugar de uma perversão-polimorfa, Freud passa a ser repudiado pela moral vitoriana de Viena. Entrementes, o mestre psicanalista percebe que a infância é sustentada por comportamentos e atitudes sexuais consideradas da ordem perversão, a saber: masoquistas, fetichistas, exibicionistas, sadistas, entre outras. Portanto, toda sexualidade é, de certo modo, perversa e infantil. Como se pode vislumbrar n’Os *três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, as crianças e os considerados perversos foram dois grupos que *ensinaram a sexualidade* a Freud. Colocados, insistentemente, em lados opostos, o criador da ciência psicanalítica descobriu que não existe uma auréola que recobre a criança, nem, ao menos, um dardo diabólico que atravessa os perversos. Essa ideia freudiana, evidentemente, garantiu a má-fama da Psicanálise, mas, ao mesmo tempo, permitiu o seu sucesso terapêutico:

[...] sua ideologia foi profundamente subversiva para a época. Não menos subversiva era sua posição neutra e sem censuras a respeito das perversões, pois estava convencido de que a fixação sexual em objetos iniciais que não foram superados, quer isso significasse fetichismo ou homossexualidade, não era crime nem pecado ou doença, e tampouco uma forma de loucura ou sintoma de

¹¹ O masoquismo, enquanto fenômeno catalogado pelas ciências médicas, surge no meio científico por volta da segunda metade do século XIX, causando grande curiosidade a seu respeito, tanto dos estudiosos da psiquiatria/sexologia/direito quanto do senso comum, já que a existência de uma ligação entre dor e prazer, por mais que não assinalasse algo totalmente diferente na experiência humana ao longo do tempo, causava certo estranhamento, tendo em vista se tratarem de sensações, aparentemente, dispare. A inquietude em relação ao masoquismo ganha ainda mais contornos com declarações e textos que sinalizam não apenas fixação em relação à dor, mas a um conjunto de experiências outras, que se inscrevem nas mais variadas modalidades de sofrimento, sejam físicas ou psicológicas, incutidas, por exemplo, no amor, na submissão, na humilhação, na admiração etc., como, antes mesmo da criação do termo, já ponderava um dos personagens centrais da representação dessa perversão, Leopold von Sacher-Masoch (1836-1895).

decadência. Isso soava muito moderno, muito respeitável, em suma, muito pouco burguês. (GAY, 1989, p. 149).

Embora já antevista nos alfarrábios literários, como nos perturbadores romances de Marques de Sade¹² e Sacher-Masoch, assim como discutida pela psiquiatria, a partir dos estudos de Krafft-Ebing e Havelock Ellis, a novidade da descoberta de Freud, já no primeiro ensaio, é a origem infantil das perversões. Na contracorrente dos preconceitos populares e criticando as teorias psiquiátricas de sua época, que insistiam que tais posições sexuais eram produtos de degenerescência ou uma “tara”, o célebre psicanalista intenta encontrar a verdadeira origem da sexualidade (e das suas consideradas perversões) na criança. Freud, antes de iniciar, expõe o lugar onde se localiza a sua pesquisa: não concorda com a sexologia, psiquiatria e cientificismo de sua época; volta-se, pois, à cultura grega e sua mitologia, visto que há uma valorização da pulsão – enquanto a cultura judaico-cristã valoriza o objeto sexual. Freud estabelece diferenciações entre as pulsões e os instintos: a sexualidade humana não é instintual, biológica e apenas genital, mas é uma *sexualidade pulsional*, construída, paulatinamente, por meio de experiências pulsionais, moções psíquicas, encontros e fixações. Trata-se, nesse sentido, de uma sexualidade construída a partir de circuitos da pulsão. Enquanto, no instinto, típico do reino animal, há padrões preexistentes e determinados, que unem o objetivo sexual ao seu objeto; nas pulsões, a ligação ocorre a partir de experiências e fixações que se passaram durante a história do sujeito. Entendo a sexualidade humana como pulsional, não há, então, uma predeterminação biológica e um objeto específico para o qual a pulsão

¹² O escritor francês foi responsável por desenvolver uma ficção que, além de scandalizar a sociedade burguesa do século das luzes, serviu como referência para o desenvolvimento de noções psiquiátricas que nortearam as ciências médicas no século ulterior, cujas reverberações também influenciaram, sobremaneira, os estudos psicanalíticos, os quais, por sua vez, permanecem válidos até nossos dias. Graças às leituras promovidas e aos debates calorosos em torno de sua obra, Sade se tornou, conforme mencionamos anteriormente, o representante da manifestação perversa sádica, muito embora, pelos registros conhecidos acerca do autor, saibamos que sua vida foi marcada muito mais pela intervenção em relação à sua escrita do que propriamente no tocante aos desejos.

sexual se direcionará – o objeto é variável, múltiplo e “não natural”. Não existindo objetos naturais e únicos para a pulsão, *toda sexualidade é*, em última análise e em termos inconscientes, *perversa*.

Nesse primeiro texto sobre a sexualidade, Freud se propõe a repensar os limites postos pela ciência e pelo discurso popular a respeito da normalidade e da perversão. De início, o pai da psicanálise introduz uma diferenciação dentro do campo das perversões, dividindo-as em dois grupos: os *desvios sexuais em relação ao objeto sexual*, que dizem respeito ao objeto que emite uma atração sexual; e outro, que são os *desvios em relação ao objetivo sexual*, que caracterizam o ato que conduz a pulsão. O objetivo sexual, segundo Freud, é a união dos genitais, que conduz o sujeito à redução da tensão sexual e, por isso, o desvio perverso seriam as atividades sexuais que escapam ou que não visam à união sexual, tais como as preliminares. Embora a Psicanálise, nesse primeiro momento, concorde com a sexologia corrente, Freud logo aponta que, qualquer pessoa, apesar de ser considerada sadia, há traços perversos no “objetivo sexual normal”. A intenção do descobridor da sexualidade infantil, nesse primeiro momento, é consignar que toda sexualidade, até certo ponto, é perversa; seu grau de perversão varia de acordo com as resistências psíquicas, como repugnância e vergonha, de cada pessoa (GARCIA-ROZA, 2009).

Essa resistência será responsável, inclusive, pela modificação dos impulsos sexuais, pelo que Freud chamou de *negativo da perversão*: a neurose – não por acaso, o sintoma é o ato sexual do neurótico. No *segundo ensaio sobre a teoria da sexualidade*, Freud estabeleceu a montagem do mapa sexual da infância, partindo desde os primeiros tempos, na relação prazerosa entre mãe e bebê até os novos objetos amorosos da adolescência. O pai da Psicanálise, além de se reconhecer pioneiro ao investigar a sexualidade infantil, abala as crendices populares, por consignarem, na estufa do recalque, a ausência de atividades sexuais na criança. Inclusive, Freud percebe que essa tentativa de negar a

sexualidade infantil, por parte da cultura, diz respeito ao trabalho da chamada “amnésia infantil”, cujo sustentáculo é revestido pelo pudor e repulsa. Assim como Édipo mutila seus olhos para negar que viu a cena da sua mãe-esposa morta, muitos adultos, inconscientemente, castram sua visão, a fim de não enxergar a sexualidade infantil. Como resultado da amnésia infantil ou, como efeito do recalque, a maioria dos adultos têm precárias memórias ou inexistentes lembranças dos seus primeiros anos de vida – fato que os conduzem a negar e repudiar a noção de sexualidade na infância:

Creio que a razão para essa curiosa negligência [ao fator sexual infantil] deve ser buscada, em parte, nos escrúpulos convencionais, que os autores observam devido a sua própria educação, e, em parte, num fenômeno psíquico que até agora subtraiu-se ele mesmo à explicação. Refiro-me à peculiar amnésia que esconde à maioria das pessoas (não a todas!) os primeiros anos da infância, até os seis ou oito anos de idade (FREUD, 2016 [1905], p. 75).

A conversão das lembranças infantis, nos sintomas, evidencia que não há um desaparecimento completo de fantasias e primeiras iniciativas amorosas da criança, uma vez que, recalçadas, manifestam-se pela sintomatologia neurótica. Constatado o motivo do esquecimento, Freud se volta para as manifestações da sexualidade infantil, traçando as chamadas *fases psicosssexuais*.

Primeiro, a atividade sexual, segundo o pensamento freudiano, apoia-se em uma funcionalidade – nesse caso, a alimentação. As pulsões de autoconservação, como sono, fome e sede, são âncoras e protótipos das pulsões sexuais. Paulatinamente, a atividade sexual se torna autônoma, independente de um apoio para manutenção vital, uma vez que, no caso dessa *fase oral*, o bebê continuará desfrutando do seio materno, mesmo depois de saciado, por perceber que o movimento rítmico do mamar, em si, é uma fonte de prazer. Contemplando os primeiros meses de vida do bebê, na *fase oral*, a zona erógena que experencia o mundo é

boca – o que explica tantos bebês pegarem objetos e brinquedos, e os conduzirem à mucosa oral. Entrementes, o prazer da oralidade, na díade da amamentação, não é o leite, enquanto alimento, mas o afluxo leite morno que percorre e excita a mucosa, assim como o movimento de chuchar do bebê no seio materno.

Não por acaso, após o desmame, a pulsão oral permanece por um certo tempo, ancorando sua fantasia, autoeroticamente¹³, em mamadeiras, chupetas e no próprio dedo da criança. Tratam-se, nesse sentido, de objetos-escoras nos quais sustentam as fantasias sexuais infantis. Segundo o pensamento freudiano, trata-se de uma sucção deleitosa, cujo resultado, semelhantemente ao momento pós-orgasmo do adulto, leva ao adormecimento do bebê: “Quem vê uma criança largar satisfeita o peito da mãe e adormecer, com faces rosadas e um sorriso feliz, tem que dizer que essa imagem é exemplar para a expressão da satisfação sexual na vida posterior.” (FREUD, 2016 [1905], p. 86).

Embora Freud aponte o complexo de edípico apenas na fase fálica, pode-se perceber vestígios incestuosos já nessa fase, tal como Melanie Klein percebera. Se Freud constatou que há traços orais-sádicos no Édipo, que apareceriam apenas na fase fálica, isso quer dizer que a vivência edípica ocorre bem antes, desde a fase oral. N’*Os estágios primitivos do complexo de Édipo* (1928), Klein, sagazmente, desmonta, em partes, o pensamento de Freud sobre o período da ocorrência do Complexo de Édipo, à vista de que *não se pode* imaginar que uma criança, imersa na fase fálica, tenha fantasias de pais que devoram, cortam e mordem, tal como a pintura *Saturno devorando um filho*, de Goya, uma vez que tais características se vinculam aos primeiros tempos, à oralidade, e não apenas aos genitais. Logo, Klein consigna que o Édipo se instaura, precocemente, desde à fase oral. A estrutura edípica dessa simbiose mãe-

¹³ “[...] estado original da sexualidade infantil anterior ao narcisismo, no qual a pulsão sexual, ligada a um órgão ou à excitação de uma zona erógena, encontra satisfação sem recorrer a um objeto externo.” (GARCIA-ROZA, 2009), p. 99).

bebê é tamanha, que, no premiado romance *Tudo é rio* (2014), de Carla Madeira, Venâncio entra em uma crise de ciúmes, quando vislumbra seu próprio filho mamando no seio de sua esposa, Dalva. Desde a gestação, crescera, em Venâncio, um atroz ciúme, reforçado pela preocupação primária materna: “Dalva já queria aquele filho mais do que qualquer outra coisa. Pensava nele, falava dele, entregava as mãos à barriga e dela não se afastava. Era bercinho para cá, bordados para lá, banhos demorados voltados para o próprio umbigo [...]” (MADEIRA, 2014, p. 18). Após o nascimento, Venâncio, ao perceber a estrutura incestuosa da amamentação, encontra, no bebê, um rival pelo amor da mulher: “[...] foi alimentando nele a mais profunda convicção de que naquela barriga crescia um ladrão que ia roubar para sempre a mulher da sua vida.” (MADEIRA, 2014, p. 18). Consequentemente, assemelhando-se a Laio, arranca o filho do seio da mãe e o abandona:

O filho tinha nascido de manhã, quando ele entrou no quarto, Dalva oferecia o bico do peito para o menino. Os olhos de Venâncio pararam ali, sentiu uma dor de infidelidade, traição, a nuca esquentou num quase desmaio. Ela punha na boca do menino o bico do seio que era dele, o bico, acordado e nu, estava lá entumecido, pronto, sem que ele o tivesse excitado. A boca do neném buscava ansiosa o peito farto e úmido querendo sugar, engolir e ainda tão sem saber. O mamilo se dobrava passando na boquinha pequena, querendo ser pego por ela. Dalva se entregava a uma emoção única, da mais comovente ternura. O momento dela e do filho cegou Venâncio de uma absurda loucura. Ele arrancou o menino dos braços dela e jogou longe [...] (MADEIRA, 2014, p. 18)

Para além dos primeiros tempos, a estrutura edípica da oralidade permanece, ora de modo fixado ora em fantasias, durante a vida do sujeito; assim como as outras fases psicosssexuais, a oralidade, amiúde, raramente se resolve por completo, posto que que, mesmo na adultez, o sujeito apresenta traços orais, como no desejo de beijar, fumar, falar e beber, por vezes, de modo fixado e compulsivo. Ou seja, a sexualidade considerada adulta é, de certo modo, sempre infantil, com objetos arcaicos incestuosos e experiências fantasísticas primitivas. No conto “O gato cego”, presente

n'A *vida como ela é* (1961), de Nelson Rodrigues, acompanha-se a vida de um menino, já crescido, que, permanecendo o "bebê rei da casa", era adorado pelas mulheres, em especial, por sua mãe. Ante a um pai impotente e frustrado, o menino, edipicamente fusionado, fixou-se no prazer prematuro e autoerótico da zona oral: "Criado nas saias da mãe, das tias, da babá negra, submetido a um carinho extremo e histérico, o guri saíra um fenômeno. Apesar da idade, ainda usava chupeta e, na falta desta, metia os cinco dedos na boquinha glutona." (RODRIGUES, 2012, p. 164). Além das atividades orais, Freud constata que há, também, na *fase anal*, um prazer em reter e expulsar as fezes. Entre dois e três anos, a zona erógena prevaiente é a anal, cujas fezes são artefatos reais que sustentam a fantasia. Com efeito, reter e expulsar, relacionada à função intestinal, torna-se, para a criança, uma atividade prazerosa, visto que estimula e excita a mucosa anal, em decorrência do ritmo esfíncter, que realiza movimentos de contração e dilatação.

Nesse ínterim, antevendo a existência de um masoquismo infantil, em que há uma junção de dor e volúpia, Freud consigna que: "As crianças que utilizam a excitabilidade erógena da zona anal se revelam no fato de reter a massa fecal até que esta, acumulando-se, provoque fortes contrações musculares e, na passagem pelo ânus, exerça um grande estímulo na mucosa." (FREUD, 2016 [1905], p. 91-92). Por se tratar do período em que a criança experencia o mundo por movimentos retenção e controle, preocupa-se, inclusive, com atos de gratificação dos pais, quando realiza suas necessidades escatológicas em locais adequados. Vale salientar, outrossim, que o caráter anal não se restringe à infância; deparamo-nos, não raro, com indivíduos há traços anais inconscientes, apontados por Freud, como maneira pela qual o adulto maneja o dinheiro.

No terceiro ensaio e último ensaio, o descobridor do inconsciente aponta para as "transformações da puberdade", dando ênfase às investigações acerca da sexualidade genital (fase psicosssexual genital). Até o momento, as pulsões sexuais, voltadas para o eu, obtinha uma

satisfação autoerótica. Na puberdade, endereçam-se para um objeto sexual, exterior a si e, amiúde, exterior ao seio parental. Todavia, como a sexualidade é movida por circuitos pulsionais e por caminhos, historicamente, já percorridos, trata-se, como Freud apontou, de *redescobertas de objeto*: “Não é sem boas razões que a criança a mamar no seio da mãe se tornou o modelo de toda relação amorosa. A descoberta do objeto é, na verdade, uma redescoberta.” (FREUD, 2016 [1905], p. 143). Após esse primeiro momento, de uma *relação parcial* com o objeto, o bebê, depois de renunciar o seio, lidará com a mãe a partir de uma *relação total*. Se, na infância, a pulsão sexual era autoerótica, na puberdade, depara-se com um objeto sexual, vinculado à primazia das zonas genitais. Quando, em 1912, constata a ambivalência de sentimentos, o psicanalista introduz, na puberdade, a noção de duas correntes: uma *terna*, correspondente às pulsões sexuais infantis; e uma *sensual*, que diz respeito ao *modus operandi* do relacionamento na puberdade. Para que ocorra uma escolha objetual exógama, faz-se necessário que o adolescente renuncie a esses objetos incestuosos e dirija-se para outras pessoas, para além dos seus parentes.

As novas escolhas nunca escapam às influências dos primeiros objetos amorosos eleitos pelo infante: “Mesmo quem conseguiu evitar a fixação incestuosa da libido não escapa inteiramente à sua influência.” (FREUD, 2016 [1905], p. 151). A primeira escolha objetual, empreitada pela criança, fica marcada, prototipicamente, como uma representação inconsciente e, ao longo da vida, o sujeito tenta (re)encontrar, via fantasia, esse objeto arcaico infantil. No conto “A confissão de Leontina”, publicado em *A estrutura da bolha de sabão* (1991), de Lygia Fagundes Telles, a protagonista, Joana, após uma noite de amor com o seu amante Rogério, declara: “Não gostava do cheiro da fumaça [do cigarro] mas era com o cheiro do sabonete e até hoje *não sei por que pensei no meu pai quando ele passou o braço debaixo da minha cabeça e me chamou, Vem Joana.*” (TELLES, 2018 [1991], p. 326, grifo nosso).

Com a rebeldia pulsional da puberdade, renascem fantasias latentes, cuja raiz está arraigada no subsolo da polimorfia perversa infância e ramificada nos primeiros elos amorosos entre a criança e seus cuidadores. Segundo o pensamento freudiano, o grande obstáculo que do púbere é lidar com esses desejos incestuosos, de modo que não interfiram na sexualidade adulta. Destarte, em um movimento de repúdio e superação das pioneiras empreitadas amorosas e incestuosas, o jovem, ainda que de modo claudicante, efetiva um desligamento da potência materna e paterna para que, doravante, estabeleça-se a diferenciação entre a nova e a velha geração: “quem tiver de ser realmente livre e, com isso, também feliz na vida amorosa precisa [...] estar *apaziguado* com a ideia do incesto [...]” (FREUD, 2019 [1912], p. 145). Amiúde, não ocorre uma suplantação de vivências infantis e, conseqüentemente, o adulto permanece, servilmente, dedicado aos pais, numa espécie de fixação amorosa infantil; por estarem enclausurados no ventre da infância e enleados às teias da incestualidade, não nascem enquanto sujeitos (STOLLER, 2015).

Na contística de Nelson Rodrigues, a fusão mãe e filho, para além da infância, pode ser vislumbrada em contos como “O sacrilégio”, publicado em *A vida como ela é* (1961), cuja narrativa permite vislumbrar Márcio, um filho, que, em plena lua de mel com Osvaldina, leva a própria mãe moribunda, d. Violeta, para morar com o casal. Com intrusão materna, no laço matrimonial, tem-se um abalo na vida sexual e relacional dos recém-casados: “Osvaldina ficou abandonada, no quarto, numa solidão de viuvez, ao passo que o marido se desvelava à cabeceira materna.” (RODRIGUES, 2012, p. 43). Semelhantemente, em “A noiva da morte”, outro conto rodrigueano, encontra-se a trágica história de Alipinho, um filho, com 20 anos, fixado compulsivamente ao enleio parental, sobretudo soldado a mãe e às irmãs: “Era o único varão da família de mulheres. E, desde garoto, ouvia dizer: – Alipinho não casa! Nós não deixamos Alipinho casar...O Alipinho era ele. Cresceu num ambiente de absoluta predominância feminina [...]. Foi tiranizado, ferozmente, pela mãe, irmãs, tias e primas.”

(RODRIGUES, 2012, p. 76). Ante a ausência do “rochedo da castração”, um pai em silêncio, assim como a predominância das sedução maternas, Alipinho se perde nas tramas da potência sedutora parental que se impõe e, ao fim do conto, semelhante a Jocasta, pune-se pela vivência incestuosa com o suicídio.

1.3 Historiografia do desejo perverso na psicanálise: empreitadas “aviltantes” do desejo

Sob a égide da então preponderante da perspectiva religiosa que remontava ao período medieval, as perversões sexuais passaram, a partir do século XIX, a ocupar um espaço no cenário acadêmico das ciências médicas, especialmente na psiquiatria, que adotou essas tais manifestações da sexualidade como objeto de investigação. Este movimento representou a apropriação das ciências neurológicas das perversões. Com o declínio do pensamento religioso, que atribuíra todas as ações humanas, seus comportamentos e consequências à esfera divina ou diabólica, a ciência emergiu como contraponto ao dogma inflexível do cristianismo. Gradativamente, as empreitadas científicas assumiram a responsabilidade pelo conhecimento sobre o tema, ainda que esse conhecimento também tivesse de ser compartilhado com a esfera judicial.

Eis que a conjunção entre sexologia e medicina criminológica se desenvolveu de modo concomitante a partir do século XIX. Antes desse período, a medicina pouco se envolvia com as questões da sexualidade humana, assim como as autoridades judiciais tinham, no máximo, um interesse restrito nas práticas sexuais que resultassem em escândalos sociais, seja devido à anormalidade do ato seja à violência empregada. Tal panorama se modificou somente após a Revolução Francesa, com a ascensão da sexologia. A partir desse momento, o médico não apenas era consultado para avaliar o estado da vítima, mas também era convocado

para realizar uma avaliação clínica do acusado. Foi somente com o advento da sexologia que o termo “perversão” foi incorporado ao vocabulário médico. Antes disso, o termo estava tão intrinsicamente ligado à noção de “depravação” que praticamente possuía o mesmo significado. O século XIX marcou indubitavelmente uma reviravolta na trajetória da sexualidade humana, especialmente em relação às formas de gratificação instintiva consideradas como desviantes. A psiquiatria, ao tomar as rédeas do conhecimento sobre o assunto, originou diversas correntes de pensamento que, por vezes, entravam em conflito umas com as outras.

Em 1886, o psiquiatra alemão Richard von Krafft-Ebing publicou sua obra mais significativa, a *Psychopathia Sexualis*, que marcava uma perspectiva higienista em relação às sexualidades humanas. Além de servir como um catálogo das degenerações, o trabalho também introduziu algumas considerações sobre as manifestações da sexualidade humana. As formulações de Krafft-Ebing sobre a sexualidade “anormal” eram amplamente baseadas naquelas que a sexologia e a medicina criminal adotavam em apoio à justiça – inaugurando o que pode ser chamado de psicopatologia sexual. Esse campo se constituiu como um ramo das ciências médicas particularmente associado ao sistema judiciário, no qual os médicos desempenhavam um papel central na detenção do conhecimento que permitiria compreender a verdadeira natureza das manifestações da perversão. Isso lhes conferia a capacidade de avaliar os suspeitos para que as sentenças fossem embasadas e coerentes em relação ao delito. Krafft-Ebing, através da *Psychopathia Sexualis*, compilou uma análise significativa das chamadas perturbações ou degenerações da sexualidade humana, reforçando, assim, a apropriação da sexualidade pelo discurso médico. Esse discurso estava fortemente enraizado no ideal moralista burguês, conquanto o livro não oferecer uma explanação clara sobre os princípios moralistas específicos associados à sexualidade humana. O psiquiatra austríaco abordou o sadismo como uma associação entre desejo erótico e crueldade. Aqueles que praticavam atos sádicos,

segundo ele, eram guiados por uma disposição psíquica profundamente degenerada, em que o indivíduo, impulsionado pelo desejo, antecipava o coito com maus-tratos ao parceiro sexual. Inclusive, essa manifestação poderia resultar em homicídio, caso a satisfação libidinal não fosse alcançada. Caso não houvesse potência, o indivíduo sádico poderia recorrer ao estrangulamento, perfurações e flagelação como formas de compensação libidinal.

No masoquismo, conforme a análise do psiquiatra, ocorria uma inversão dos papéis presentes no ato sádico. Nesse contexto, o prazer não estava associado a dor infligida a outra pessoa, mas a dor sentida no próprio corpo através da ação do parceiro. Krafft-Ebing também discutiu o papel dos castigos físicos na busca pelo prazer, como a dor física causada por golpes, flagelação e a humilhação por meio da submissão servil ao outro. Além disso, associou as características dessas manifestações a um “crescimento patológico dos elementos psíquicos femininos, como um fortalecimento mórbido de certos traços da alma feminina”. Por outro lado, em relação ao fetichismo, Krafft-Ebing descreveu uma forma de erotização que envolvia uma parte específica do corpo, uma peça do vestuário do parceiro ou um objeto que simbolizava esse desejo: no ato sexual, o prazer não provinha do corpo em si, mas sim da parte específica que o objeto condensava. Em ausência do objeto fetichizado, o prazer se tornava inatingível, a menos que o indivíduo utilizasse uma representação imaginária do fetiche. No entanto, esses casos frequentemente progrediam para uma dependência total da parte do corpo ou do objeto substitutivo, transcendendo a mera relação sexual.

Nesse contexto, Krafft-Ebing (1886/2000) percebia que os atos que eram investigados em colaboração com o sistema judiciário, especialmente aqueles relacionados a perversões, não eram exclusivos de indivíduos perversos, mas uma possibilidade também para pessoas consideradas “normais”. O diagnóstico dependia de uma exploração profunda das origens do impulso sexual do sujeito, a fim de determinar se suas ações

eram uma patologia (perversão) ou um vício típico de criminosos (perversidade). Em ambos os casos, entretanto, a moralidade social continuava a exercer influência sobre a sexualidade humana. Contemporâneo a Krafft-Ebing, Henry Havelock Ellis (1859-1939) questionou seus postulados, argumentando que as manifestações perversas da sexualidade humana eram uma extensão dos instintos sexuais também presentes em indivíduos “normais”, embora em um estado parcialmente inativo. Ellis também introduziu a noção de “autoerotismo” em relação às experiências sexuais relacionadas às funções uretrais, orais e anais.

Desde o gérmen das investigações, Freud já apresenta os impulsos hostis enlaçados ao próprio movimento da pulsão, que, em si mesmos, possuem a capacidade de movimentar-se a tendências agressivas. Em 1905, ao lançar germinalmente o conceito de “pulsão”, o pai da ciência psicanalítica, ao tenta dar contornos à questão do sadismo, aponta, no segundo ensaio, para o semblante autônomo dos impulsos hostis existentes desde os primeiros tempos: “O componente cruel do instinto sexual se desenvolve na infância ainda mais independentemente das atividades sexuais ligadas às zonas erógenas. A crueldade em geral aparece facilmente na natureza infantil [...]” (FREUD, 2016 [1905], p. 198). Através da concepção freudiana, emerge uma distinção entre a sexualidade perversa e a sexualidade considerada normal, mediante duas características intrínsecas aos indivíduos ditos perversos: fixação e exclusividade. De acordo com o entendimento freudiano, a fixação reside na manutenção inalterada, ao longo da vida, de certas perversões que se enraízam em padrões comportamentais específicos. Isso se observa, por exemplo, em práticas que se originam na fase pré-genital e continuam a existir na fase adulta. Em relação à exclusividade, ocorre uma dedicação exclusiva à prática desviante em relação ao objeto – essa restrição visa evitar a diluição da eficácia do comportamento.

Ansioso por conferir dignidade a um tema frequentemente repudiado, como as perversões, Freud (1905/1969) amplifica a ideia de que tanto a neurose quanto a perversão derivam de uma gênese única: “[...] algo inato em todos os seres humanos [...]”, sugerindo que o neurótico é alguém cujas forças de inibição, viabilizadas pelo recalque, conseguem restringir a realização plena do impulso pulsional, resultando na manifestação de sintomas como desdobramento da renúncia à saciedade completa do impulso sexual. Em seu escopo, Freud (1905/1969) também dedica espaço à análise de fenômenos já identificados pela medicina do século XIX, a saber, o fetichismo. O psicanalista classifica o fetichismo como uma “transgressão anatômica”, uma vez que o fetiche substitui inadequadamente o objeto sexual com o propósito de alcançar a gratificação sexual. No que concerne ao fetichismo, Freud não enxerga como profundamente censurável, dada a possibilidade de certas práticas serem adotadas por indivíduos de sexualidade saudável em suas rotinas. Ademais, Freud menciona a pulsão escopofílica, o prazer oriundo da visão, indicando que esse fenômeno é previsto, podendo, contudo, degenerar-se para o patológico em situações: uma fixação nos órgãos sexuais, assim como ocorre no exibicionismo (ser visto) e no voyeurismo (observar), nos quais o alvo sexual se manifesta em abordagens ativa e passiva.

Nos termos de Freud, são também explanadas algumas perspectivas acerca das noções de sadismo e masoquismo. O indivíduo sádico vivencia prazer em infligir dor, ao mesmo tempo em que sente a dor infligida ao objeto sexual. O sadismo é invocado por Freud para fundar sua perspectiva sobre a gênese sexual e agressiva da natureza humana, sendo considerado por ele um fenômeno cujas vestígios são discerníveis nas relações sexuais normais. Por contraposição, o masoquista é experimenta deleite ao ser subjugado pelo objeto sexual, expressando assim a vertente passiva da perversão, enquanto o sadismo constitui a vertente ativa. Ademais, Freud alega que o masoquista, em sua constituição perversa, também possui traços sádicos, na medida em que assume para si a dor,

deslocando o papel do objeto sexual. Ao concluir o primeiro ensaio, Freud conduz a uma compreensão de que tais fenômenos pulsionais são alvos frequentes de investidas provenientes de dispositivos inibidores, tais como os códigos morais construídos socialmente, o constrangimento, o nojo e as imagens representativas da autoridade. Ao serem eficazmente demarcados na psique, esses fatores circunscrevem os impulsos desviantes no domínio da normalidade.

No segundo ensaio, ao adentrar no âmbito da sexualidade infantil, Freud delinea o conceito de amnésia infantil, ou seja, a aparente incapacidade das pessoas de lembrar o período designado por Freud como primeira infância. Esse período, marcado por esquecimento, assume uma significância determinante na formação da psique infantil e, posteriormente, adulta. É durante esse estágio que se absorvem as impressões acerca do ambiente interno e externo, com grande intensidade. Todavia, em razão da natureza frequentemente traumática dessas impressões, são rejeitadas ao inconsciente, a fim de proteger a psique em formação da sua influência perturbadora. O recalque é mobilizado sobre essas impressões, mantendo-as guardadas no inconsciente, para evitar qualquer prejudicialidade psíquica. No entanto, as forças do recalque, às vezes, não sempre suficientemente eficaz em suprimir o retorno do reprimido, seja sob influência de fatores internos ou externos; a constante fronteira entre o consciente e o inconsciente pode gerar sintomas neuróticos, como os presentes na histeria, por exemplo. O foco principal repousa sobre a forma como Freud explora a sexualidade infantil, outrora inimaginável para tanto a comunidade científica quanto o público em geral. Nesse sentido, o psicanalista chama a atenção para o fato de que fenômenos comumente associados à sexualidade adulta, e categorizados como perversões, têm presença evidente na infância – desafiando a crença predominante de que todas as crianças são assexuadas. O mestre vienense foi pioneiro ao proclamar que a compreensão da sexualidade adulta poderia ser obtida ao investigar a sexualidade infantil, pois estas não estavam cerceadas por

valores e normas que restringem o prazer sexual dos adultos. Com base nessa premissa, Freud sustenta sua posição quanto à presença inerente dos desejos sexuais tanto nas perversões quanto nas neuroses. Embora o contexto dos neuróticos seja diferente do dos perversos devido às limitações da realidade e cerceamentos da cultura, a impossibilidade de satisfação quotidiana nessa realidade frequentemente leva os neuróticos a buscarem vias não convencionais e desviantes para alcançar a satisfação. Destarte, Freud sugere que a presença de práticas tidas como perversas, ainda que excepcionais em indivíduos normais, sugere uma essência de perversão intrínseca no inconsciente humano

Freud, além de acrescentar que o impulso sexual tem seu gérmen da pulsão de domínio, afirma que as crianças que perpetraram hostilidades aos animais, durante as brincadeiras, são célebres exemplos para a percepção da agressividade primária: “A ausência da barreira da piedade traz consigo o perigo de que a conexão entre os instintos cruéis e os erógenos, assim estabelecida na infância, possa-se mostrar indestrutível na vida ulterior.” (FREUD, 2016 [1905], p. 198). Nos *Três ensaios*, o mestre vienense vincula o caráter agressivo e hostil das pulsões ao sexual, que, por sua vez, é constitutivo da subjetividade humana. Nesse primeiro momento dos estudos, o psicanalista consigna que a formação da estrutura perversa seria o resultado de uma fixação em um estágio pré-genital da organização da libido infantil (DA ROSA, 2019). Em outros termos, ainda contaminado pela sexologia do século XIX, nesse momento, a concepção freudiana de “perversão” era relacionada às empreitadas pré-genitais da sexualidade, que escapavam do genital. Ou seja, nessa concepção primordial de Freud, como aponta Laplanche e Pontalis (2001), havia perversão quando o prazer fosse obtido por outros objetos, quando há um desvio ao ato sexual ‘normal’, quais sejam: pedofilia, bestialidade, coito anal, fetichismo, escopofilia, exibicionismo, sadomasoquismo. Nessas primeiras investigações, a perversão seria decorrente do impedimento da corrente genital subjugar as demais, devido a uma fixação infantil, que

alçaria a corrente pré-genital ao lugar de organizador da vida sexual (FERRAZ, 2006).

Se as fantasias pré-genitais são comuns, tanto nos perversos quanto nos neuróticos – consubstanciando a etiologia dos conflitos entre o desejo e a censura –, é apenas com a perversão, cujas barreiras do recalçamento estão em frangalhos, que tais fantasmagorias inconscientes ganham seus contornos na realidade. Assim, as engrenagens da perversão, amiúde, não recorrem ao arcabouço das fantasias pré-genitais enquanto, acessório para a excitação, mas, delas, confecciona inconscientemente o eixo norteador da sua sexualidade. Como Freud vislumbra, o perverso é aquilo que o neurótico almeja, mas não consegue (FERRAZ, 2006). Cumpre salientar que essa aproximação freudiana neurótico-perverso foi fundamental para retirar a indumentária de “aberração” dos perversos, visto que todos os seres humanos, da neurose à perversão, possuem traços e contornos perversos; no entanto, os perversos atuam; põem na realidade aquilo que, inconsciente e mascarado, existe em todos os indivíduos¹⁴. Se, como compreendeu Freud (1905), a perversão, em linhas gerais, seria uma reconfiguração da sexualidade infantil, regada pela perverso-polimorfia, na vida adulta, o que diferencia o componente sexual das crianças dos perversos é que, na infância, as empreitadas são *potenciais*. No adulto perverso, todavia, a sexualidade está robusta, configura para as vias “culturais”, ainda que, geralmente, para desmorná-las, desmenti-las: o elemento pré-sexual é o centro, o norteador, que governa imperiosamente. Não à toa, na Conferência XXI, intitulada: *O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais* (1916-1917), o pai da psicanálise afirma:

A sexualidade pervertida é, via de regra, muito bem centrada: todas as suas ações se dirigem para um fim –

¹⁴ É importante ponderar que, ao suscitar nas perversões um caráter não patológico, mas de manifestação própria e primordial da sexualidade humana, Freud sinaliza que tanto o sadismo quanto o masoquismo estão para além da visão higienista das ciências médica e jurídica de sua época, constituindo-se como componentes comuns em variadas expressões da sexualidade, bem como na conduta dos sujeitos em sociedade, sem necessariamente constituírem um desvio nos sentidos patológico e /ou criminal.

geralmente um único fim: uma das pulsões componentes assumiu a predominância, e, ou é a única pulsão observável, ou submeteu as outras a seu propósito. Nesse aspecto, não há diferença alguma entre sexualidade perversa e normal, a não ser o fato de que suas pulsões componentes dominantes e, conseqüentemente, seus fins sexuais, são diferentes (FREUD, 2014 [1916-1917, p. 378).

A segunda sobre as indumentárias perversas, no arcabouço freudiano, ganhou contornos no artigo *Bate-se numa criança: contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais* (2016 [1919]), posto que é descrita uma fantasia sádica e masoquista, que Freud escutou durante o atendimento de alguns dos seus pacientes: uma criança é espancada por um adulto. Na primeira fase, o pai bate numa criança – a criança apenas olha de fora, sem colocar a si mesma na cena (trata-se de uma fantasia que não é nem sádica, nem masoquista): “meu pai bate na criança. Meu pai bate na criança que eu odeio” (FREUD, 2016 [1919]). Essa criança, que a criança odeia, representa o complexo de intrusão, o *complexo fraterno* – o irmão caçula atrai a atenção dos pais e, por conseguinte, o ódio da criança/significa, no fundo, que: “o pai não ama essa outra criança, pois está batendo nela ama apenas a mim”. Trata-se de um triunfo histérico ligado ao amor incestuoso. Doravante, a segunda fase possui uma dimensão masoquista. Ainda é o pai que bate, mas a criança que apanha é a que, até então, fantasiava; experimenta um grande prazer nisso: a fantasia torna-se então “eu apanho do pai” – é pois, exclusivamente no masoquismo, que se pode ter acesso ao pai e ao prazer proveniente da instância paterna. Trata-se de uma fantasia que é uma construção fantasmática do sujeito. Se, na primeira fantasia, tinha-se um complexo de intrusão, na segunda fantasia, é uma construção interna.

Na passagem da primeira para a segunda, vale salientar, ocorrem profundas transformações: a fantasia continua tendo como pessoa que bate (o pai), porém, neste momento, quem apanha é a própria criança da fantasia. Assim: “sou espancada pelo pai e logo possuo um caráter

inequivocamente masoquista” (FREUD, 2016 [1919]). Na terceira fase, a própria da criança, que fantasia, não aparece, mas se mantém no anonimato. Esse terceiro momento fantasístico é portador de uma excitação arrebatadora e conduz a uma satisfação onanista; conclui-se que: a pessoa que bate nunca é o pai; pode ser um adulto indeterminado, como na primeira fase, e pode ser um substituto do pai, como um professor ou qualquer outra autoridade (FREUD, 2016 [1919]). A fantasia, na terceira fase, volta ao sadismo da primeira. Sistematizando: sadismo na primeira, masoquismo na segunda e um retorno ao sadismo na terceira. De todo modo, a terceira fase é sádica somente na forma, pois a satisfação que produz é masoquista. Em *Bate-se numa criança* (1919), Freud já descreve as empreitadas das fantasias – a dimensão do sofrimento – pautadas na pulsão de morte, que seria definida em 1920. Por mais que exista, para o neurótico, pensando no fim do Édipo, uma “superação” perversa, as fantasias permanecem, ainda que com novas roupagens, com seu gérmen perverso (STOLLER, 2015).

Ainda que, nesse escrito de 1919, não tenha colocado o complexo de Édipo em evidência, o pai da psicanálise o tomou como o fundamento das estruturas clínicas: a perversão é legatária da carga libidinal originada no Édipo, podendo, inclusive, aos moldes do masoquismo, eximir-se da culpa a que está ligada – o que deslinda o gozo obtido no sofrimento e fustigações. Na análise d’*O homem dos lobos* (1918), pode-se encontrar o horror de prostar-se aos desejos passivos, advindos da identificação com a figura materna, na cena primária ou, em outras interpretações, na cena sádica do coito: o paciente, ao relatar que, quando criança, assistiu a três coitos entre seus pais, faz Freud afirmar que a teoria sádica¹⁵ demonstra a impossibilidade de elaborar a diferença entre os sexos – diferença entre

¹⁵ Embora o Marquês de Sade tenha constituído o modelo utilizado por Krafft-Ebing para cunhar o termo sadismo, isto é, a perversão sexual em que práticas como pancadas, flagelações, humilhação física e moral” são ingredientes de satisfação de sujeitos que gozam a partir do sofrimento infligido ao outro, a literatura desse escritor francês, pela própria característica das composições libertinas, expõe inúmeras facetas dos modos de expressão de comportamento e sexualidade considerados desviantes.

ativo e passivo (agressor/agredido) (PAJAZCKOWSKA, 2010). Explica-se, portanto, a motivação da ideia, no caso em análise, de que os pais não estão numa relação sexual, mas se *agredindo*. Eis a *infamiliar* relação, que será proficuamente trabalhada em *O problema econômico do masoquismo* (1924), entre os componentes eróticos e horríficos nas perversões. Ao estabelecer um elo entre o masoquismo¹⁶ do caso do *Homem dos lobos* e a fantasia de espancamento da criança do artigo de 1919, observa-se, em termos sistemáticos: “sou aquela criança e meu pai está me copulando desta maneira em que me espanca tão dolorosamente porque ele me ama.” (MELTZER, 1989, p. 159). A partir de 1920, Freud estabelece um fértil diálogo entre a estrutura das perversões com os percursos edípicos do desejo, apontando para a recusa da castração como o germe de estruturas que escapam à neurose. Não à toa, em *A organização genital infantil* (1923), o psicanalista consigna o conceito de *mecanismo da recusa* (*Verleugnung*) da castração, que fundamenta a estrutura perversa:

Sabemos como as crianças reagem às primeiras impressões da ausência de um pênis. Rejeitam o fato e acreditam que elas realmente, ainda assim, veem um pênis. Encobrem a contradição entre a observação e a preconcepção dizendo-se que o pênis ainda é pequeno e ficará maior dentro em pouco, e depois chegam à conclusão emocionalmente significativa de que, afinal de contas, o pênis pelo menos estivera lá, antes, e fora retirado depois (FREUD, 2011 [1923], p. 182)

Apesar de não aparecer nos *Três ensaios* e ser acrescentada apenas em 1923, nesse artigo supramencionado, a fase psicosssexual

¹⁶ O masoquismo foi um termo criado pelo renomado psiquiatra alemão a partir do nome do escritor e jornalista austríaco Leopold Ritter von Sacher-Masoch, o qual ganhou notoriedade graças à obra *A Vênus de Peles*, narrativa que tem como plano de fundo uma relação masoquista, a qual Krafft-Ebing interpretou como modelo da manifestação perversa em que circunstâncias tipicamente associadas ao sofrimento, tais como a flagelação, humilhação física e moral, e a fustigação, são vividos e expressos pelo sujeito como forma de satisfação.

posterior à oral e à anal, é a *fálica*. O que diferencia, fundamentalmente, a fase fálica do infantil, que ocorre entre 3 e 5 anos, da fase genital do adulto, é que, quando criança, há apenas um objeto sexual reconhecido: o pênis. Na *fase fálica*, protótipo da organização genital definitiva, o prazer sexual e as fantasias se direcionam para a região genital: no menino, o pênis; na menina, o clítoris, que assume o estatuto fálico, uma vez que, nas fantasias infantis, todos os seres humanos são dotados do pênis (teoria infantil da universalidade do pênis). Não se trata de um mero apêndice que o menino traz em seu corpo, mas uma fantasia, uma superestimação simbólica que se ergue enquanto emblema de poder. Dessarte, no ápice do narcisismo, as crianças, meninos e meninas, focalizam o prazer no pênis – mais do que um órgão, um emblema simbólico. A criança entre os 3 e 5 anos, percebe que a região peniana, tornando-se a zona erógena, mostra-se extremamente rica em percepções e prazeres

Todavia, além de ser um objeto de prazer, o pênis é adorado e transformado, por investimentos narcísicos e fantasísticos, em um emblema de poder e símbolo de força. Por isso, a criança, ao cultuar o pênis, transforma-o em um signo que ultrapassa a biologia e assume a categoria de Falo, que é o pênis adornado pela fantasia, alojado em um lugar idealizado e símbolo onipotente. Por ser cerimonialmente cultuado, torna-se um representante de fraqueza e de vulnerabilidade, cuja perda seria um abalo narcísico e motivo de grande angústia. No início da fase fálica, menino e menina acreditam que todos os seres humanos têm “um falo”. Trata-se, acima de tudo, de uma ilusão narcísica, que, para sustentar uma fantasia de plenitude, atribui-se um falo para todos os indivíduos. Ancora-se, na concepção fantasística, um corpo bissexual, um mecanismo pelo qual a criança, segunda a percepção freudiana, *nega* a possibilidade de ser castrada (FERRAZ, 2017).

Embora já tenha passado por perdas severas em sua vida, como: o desmame, expulsão de excrementos, que são tratados como objetos do próprio corpo, assim como o abandono de possíveis anteparos para

suportar a ausência materna, como um “paninho” – o que Winnicott (2019 [1971]) chama de *objetos transicionais* –, insofismavelmente, apenas com a percepção que *nem* todos os seres humanos são possuidores de um órgão peniano que ocorre um abalo torturante e (des)estruturante no narcisismo infantil. Por um lado, a idolatria da criança é seguida por uma angústia: o menino teme que seja castrado o seu pequeno apêndice e objeto de grande prazer; a menina, por seu turno, entra em sofrimento por entender já o tê-lo perdido. Na análise do *Homem dos lobos* (2010 [1918]), Freud pôde perceber que o paciente, na infância, resistiu às investidas incestuosas de sua própria irmã, mas preferiu seduzir e praticar atividades masturbatórias para a sua amada babá, Nanya. Porém, essa cuidadora, percebendo o significado de tal onanismo infantil, repreendeu o pequeno, alertando que as crianças praticantes tais atos ficam com uma “ferida nesse lugar” (MARANGONI, 2022). De início, a ameaça verbal de castração não surtiu efeito; doravante, durante o momento em que sua irmã e uma amiga urinavam, o pequeno Serguei percebeu que há seres castrados e seres fálicos, tornando-se preocupado sobre própria perda do seu pênis (objeto de potência e prazer). Se o menino, frente a seres sem pênis, angustia-se, a menina, observando o apêndice do menino, vê-se decepcionada, por não ter o mesmo objeto que o menino tem. Enquanto o menino entra na chamada “fantasia da angústia de castração”, a menina enfrenta a “fantasia da dor de privação” (NASIO, 2007). É nessa fase fálica, localizando anterior à angústia de castração para o menino e posterior a dor de privação para a menina, que Freud situa a existência de um conjunto de fantasias e sentimentos, tanto hostis quanto amorosos, que a criança endereça àqueles que lhe ofertam cuidados: o complexo de Édipo.

Em *A dissolução do complexo de Édipo* (1924), o psicanalista apresenta que, ante a angústia perpetrada pela castração, a *saída perversa busca contorná-la*: o complexo de Édipo, ao invés de sucumbir, dissolvendo-se pelas forças do recalçamento, ganha novos contornos e se reveste de outras indumentárias, a partir da *recusa* da realidade inexorável

da castração, do cerceamento dos desejos infantis. Não por acaso, na base da chamada *fantasia da universalidade do pênis*, reside os predicativos seminais dessa recusa à castração: existe a necessidade de uma fantasia de completude, uma recusa da falta – não existe assimetria/alteridade entre o eu e o outro. Por outro lado, quando a criança se depara com a castração, quando se depara com a diferença sexual, não tem como ignorar a chamada diferença sexual – há, portanto, uma quebra narcísica (BLEICHMAR, 1984). A percepção da diferença sexual vai causar um ‘furo’ no narcisismo, assim como causar um abalo estrutural na ilusão onipotente: alguns, angustiados, aceitam a contragosto à falta – eis os neuróticos; outros, rejeitando, confeccionam engrenagens capazes de solapar o horror da castração, tamponando-a – eis os perversos (IZCOVICH, 2019). No manejo perverso, a recusa se configura enquanto uma oclusão do trabalho do recalque. Com efeito, as diferenças e as leis se tornam porosas, claudicantes e, com a função paterna debilitada, os impulsos incestuosos da primeira infância, endereçados ao primeiro objeto – proibido – do desejo, são reelaborados na vida adulta e, edipicamente, reencontram, à luz da cultura, novos objetos interditados e filiações proibidas (FERRAZ, 2017).

Com o desenvolvimento da segunda tópica, Freud passa questionar a primazia da pulsão de vida como guardião do psiquismo humano, estabelecendo uma relação entre o masoquismo com o princípio de prazer, como se pode evidenciar no enigmático *O problema econômico do masoquismo*, de 1924. As constatações freudianas direcionaram para uma articulação entre o masoquismo e o sadismo, circunscritos pelo psicanalista por meio do termo sadomasoquismo, inferindo que o masoquismo não se trata de uma mera exposição ao desprazer como amostra de um limite do prazer, mas de como ele aponta para um *prazer experimentado na vivência possível da ultrapassagem do horizonte que a maioria tende a determinar como limite* – o gozo. Tais elucidações freudianas, que esgarçam as movimentações pulsionais, tornam-se basilar para para uma concepção *plástica* da sexualidade. Durante suas reformulações teóricas sobre o

sadismo/masiquismo, Freud esclarece que não podem ser confundidas com as perversões sadomasoquistas. Em *A Metapsicologia* (1920), o psicanalista indica que a pulsão sadomasoquista é autoerótica como toda pulsão parcial. Entretanto, a fase anal do desenvolvimento psicosssexual escancara a essência humana da obtenção do prazer pela imposição ou submissão a dor. Desde a mais tenra idade, o sujeito logra gozo através dos estímulos que impõem ao próprio corpo. As pulsões sádicas de dominação, submissão, dirigidas ao objeto (o eu – próprio corpo) são recebidas e, sob os efeitos dessas pulsões, revertem tais sensações em gozo masoquista. O masiquismo é concebido como uma pulsão parcial, entretanto, única e exclusivamente por meio da mediação do recalque. O mecanismo psíquico do recalque associado, intensificado, pelo sentimento de culpa se configura como a etiologia das perversões sadomasoquistas. Se nos *Três ensaios*, Sigmund Freud coloca a origem das perversões na regressão e fixação em um dos estágios pré-genitais, as perversões sadomasoquistas estariam, também, nessa circunscrição, porém evolidas sob o véu da culpa.

Wellson (2005) define a perversão sadomasoquista como sendo um arranjo inconsciente do sujeito para dar conta dos conflitos e cicatrizes decorrentes de sua travessia pelo complexo de Édipo. A pulsão sadomasoquista passa a constituir um elemento central, no dualismo pulsional freudiano, sendo o masiquismo, como salienta o próprio autor no manuscrito *Ansiedade e Vida Instintual*, a “pedra angular” desse enigma que ronda os pormenores da sexualidade (BLEICHMAR, 1984). Mergulhada nesse contexto lancinante, é possível vislumbrar como o estado de desamparo experimentado por Justine, por exemplo, no ‘espúrio’ romance do Marquês de Sade, contribuiu para a edificação de uma estrutura masoquista, que carece, continuamente, estar à mercê do imperativo de gozo outro – ainda que essa disposição acarrete um tratamento vil em relação a si. Diante das adversidades enfrentadas, o ego de Justine regride a um estágio primitivo de sua formação, com vistas a

se adequar, a tomar o sofrimento como uma forma de ocupar um lugar no mundo, de ser acolhida, mesmo que de maneira extremamente precária e destrutiva em meio ao laço social (ROUDINESCO, 2008). A partir desse arcabouço, Freud, em *Fetichismo* (2010 [1927]), aduz que o fetiche ou a parte/objeto fetichista é um substituto do pênis – da mulher, da mãe. Perante o horror da castração, ao passo que vislumbra da falta do pênis na mãe, tem sua onipotência narcísica abalada, visto que se a mãe foi castrada, o seu próprio objeto de júbilo e prazer também é passível de ser cortado. Eis que, a fim de manter inconscientemente essa onipotência da completude dos corpos, o mecanismo da recusa é mobilizado no intento de *manter o pênis vivo*, mas deslocado para outro objeto e/ou para uma parte do corpo, isto é, o fetiche.

2 AS DEFLORAÇÕES CAÚSTICAS NO CORPO LITERÁRIO DE LIMA BARRETO

2.1 Do mal-estar na cultura às ruínas subjetivas do eu: o colapso da modernidade

Os percursos da violência, em que pese serem rechaçados pela moral civilizatória, são trilhados inexoravelmente pelo ser humano. Reverberando, na psique humana, desde as calendas da antiguidade, pode-se dizer que a violência ou o semblante agressivo da conduta humana são marcas (des)construtivas da subjetividade e, portanto, expressam-se, sob várias roupagens, ao longo das épocas. Ao longo da História, testemunha-se os copiosos momentos em que o ser humano pode atingir, não apenas no que diz respeito a genocídios em massa, mas faces bárbaras e hostis na (psico)patologia da vida cotidiana, no ordinário.

De acordo com Freud, o sentimento de piedade, caso seja confeccionado pela civilização, no indivíduo, surge apenas tardiamente.

Não à toa, o mestre vienense percebe que crianças apresentam uma singular crueldade com animais e outros colega: “A ausência da barreira da compaixão traz consigo o perigo de que este vínculo estabelecido na infância entre as pulsões cruéis e as erógenas resulte indestrutível mais tarde na vida.” (FREUD, 2016 [1905], p. 175). Ou seja, após seus escritos seminais acerca das históricas, sonhos, inconsciente, narcisismo e sexualidades; cunha, posteriormente, sobre a civilização, disserta: [...] o ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode defender, quando atacado, mas sim que ele deve incluir, entre seus dotes instintuais, também um forte quinhão de agressividade.” (FREUD, 2020 [1929], p. 57). O mestre vienense, em uma referência direta ao pensamento *hobessiano*: “o homem é o lobo do homem”, ainda postula acerca da extinção do amor e a alienação conjunta.

Freud, em *Considerações atuais sobre a guerra e a morte* (1915), pontua que: o fato da violência compor o arcabouço humano, desde as primitivas relações de um sujeito com o outro, evidencia que esse fenômeno também engloba o engendramento dos laços que constituem a chamada “civilização” (FREUD, 2010 [1915]). No mito de *Totem e tabu* (1912), o psicanalista afirma que, após a morte do patriarca tirânico, os irmãos se submetem ao pacto civilizatório, estabelecendo-se, com efeito, as relações *horizontais* entre os semelhantes. O parricídio intensifica, a um só tempo, os laços fraternos e amistosos, assim como as rivalidades, visto que os irmãos, filhos iguais ante a tirania do pai primitivo, têm que lidar com as suas idiossincrasias. A fim de poder conviver na cultura, os irmãos pagam o preço de renunciar suas aspirações pulsionais desmedidas, (per)laborando a culpa pelo crime por intermédio de ideias e legislações que representem o patriarca morto.

Eis que, dessa narrativa mítica, Freud prevê o gérmen, sustentados pela renúncia pulsional e instauração da lei, dos laços sociais e fraternos. Como Eros suplica por aglutinações crescentes e complexas ou, em termos aristotélicos, o homem é um animal político ou um ser social, a amizade

vem, no bojo do processo civilizatório, como pilastra do pacto social. Não à toa, o agrupamento das massas, com seu gérmen na sexualidade. Alargando, em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), os engendres que mobilizam o ajuntamento das pessoas em grupos, formando enlaces amistosos e fraternais. Se, na vida individual, prevalecem as diretrizes do narcisismo, o eixo organizador da ligação mútua dos indivíduos das massas, na reunião dos amigos, com suas metas sexuais desviadas, é a identificação entre si por meio do amor – ou ódio – a um mesmo objeto. O filho mais velho, na dinâmica familiar, seguramente anseia desalojar, movido pelo ciúme, o filho mais novo, mantendo-o longe dos pais; mas, logo o primogênito é obrigado a se *identificar* com os outros, formando-se um grupo de crianças (amigos), cuja reencenação pode ser vislumbrada nos laços de amizade na escola: “a transformação e substituição do ciúme por um sentimento de massa no quarto das crianças e na sala de aula.” (FREUD, 2020, p. 125).

Eis que mítica grega, da origem do mundo, ilustra a teoria freudiana: encorajados por Gaia, os filhos enclausurados no seu ventre, unidos, formam uma massa e, odiando *igual e mutualmente* Urano, o Pai, matam-no. Presente na estética brasileira, por sua vez, o conto *A Casa do Girassol Vermelho* (2010), de Murilo Rubião, ergue-se como um emblema do pensamento freudiano acerca dos laços amistosos e grupais; aos moldes dos irmãos da horda e dos filhos de Gaia, os companheiros, ora irmãos ora amigos, estabelecendo laços em comum, *unem-se* para fomentar a morte do pai tirano, o velho Simeão: “Agora a alegria era desbragada. Pisávamos na memória do velho Simeão, escarrando no passado. No dia anterior, cuspiríamos no seu rosto de defunto.” (RUBIÃO, 2010, p. 64). Conforme o pai da psicanálise, drenada e (des)sexualizada, a pulsão consagrar-se-á ao serviço do interesse cultural, vicissitude que lhe permitirá escapar ao recalque. O papel das amizades, na economia psíquica dos indivíduos, é confeccionado tanto pela força da cálida da paixão quanto pela ternura/afetividade das relações primárias com a família. O mestre

vienense consigna que, para evitar o mútuo conflito entre os “irmãos”, que compõe a horda cultural, foi necessário instaurar leis que, em termos simbólicos, castraram a agressão mútua, a violência entre os seres sociais, uma vez que a *agressividade*, que os integra, provoca ranhuras na existência da coletividade, da civilização.

A própria ênfase dada ao mandamento "Não matarás" nos assegura que brotamos de uma série interminável de gerações de assassinos, que tinham a sede de matar em seu sangue, como, talvez, nós próprios tenhamos hoje. Os esforços éticos da humanidade, cuja força e significância não precisamos absolutamente depreciar, foram adquiridos no curso da história do homem; desde então se tornaram, embora infelizmente apenas em grau variável, o patrimônio herdado pelos homens contemporâneos. (FREUD, 2010 [1915], p. 335).

Através dessa premissa, pode-se afirmar, a partir da compreensão psicossocial da doutrina freudiana, que o hodierno estado da cultura se afasta dos seus precedentes históricos, uma vez que, pressupõem-se que, na evolução do processo civilizatório, deveria existir um convívio mais pacífico entre os indivíduos – o que, atualmente, na contemporaneidade, não há: “o homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança.” (FREUD, 2010 [1930], p. 124). Em outros termos, a ciência psicanalítica consigna que a violência, entre os indivíduos, é uma insígnia da debilidade dos alicerces que ancoram o convívio parcimonioso na comunidade, uma vez que as manifestações da violência, na Psicanálise, são sintomas da ruptura ou abalo do laço social (JONES, 2021). Na contemporaneidade, essa reverberação sintomática ganha contornos evidentes, visto que a violência assume um *lócus* hegemônico, através de sistemas simbólicos, que tendem a garantir uma hierarquização dos grupos, posições sociais, num ímpeto de, em termos foucaultianos, docilizar os corpos, os costumes e a sexualidade; colocando, portanto, os que não se encontram nesse arcabouço “moral”, às margens (ROUDINESCO, 2022). Cumpre salientar que os dias hodiernos são

marcados por copiosos discursos, explícitos ou velados, que inserem os múltiplos engendres da violência sob um caráter de permissividade, validando-a à luz, por exemplo, dos mecanismos publicitários, ideológicos ou políticos; o que, com efeito, reconfigura o manejo como se arrolam os laços no atual contexto cultural, visto que os dispositivos culturais tem, em si mesmos, uma inexorável influência na ‘confeção’ das subjetividades (BIRMAN, 2019). Dessas tramas (des)orientadoras da civilização, a modernidade pode ser vislumbrada como ‘à deriva’ ou, em outros termos, o ser humano moderno, amiúde, sem âncoras e com os antigos referenciais míticos-religiosos em ruínas, encontra-se “desbussolado” (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021). A modernidade “à deriva” é uma condição em que a sociedade contemporânea se encontra, caracterizada por uma falta de direção clara, assim como marcada uma crescente instabilidade social, política e cultural. Eis o chamado “naufrágio das subjetividades” humanas que, no mundo contemporâneo, é um fenômeno complexo que se manifesta de diversas formas, mas que se relaciona fundamentalmente com a transformação das estruturas sociais e culturais que sustentam a nossa existência.

2.2 Naufrágios subjetivos, âncoras perversas: o humano moderno à deriva

Em um mundo, com fronteiras múltiplas e identidades plurais, cada vez mais globalizado, complexo e instável, as subjetividades humanas têm sido, inquietantemente, atravessadas por ranhuras, capazes de desestabilizá-las, levando, amiúde, à perda de identidade, sentido e propósito de vida. As transformações tecnológicas, econômicas e sociais, promotoras de transformações abruptas e agudas, nas relações intrassubjetivas e inter-humanas/interpessoais (BIRMAN, 2020). Nessas tramas, a subjetividade humana pode ser vislumbrada, no contemporâneo,

em frangalhos, desintegrada, fragmentada e despersonalizada, conduzindo a uma sensação de isolamento e desconexão. O abalo das arquiteturas referenciais enrijecidas, como a dinâmica familiar, as configurações religiosas, as tradições culturais, podem, à revelia, sem âncoras, capazes de confeccionar sua identidade solidificada (DUNKER, 2017).

A pressão constante para se adaptar às novas demandas e, celeremente, ajustar-se às mudanças, pode ocasionar uma percepção de esgotamento, exaustão e impotência. Por outro lado, a exposição em demasia às redes sociais e à mídia, através da exaltação, por exemplo, de corpos perfeitos e padrões de vida – inatingíveis desde a sua origem –, pode, por consequência, ocasionar um sentimento de inadequação e insuficiência; sustentando, por resultado, uma tentativa de abonação externa e reconhecimento. Eis que, desses enredos caóticos da pós-modernidade, erguem-se (ou não) subjetividades débeis, estilhaçadas e puídas, sem ancoragem em uma identidade enrijecidas. Esse caráter quebradiço da malha subjetiva pode, como tentativas de recuperação, pôr em marcha movimentos de reparação, através de paliativos, como os descritos por Freud, em *Mal-estar na civilização* (1930), como entorpecentes – lícitos ou ilícitos –, assim como artimanhas violentas e autodestrutivas (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2018).

A sociedade contemporânea, nos seus semblantes hodiernos, parece estar à *deriva*, flutuando sem um curso definido, sem um sentido claro e sem um propósito que guie sua existência. Neste contexto, o ser humano moderno, imerso nessa realidade fluida e incerta, tem se mostrado desorientado, desbussolado, sem âncoras sólidas que o mantenham seguro em sua jornada (DUNKER, 2015). As raízes desta condição precária se encontram, por exemplo, nas transformações sociais, culturais e tecnológicas arroladas nas últimas décadas, que têm impactado profundamente os engendres dos relacionamentos e as dinâmicas do mundo do trabalho. A insurgente mutabilidade econômica e política, as transformações dos valores tradicionais e a *hiperconexão* virtual são

prerrogativas que fomentam a desorientação e o cansaço (SAROLDI, 2011). Outrossim, a escassez de uma mobilização grupal e uma ranhura do horizonte, em termos prospectivos, faz com que muitos indivíduos se sintam “perdidos”, náufragos em um mar revolto de possibilidades, sem destino estável e demarcado. A exiguidade de uma perspectiva singular e nítida, compartilhada do mundo, assim como dos papéis e funções que, amiúde, encontram-se difusos, podem construir uma percepção de fúteis, de vazio existencial, numa empreitada contínua de prerrogativas que preencham esse espaço e, conseqüentemente, confirmem e outorguem sentido à vida (DUNKER, 2017).

Nesse contexto, emergem diversas formas de violência, que se propagam em uma sociedade líquida e fluida, na qual as relações humanas, sem o “peso” que são, tornam-se cada vez mais superficiais e efêmeras (BAUMAN, 2001). A chamada “sociedade líquida” é um conceito cunhado pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que descreve a atualidade como uma época em que as estruturas sociais, políticas e culturais estão em constante mudança e transição (BAUMAN, 2022). Nessas tramas, as relações humanas, marcadas pela superficialidade e pela falta de comprometimento duradouro, são forjadas por uma sensação de incerteza e insegurança, que se manifestam de várias formas, como o aumento da violência e da criminalidade (BAUMAN, 2021). Física, emocional ou psicológica, as configurações violentas ganham variadas roupagens, seja em agressões domésticas seja em hostilidades políticas, econômicas ou ideológicas (HAN, 2015). Em síntese, a “modernidade à deriva” e a sociedade líquida são fenômenos complexos e multifacetados, que se manifestam de diversas formas, incluindo a violência. Ou, em outros termos, as manifestações violentas, na contemporaneidade, ganham novas máscaras e outras indumentárias, quando comparadas às épocas anteriores, em decorrência do que, em termos sociológicos, pode-se chamar de “colapso da modernidade” (GIDDENS, 2002)

O “colapso da modernidade” brasileira pode ser compreendido como uma expressão da crise mais ampla da modernidade ocidental, caracterizada pela erosão de valores universais, pelo declínio das instituições e pela emergência de um individualismo hedonista e fragmentado. No caso específico do Brasil, essa crise se manifesta de forma aguda, em uma sociedade que parece gravitar em torno do “nada”, à deriva, sem um projeto nacional claro ou uma identidade coletiva sólida (BECK, 2011). Essa ausência de rumo se reflete em diversos aspectos da vida social, econômica e política do país. A desigualdade social, por exemplo, é uma das mazelas mais evidentes, que afeta profundamente a vida de milhões de brasileiros, gerando uma sensação de impotência e revolta (BAUMAN, 2022). A esta realidade soma-se uma cultura de violência enraizada em nossa sociedade, que se expressa em diversos níveis, seja na violência estrutural que se manifesta nas desigualdades sociais, no racismo, na homofobia, no sexismo e na discriminação de gênero; seja na violência institucional perpetrada pelas instituições do Estado, em especial nas periferias urbanas; seja na violência interpessoal, que se expressa nas relações familiares, nos conflitos entre grupos rivais e nas situações de violência doméstica (HAN, 2017). O crime organizado, a criminalidade comum, a violência policial, os conflitos agrários e a violência de gênero são algumas das formas em que a violência se manifesta no Brasil, gerando traumas profundos e deixando cicatrizes que se estendem por gerações.

2.3 Deflorações à brasileira: percursos (nada) ilibados do desejo nos alfarrábios literários

Refletindo a respeito do panorama hodierno da confecção literária brasileira contemporânea, Candido (1987) consigna o modo pelo qual o caráter aviltante, antissocial e agressivo do ser humano o seu traço mais agudo. Essa perspectiva, que Candido (1987) pondera, é erguida à luz de uma literatura que, entre outros predicados, demarca como a sociedade

brasileira, desde o seu gérmen – nos tempos coloniais –, é atravessada por uma configuração severamente hierarquizada, cujas posição, rígidas e impassíveis, tendem a sustentar sujeitos/classes em um *lócus* hegemônico e dominador.

A literatura brasileira atual acentua as configurações interpessoais cindidas entre: os que estão acima – privilegiados em termos sociais, econômicos e políticos –, e os que estão abaixo – os que sofrem com as mazelas e as precariedades presentes na cultura. Nesse arcabouço-sintoma, a literatura contemporânea consegue, a seus moldes, confeccionar contornos ao ser humano – à deriva – próprio dessa pintura, arquejado por uma configuração socioeconômica que permite o alargamento dessa querela, em que os indivíduos que se encontram num estrato socioeconômico sustentado por privilégios, que são tolhidos pelo processo cultural, visto que perpetra, a fim de manter, lugares e papéis proscritos, através da exploração da força de trabalho. Esses indivíduos, divorciados dos privilégios da burguesia, sobretudo os que são, violentamente, alojados em ambientes inóspitos e desfavorecidos, testemunham a arquitetura do ser humano contemporâneo, desordenado em essência. No arcabouço dos emblemáticos escritores brasileiros contemporâneos, deparamo-nos com Rubem Fonseca (1925-2020), um dos mais argutos em traduzir as copiosas representações da violência, do estado bárbaro, que açoita o cotidiano social. Produto de um contexto, que vislumbrou dissidências e guerras – internas e externas – em escala global, as quais modificaram, de modo inexorável, o modo pelo qual e os indivíduos e as sociedades começaram a se relacionar. Com efeito, na estética de Fonseca, sobretudo em sua contística, pode-se vislumbrar as ranhuras na sociedade, sob a forma de violência e criminalidade, os quais ganham semblantes que ultrapassam um arranjo linguístico-descritivo, contemplando-se, portanto, aspectos sociais e individuais.

Em *O cobrador* (1979), por exemplo, as reverberações da violência são expressas como perpetrada pelos marginais, porém, em si mesmo, a

partir de um sentimento de reparação por parte de quem a empreende. No texto, o narrador-personagem se lança em uma trajetória de punir e castigar vários indivíduos privilegiados, numa tentativa de reparação social e econômica. Em outros termos, a violência é endereçada como modo de restauração desse indivíduo às margens em relação aos que, (in)diretamente, em sua perspectiva, são os causadores pela deterioração de sua existência. Esse antecedente já se apresenta desde os primeiros momentos da narrativa, uma vez que o protagonista, inominado, portanto um revólver 38, nega pagar um procedimento odontológico: “Eu não pago mais nada, cansei de pagar!, gritei para ele, agora eu só cobro!”. Em seguida, conclui a primeira de suas agressões da seguinte forma: “Dei um tiro no joelho dele. Deveria ter matado aquele filho da puta.” (FONSECA, 2019 [1979], p. 14). Doravante, manifestando seu empreendimento de restituição, o narrador-personagem evidencia: “Estão me devendo comida, buceta, cobertor, sapato, casa.” (FONSECA, 2019 [1979], p. 14). O cobrador, ante o desamparo social e as ruínas subjetivas, atua, como revide, sob a estrutura do ressentimento, do ódio e, sobretudo, da violência. Eis que o perigo e desamparo, no caso da narrativa, são traduzidos a partir de crimes bárbaros e hediondos, contando com estupros e assassinatos – mecanismos cruéis e perversos de dissolver a subjetividade de outrem; ao que parece, trata-se de uma tentativa perversa, em termos inconscientes, de igualar os outros indivíduos a sua própria ruína subjetiva: “Quando satisfaço meu ódio sou possuído por uma sensação de vitória, de euforia que me dá vontade de dançar [...]” (FONSECA, 2019 [1979], p. 23).

Emblema da estrutura perversa, o fetichismo diz respeito a um invólucro protetor, que encobre a castração. Nesse célebre artigo, Freud recorre ao caso clínico de Karl Abraham, de 1910, que expôs o fetiche de um dos pacientes por pés. Segundo esse Abraham, os pés femininos, assim como os saltos dos sapatos eram, para o paciente na ocasião, substitutos inconscientes do pênis da mulher e, através das fantasias

enlaçadas ao fetiche, tinham por objetivo sustentar o interesse erótico pueril. O perverso, colocando um véu sob o objeto, *desliza*: consegue transformar o objeto, que escapa, em um objeto-fetiche, fixo e parado – aos moldes de uma necrofilia, por exemplo. O sujeito sabe que é faltante, mas artimanhas, que é o fetiche – reduzindo o outro a uma parte do corpo –, capaz de tamponar a ausência do falo, solapando a castração (FREUD, 2010 [1927]). Nos alfarrábios literários, não raro, as engrenagens do fetichismo ganham seus contornos estéticos e ficcionais, a exemplo do conto *Dentro da noite* (1910), de João do Rio, que oferta, a um só tempo, as empreitadas sádicas e fetichistas do desejo. Na diegese em análise, deparamo-nos com Rodolfo, jovem submerso em aflição, que confia a um amigo seu ímpeto adictivo em espetar moças com alfinetes, uma prática esdrúxula que vitimiza, inicialmente, sua noiva, numa necessidade inexplicável de machucar o braço da amada, fazendo-a sofrer. No primeiro bloco, a pobre senhorita reverencia, passivamente, o empreendimento sádico do noivo, despontando-se como uma paciente legítima ao sacrifício. Em outro momento, desfaz o duplo compromisso, quando o rito é descoberto e, com efeito, interditado pelo pai. Rodolfo, contudo, irrequeto, busca prostitutas e, doravante, ataca jovens aleatórias, vítimas claramente circunstanciais, que trafegam, em passos serenos, pelas ruas. O personagem descreve a sensação dúbia de horror e prazer que lhe causa a consumação de seu desejo sádico. O objeto-fetiche ganha um estatuto, uma importância e uma ascendência sobre o indivíduo, alienado ao objeto, semelhante àquela inscrita na economia totêmica, dos povos primitivos.

Outro semblante da perversão e, especificamente, da violência sexual, pode ser vislumbrado no conto “A língua do P”, de Clarice Lispector, que relata a história de uma professora, no mesmo vagão que dois estranhos, que estão orquestrando o seu estupro no momento em que passarem pelo próximo túnel: “Queriam dizer que iam currá-la no túnel...O que fazer? Cidinha não sabia e tremia de medo. Ela mal se conhecia. Aliás nunca se conhecera por dentro. Quanto a conhecer os outros, aí e que

piorava. Me socorre, Virgem Maria! Me socorre! Me socorre!” (LISPECTOR, 2020 [1974], p. 68). Nessas tramas, a violação sexual se insere como: “[...] uma surpresa catastrófica que submerge o sujeito e derruba-o, lançando-o em uma torrente rumo a um lugar que ele não desejava ir. É rompida uma bolha protetora, na qual o sujeito se guardava [...]” (MALGARIM; BENETTI, 2010, p. 22), o *momento* em do “rompimento da bolha”, sentido como *não historicizado* pelo sujeito estuprado. Escuro e claustrofóbico, eis o que escapa à vítima do estupro: o *túnel*, local onde a realidade e a fantasia, para tentarem dar contornos ao trauma, mesclam-se, assim como as reminiscências se perdem e se confundem. Após o trauma, o cosmo psíquico é preenchido, amiúde, com fragmentos e retalhos, claudicantes, precários e incertos, que o sujeito tenta compor o mosaico da sua vida antes da experiência traumática, no intento de retomá-la.

Na *Valsa nº 6* (1951), de Nelson Rodrigues, põe-se em cena Sônia, uma adolescente de 15 anos, em monólogo, que tenta retomar lembranças, mescladas com retalhos da realidade e da fantasia, do dia em que foi estuprada e, depois, assassinada por Paulo: “Vejo restos de memória, boiando num rio, [...] Num rio que talvez não exista [...] Vejo também pedaços de mim mesma por toda parte... (numa revolta) Meu Deus, como era mesmo o meu rosto, meus cabelos, cada uma de minhas feições? [...] Minha senhora, esqueci meu rosto.” (RODRIGUES, 2012 [1951] p. 21). Por outro lado, o *frenesi* ou o arroubo do “túnel”, do ponto de vista do agressor perverso, cujas barreiras da lei se abalam e são ultrapassada pelo seu desejo, pode ser vislumbrado como uma movimentação inconsciente, posto que, por vezes, a mera vontade *consciente* de refrear os impulsos torna-se incapaz e insuficiente ante a vítima. Numa nota de rodapé, em *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901), Freud declara: “[...] o caso não é diferente de um ataque sexual contra uma mulher, onde o ataque do homem não pode ser repellido por sua força muscular total porque parte dos seus impulsos inconscientes encorajam o ataque.” (FREUD, 2018

[1901], p. 221)¹⁷. Pelo ponto de vista da vítima, a impossibilidade de reação (ou ab-reação) da vítima após o estupro, pode ser vislumbrada, por exemplo, no conto “Almoço na Serra do Domingo de Carnaval”, presente no livro *O cobrador* (1979), de Rubem Fonseca:

Estávamos andando por dentro do bosque, indo na direção do rio. Sônia havia colocado um roupão sobre a roupa de banho. Paramos em frente à cachoeira. Tirei o roupão de Sônia e coloquei-o no chão. É pena que você não esteja de calção, podíamos tomar um banho de cachoeira, disse Sônia aflita. Deita, eu disse. Não, meu bem, por favor. Agarrei os ombros de Sônia e sacudi o seu corpo. Por favor, você está me machucando. Obriguei-a a deitar-se. Arranquei o seu biquíni. Vira de costas, anda. Você acha que é assim que um homem trata a mulher que ele ama? Cala a boca, eu disse, agarrando-a com força. Quando acabei, levantei-me e fui embora sem olhar para trás (FONSECA, 2019 [1979], p. 111).

A “reação se perde” no bosque dos desejos do outro e as marcas, que não passam incólumes, permanecem sem serem historicizadas, para fora da história da vítima do abuso, aos moldes das históricas, cujas lembranças foram “caladas”, lançadas e enclausuradas no porão da arcada dentária de sua boca, pelas mãos acachapantes do abusador. Ainda nas plagas da perversão, na qual’ o abusador perpetra, subjugante e sadicamente, seus desejos ao outro. Configurações melancólicas e sadomasoquistas podem ser vislumbradas entre os personagens do conto *A causa secreta*, de Machado de Assis. A narrativa envolve os personagens: Ana Luísa, Fortunato (casados) e Garcia. Os três mantêm imbricações psíquicas que transitam entre a dor e o prazer, proporcionando assim um gozo corrosivo. O Sr. Fortunato Gomes da Silveira, enigmático desde as primeiras linhas, mostra-se encantado por uma cena de peça teatral composta por requintes de violência e crueldade. Vejamos como é

¹⁷ Cumpre salientar, aqui, que Freud *não* está justificando os atos infelizes praticados pelo abusador, mas apenas fazendo uma observação de que existem causações inconscientes que o conduzem a tais atos. Caso praticados, inconscientemente ou não, devem ser punidos com o rigor da lei.

descrita a atenção dispensada pelo personagem à cena mencionada: “A peça era um dramalhão, cosido a facadas, ouriçado de imprecações e remorsos; mas Fortunato ouvia-a com singular interesse. Nos lances dolorosos, a atenção dele redobrava [...] (ASSIS, 2019 [1885], p. 253). O narrador, ao que parece, deixa-nos de forma sutil, a descrição de uma satisfação peculiar do personagem em relação aos momentos teatrais que encenam a dor imposta ao corpo do outro interessante mencionar que tal avidez por esses instantes dolorosos não é notada por ninguém da plateia, apenas por Garcia, “a tal ponto que o estudante suspeitou haver na peça reminiscências pessoais do vizinho.” (ASSIS, 2019 [1885], p. 253).

Desta forma, é através de Garcia que o leitor tem acesso aos aspectos oniscientes dos outros dois personagens. Em outra passagem, temos o relato da saída do teatro: “Fortunato foi pelo beco do Cotovelo, rua de S. José, até o largo da Carioca. Ia devagar, cabisbaixo, parando às vezes, para dar uma bengalada em algum cão que dormia; o cão ficava ganindo e ele ia andando. (ASSIS, 2019 [1885], p. 254). Com as passagens descritas, podemos facilmente identificar uma busca incessante por uma satisfação de uma pulsão sádica. Freud (2016 [1905]) afirma que a pulsão sádica não se restringe a atos considerados, no senso comum, como violentos e conseqüentemente perversos. Nas relações sexuais tidas como normais, as preliminares também são constituídas a partir do sadismo, como dominar o objeto (parceiro), sendo característico de uma posição ativa. Sobre essa relação entre o sadismo e a sexualidade humana, Freud afirma:

No tocante à algolagnia ativa, o sadismo, suas raízes são fáceis de apontar nas pessoas normais. A sexualidade da maioria dos varões exibe uma mescla de agressão, de inclinação a subjugar, cuja importância biológica talvez resida na necessidade de vencer a resistência do objeto sexual de outra maneira que não mediante o ato de cortejar. Assim, o sadismo corresponderia a um componente agressivo autonomizado e exagerado da

pulsão sexual, movido por deslocamento para o lugar preponderante. (FREUD, 2016 [1905], p. 97).

As relações entre Fortunato e a esposa são claras: ela tem conhecimento dos desejos obscuros do marido, ao mesmo tempo que vive dividida entre a esperança de recuperar sentimentos mais brandos na imagem do marido e a angústia que sente diante das práticas sádicas realizadas por ele. Aqui, cabem duas afirmações: o sadismo imposto por Fortunato à Maria Luísa não se configura de forma ativa-física, mas de forma ativa- mental e moral. Outra afirmação se refere à posição subalternizada da esposa em relação ao parceiro. Ela se coloca inferiorizada, não ousa questionar as práticas “grotescas”, e ao mesmo tempo alimenta a oportunidade de recuperar o objeto amado perdido. Ao final da narrativa, o estado de saúde de Maria Luísa se agrava: provavelmente vítima de tuberculose. Concomitante aos cuidados que prestava à esposa em leito de morte, aliás vivenciados com interesse sádico, Fortunato começa a estudar Anatomia dissecando e envenenando gatos e cachorros. Os gritos dos animais atordoavam a esposa algo que somente cessou após pedidos de Garcia. A cena a seguir relata o ápice da narrativa, na qual Fortunato é flagrado pela esposa e Garcia, no escritório, mutilando um rato:

Garcia lembrou-se que na véspera ouvira ao Fortunato queixar-se de um rato, que lhe levara um papel importante; mas estava longe de esperar o que viu. Viu Fortunato sentado à mesa, que havia no centro do gabinete, e sobre a qual pusera um prato com espírito de vinho. O líquido flamejava. Entre o polegar e o índice da mão esquerda segurava um barbante, de cuja ponta pendia o rato atado pela cauda. Na direita tinha uma tesoura. No momento em que o Garcia entrou, Fortunato cortava ao rato uma das patas; em seguida desceu o infeliz até a chama, rápido, para não matá-lo, e dispôs-se a fazer o mesmo à terceira, pois já lhe havia cortado a primeira. Garcia estacou horrorizado. (ASSIS, 2019 [1885], p. 255).

Nessas tramas aviltantes, atravessadas pelo semblante sádico da pulsão e arruinadas por um abusador – sexual, físico ou psicológico –, deparamo-nos, no conto “Dolly”, presente no livro *A noite escura e mais eu* (1995), de Lygia Fagundes Telles com uma brutal defloração sexual de Dolly, seguida por seu assassinado, após uma longa noite de festa e bebedeira. Em um relato repleto de *flashbacks*, Adelaide, responsável por contar a trágica histórica, remonta o passado de Dolly, no viço da juventude, uma aspirante a atriz, assim como relata, em minúcias, a atmosfera sufocante e agônica do presente, no quarto de Dolly, vítima de estupro. Entre idas e vindas, ao longo do conto, deparamo-nos de que modo ocorreu o encontro entre Adelaide e Dolly, antes da sua morte. Interessada em dividir o aluguel da casa, a jovem Dolly coloca um anúncio no jornal que logo interessa a Adelaide: “E se desse certo morar numa casa dividindo as despesas com a dona? Queria tanto ter um quarto só meu [...]. Achei a casa engraçada, achei a moça meio desmiolada mas tão bonita e não era o que eu queria [...]. Quando me despedi dessa Dolly, já sabia que não ia voltar.” (TELLES, 2018 [1995], p. 386). No início da narrativa, quando Adelaide está voltando para casa em um bonde, percebe uma gota de sangue, sem explicação para o leitor, em sua luva. Embora queira voltar para o lugar, ainda desconhecido, que deixara, continua no bonde, voltando para sua casa: “Dolly! eu repito e sinto aquele aperto no estômago mas não tenho mais vontade de puxar a sineta, descer e voltar correndo até a casa amarela, queria tanto fazer alguma coisa mas fazer o quê?!” (TELLES, 2018 [1995], p. 386).

Em um movimento narrativo retrospectivo, Adelaine conta que esquecera alguns cadernos na casa de Dolly e, por isso, foi buscá-los. Todavia, ao chegar na casa da sua amiga, não é atendida, mesmo depois de tocar a campainha. Pelo olhar de Adelaide, o leitor entrever, nas frestas da janela, a (des)organização cênica da casa de Dolly, que compõe o cenário opressivo e inquietante, uma vez que, por entre a bagunça dos móveis e artefatos da casa, eminentemente poderia aparecer um corpo

mutilado: “[...] reparei que a luz estava acesa. Estranhei, ainda era dia. Estranhei também a desordem, cinzeiros e copos espalhados por toda parte, dois pratos com restos de comida ali no chão, mas me lembrei que Dolly é artista e em casa de artista deve ser assim em noite de festa, teve festa.” (TELLES, 2018 [1995], p. 386). Acompanha-se, pelo murmúrio da voz e pelos vacilantes olhos, a entrada aflitiva de Adelaide, que esperava, inicialmente, que sua amiga estivesse em sono profundo: “Quando entrei na casa estava de luvas. Chamei, Dolly! O gato apareceu e fugiu. No silêncio, a desordem. A luz acesa. A porta do escritório estava entreaberta. Espiei e vi Dolly na cama debaixo de um acolchoado. Chamei de novo, Dolly! mas sabia que ela estava morta.” (TELLES, 2018 [1995], p. 387). Eis a descrição nauseante de Adelaide frente ao corpo-objeto de estupro seguido de morte de Dolly, cujo sangue – espúrio –, fruto de uma defloração, destila hemorrágica e repulsivamente, criando um lamaçal coagulante pelas rachaduras do piso do quarto:

Espiei debaixo da cama e então vi a poça de sangue negro, quase negro. Perto da poça uma garrafa vazia que rolou da cama. Rolou ou foi jogada lá embaixo? Estendi o braço e com a ponta do dedo fiz rolar a garrafa de vinho que veio vindo até quase tocar nos meus joelhos. Uma crosta de sangue já coagulado já cobria todo o gargalo da garrafa até chegar à circunferência da boca onde a crosta parecia mais amolecida, fechando essa boca feito um dedal. Dois filetes de sangue tinha escorrido e seguiram paralelos até o rótulo, onde pararam endurecidos sobre duas letras douradas, um B e um A, o relevo das letras servindo de dique para segurar as gota. Abri a boca para respirar e senti o cheiro morno que vinha de debaixo da cama, aquele cheiro corrompido de uma goiaba que apodreceu e rachou (TELLES, 2018 [1995], p. 387).

Eis que a narradora, Adelaide, descobre como aquela gota de sangue salpicara em sua luva: fora no momento em que empurrou a garrafa incrustada com o sangue de Dolly. Ante a cena desbusolante, Adelaide repara no corpo em frangalhos e súplicas de Dolly, que, para o momento do seu ‘uso’, fora despido apenas as vestes inferiores: “Dolly estava deitada

de costas e vestia uma bata de cetim preto decotada e curta [...]. Tinha as pernas ligeiramente encolhidas de encontro ao ventre, as mãos tentando enlaçar as pernas. Debaixo, a mancha de sangue formando uma grande ronda no lençol.” (TELLES, 2018 [1995], p. 387). Em *O tabu da virgindade* (1918), Freud aponta a defloração, compreendida como uma “injúria narcísica”, é uma experiência traumática para a mulher, que acarretaria um “estrago” no órgão sexual (e psíquico): “a defloração também é um ato significativo, mas ela se tornou objeto de um tabu, de uma proibição que chamaríamos de religiosa.” (FREUD, 2019 [1918], p. 157).

Depois de um estupro, a única movimentação tolerada para uma mulher, que passa a ser vislumbrada pela cultura como um “produto estragado” é o silêncio, dirigir a violência e a culpa para si mesma. O estupro é colocado, pela sociedade, como algo que não deve ‘se recuperar’, um horror que não pode e nem deve ser nomeado: eis que a violência sexual é um ato iniciático que esculpe e modela a carne para produzir uma mulher esgarçada, que jamais pode ser, pelo menos psiquicamente, fechada.

Além disso, articulando com o olhar fixo de Adelaide ao nauseabundo sangue que jorra de Dolly, Freud, nesse mesmo texto, aponta que o tabu da virgindade é sustentado por diversos fatores – sendo um deles, o horror – e fascinação – ao sangue¹⁸, que coincide com o horror à menstruação: “Na defloração, a moça sangra; a primeira explicação baseia-se, então, no horror ao sangue que sentem os primitivos, que o consideram a sede da vida. [...]. A primeira relação sexual é certamente um ato preocupante, e muito mais, se nele acontecer de verter sangue.” (FREUD, 2019 [1918], p. 162). A defloração é vista, pelos neuróticos – assim como

¹⁸ O horror ao sangue, ou o tabu do sangue, já fora percebido por Freud na vida dos primitivos e dos neuróticos, em *Totem e tabu* (1912 – 1913): “Os numerosos tabus a que estão sujeitas as mulheres dos selvagens durante a menstruação são motivados pelo supersticioso horror ao sangue, e nisso também possuem um fundamento real. Mas seria injusto ignorar a possibilidade de que esse horror ao sangue também serve a propósitos estéticos e higiênicos, que em todo caso têm de vestir-se de motivações mágicas (FREUD, 2012 [1912 – 1913], p. 101 – 101).

pelos abusadores –, como um “ato mágico”, posto que é uma ferida que sangra, objeto de regozijo para alguns sádicos, no gozo da *anulação* do outro, do seu discurso e do seu corpo, por exemplo. Laplanche (2015), não à toa, aponta o sadomasoquismo como uma das possíveis motivações para o crime sexual, recorrendo, inclusive, ao *Bate-se em uma criança* (1924), paradigmático texto sobre o desejo perverso e sádico do sujeito.

Compreendo o corpo da vítima enquanto o território inexplorado e, à contra- vontade, negado ao abusador, o estupro surge como uma *colonização exploradora* do corpo, capaz de dizimar, controlar e aniquilar. Em complementação a essa ideia, Lacan (1998 [1964]) insiste sobre o fato de que o “masoquismo” ter sido uma invenção masculina, de homens abusadores, que visam justificar e respaldar a sua própria fantasia de dominar e subjugar a mulher; não por acaso, o discurso de muitos violentadores sexuais é que as vítimas estavam o instigando para à brutalidade do ato: “Será que podemos nos fiar no que a perversão deve à invenção masculina, para concluir que o masoquismo da mulher é uma fantasia do desejo do homem?” (LACAN, 2003 [1958], p. 740). No *Seminário 10* (1962 – 1963), o psicanalista francês responde ao questionamento e reafirma que o masoquismo feminino, que faz com que os homens suponham que as mulheres “desejam ser violentadas”, são, na verdade, produto de fantasias masculinas. No caso do conto, a despeito do(s) deflorador(es) não serem mencionado(s), pode-se perceber, pela barbaridade do fato de que o estupro foi “finalizado” com uma garrafa de vinho penetrada, a dominação masculina e o seu desejo sádico, incutido na “liberdade sexual” que Dolly, quando viva, tinha.

Pode-se ainda vislumbrar um *prazer escópico* de Adelaide, que, comportando-se como um *voyeur*, ao passo que se horroriza, permanece olhando e relembrando a cena de sua amiga estuprada. A própria mácula do sangue infiltra-se em seu próprio corpo, a despeito do seu desejo se purificar depois da espúria e ‘imunda’ experiência, como se, por ter tido contato, a moléstia pudesse, como a repulsa aos leprosos, infectá-la: “[...]”

sei que preciso me livrar delas [das luvas], não ver nunca mais o sangue que pingou e virou uma estrelinha irregular, escura, me livrar das luvas e seguir meu caminho.” (TELLES, 2018 [1995], p. 385). A despeito do seu desejo de se esquecer do que enxergara, por meio do ato de abandonar a luva, a gota que respingou, torna-se um símbolo que a faz lembrar do ocorrido, tornando-se impossível livrar-se da memória – metonimizada na luva.

Ao final da narrativa, finge esquecer a luva com sangue no banco do bonde, mas eis que surge o fantasma inexorável das lembranças: “– Moça, sua luva, esqueceu sua luva! – O cobrador me avisa aos gritos. Agradeço quando ele me atira as luvas e vem uma vontade de rir porque penso na Dolly que deve estar rindo de mim, não na Dolly desvaída, mas na outra, na Dolly de olhar acesso e cabeleira cintilante.” (TELLES, 2018 [1995], p. 396). Se, na histeria, para Freud, prevaleciam as lembranças de um passado traumático, na violência sexual permanece a mesma ‘doença da memória’, mas, neste caso, as reminiscências ganham contornos angustiantes e, muitas vezes, diferente dos histéricos, *conscientes*, capazes lançar, amiúde, âncoras na vida da vítima, (re)conduzindo-a ao episódio traumático, eis a *memória olfativa*, de Ana Clara, de *As meninas* (1973), de Lygia Fagundes Telles, enquanto um sintoma, busca, no sótão das lembranças, a primeira experiência – traumática e violenta – amorosa, que é reencenada e intercalada com/nas novas experiências da adultez:

Fechei a boca mas ficou aberta a memória do olfato. A memória tem um olfato memorável. Minha infância é inteira feita de cheiros. [...] O vômito das bebedeiras daqueles homens e o suor e as privadas mais o cheiro do Doutor Algodãozinho. Somados, pomba. Aprendi milhões com esses cheiros mais a raiva tanta raiva tudo era difícil só ela fácil. [...] repeti enquanto a mão arrebatava o botão da minha blusa. Onde será que foi parar meu botão eu disse e de repente ficou tão importante aquele botão que saltou quando a mão procurava mais embaixo porque os seios já não interessavam mais. Por que os seios já não interessavam mais por quê? O botão eu repeti cravando as unhas no plástico da cadeira e fechando os olhos pra

não ver o cilindro de luz fria do teto piscando numa das extremidades e o botão? [...] *As unhas arrebatando o elástico da minha calça e arrebatando a calça e enfiando o dedo de barata-aranha pelos buracos todos que ia encontrando tinha tantos lá na construção, lembra?* [...] (TELLES, 2009, p. 41-42, grifo nosso).

Pelo lado da vítima do abuso, a arquitetura pré-traumática nem sempre é possível de ser lembrada, uma vez que o sujeito reincide e *repete*, assim como os seus pacientes que chegavam da Primeira Guerra em *Além do princípio do prazer* (1920), o trauma – ou, pelo menos, sua lembrança, seu episódio. Insofismavelmente, o elemento da “repetição” é uma marca da Psicanálise, uma vez que, desde os primórdios, Freud constata que as histéricas sofriam de lembranças, de reminiscências não historicizadas, que se repetiam. Ou seja, o que não é historicizado pelo sujeito é capaz de conduzi-lo ao sofrimento. Nesse sentido, assim como “as histéricas sofrem de reminiscências”, o indivíduo sofre de assombrações que não foram historicizadas.

Freud, em *Recordar, repetir e elaborar* (1914), diz que acreditava, no início da Psicanálise, que seria necessário o paciente *recordar* o que, na sua trajetória, não foi historicizado, tendo uma espécie de *insight* – por isso que, nos primórdios da clínica, o pai da psicanálise usou o método catártico. Nos primeiros anos da ciência psicanalítica, Freud acreditava que o esquecimento ocultava a causa e a verdade da doença, por isso que utilizou, também, como método a hipnose, no intento de quebrar o bloqueio da memória e chegar ao episódio traumático. Se, no caso de Dolly, as lembranças traumáticas do estupro não reaparecem, uma vez que logo depois de violentada, é morta, Ana Clara, personagem de *As meninas* (1973), célebre romance lygiano, relembra constantemente, durante seus novos relacionamentos em sua vida adulta, do abuso sexual que sofrera quando criança, durante os atendimentos com o Dr. Alodãozinho, o dentista da família. Não à toa, em *Sobre a sexualidade feminina* (1931), o mestre vienense consigna, voltando-se à sedução *não* fantasística: “Também a

sedução real é frequente, por parte de outras crianças ou de *pessoas que dela cuidam*, que buscam sossegá-la [...]. Quando há a sedução, ela normalmente perturba o curso natural de desenvolvimento; muitas vezes *deixa consequências profundas e duradouras.*” (FREUD, 2010 [1931], p.173 – 174, grifo nosso).

Em 1933, em sua Conferência d’A *feminilidade*, Freud reinsere a teoria da sedução real em seus escritos, situando-a na história pré-edípica da menina, mas, se no tratamento com as histéricas o sedutor era o pai, no reaparecimento da teoria da sedução, a sedutora é comumente a mãe. Eis que, segundo Freud (1933), *a fantasia toca a realidade* e a violação sexual real emerge do terreno da sedução fantasiosa¹⁹, posto que: “[...] foi realmente a mãe que, nos procedimentos de cuidados corporais, estimulou, e talvez tenha despertado pela primeira vez sensações de prazer nos genitais.” (FREUD, 2019 [1933], p. 324). Em *Moisés e o Monoteísmo* (1939), uma de suas últimas contribuições à ciência psicanalítica, o psicanalista, no afã de definir *traumas* sexuais, diz, reafirmando os riscos referentes ao abuso sexual, que há experiências sexuais que deixam marcas indelévels no corpo físico e psíquico do indivíduo, ainda que, sucumbam à força do recalque: “Denominamos traumas as impressões experimentadas [...]. Os traumas são ou vivências sofridas no próprio corpo ou percepções sensoriais, geralmente de algo visto e ouvido; ou seja, vivências ou impressões.” (FREUD, 2018 [1938], p. 60 – 61, grifo nosso).

¹⁹ Essa concepção já está presente, nos escritos freudianos, desde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), inclusive: “Em primeiro plano está a influência da sedução, que trata a criança como objeto sexual prematuramente e a faz conhecer, em circunstâncias de forte impressão, a satisfação das zonas genitais, que ela, então, é geralmente obrigada a renovar pela masturbação. Tal influência pode vir de adultos ou de outras crianças [...]” (FREUD, 2016 [1905], p. 52).

3 AS DEFLORAÇÕES CAÚSTICAS NO CORPO LITERÁRIO DE LIMA BARRETO

3.1 A poética e a estética: vida e obra de Lima Barreto

O célebre escritor e jornalista Afonso Henriques de Lima Barreto, figura notável da literatura brasileira, veio ao mundo em um contexto marcado por avançados movimentos republicano e abolicionista. Sua data de nascimento, 13 de maio de 1881, coincidiu com a efervescência política e social que antecedeu em menos de uma década a destituição da Monarquia e a instauração da República no Brasil. O destino o levou a falecer no início de novembro de 1922, um ano permeado por acontecimentos históricos notáveis, tais como as grandiosas comemorações do Centenário de Independência do Brasil, ocorridas em 7 de setembro (FREIRE, 2022). Contudo, o ano de 1922 não se resumiu apenas a celebrações, pois foi palco da icônica Semana de Arte Moderna em São Paulo, evento que marcou uma ruptura artística e cultural no país, de 11 a 18 de fevereiro. Além disso, nesse mesmo ano, testemunhou-se a fundação do Partido Comunista do Brasil, em 25 de março, e a agitada Revolta Tenentista dos 18 do Forte, ocorrida no Rio de Janeiro nos dias 5 e 6 de julho. Ao encontrar seu fim, neste cenário, repleto de acontecimentos marcantes, Afonso Henriques de Lima Barreto contava com apenas 41 anos de idade. Nascido uma década após a promulgação da Lei do Ventre Livre, em 1871, era filho de pais mulatos alforriados, cujas histórias de superação e luta pelos direitos humanos influenciaram sua trajetória intelectual e literária. Seu pai, João Henriques de Lima Barreto, atuava como tipógrafo da Corte Imperial na época do nascimento do filho, enquanto sua mãe, Amália Augusta de Lima Barreto, era professora do ensino primário, o que lhe proporcionou uma base sólida para seus estudos iniciais (NEGREIROS, 2019).

Aos quatro anos de idade de Afonso, o país vivenciou outro marco na luta contra a escravidão com a promulgação da Lei Sexagenária, que

garantia alforria a escravos com mais de 65 anos. Esse evento, contudo, trouxe tristes consequências para o futuro do jovem escritor e sua família. Aos seis anos, Afonso perdeu sua mãe, um ano antes da Abolição da Escravatura, quando a tão aguardada Lei Áurea foi finalmente assinada, em 13 de maio de 1888. (FREIRE, 2022). Essa data, curiosamente, coincidiu com o sétimo aniversário do pequeno Lima Barreto, marcando a história do Brasil com o fim formal da escravidão. A trajetória educacional de Lima Barreto foi moldada por importantes instituições de ensino. Estudou no prestigioso Colégio Pedro II, referência em educação no país. Posteriormente, buscou seus interesses na área de Engenharia, matriculando-se na Escola Politécnica, mas lamentavelmente não pôde concluir seu curso devido ao surto de seu pai e à iminente necessidade de assumir o papel de provedor da família (SCHWARCZ, 2017).

Com os desafios da vida empurrando-o em diferentes direções, o jovem Lima Barreto, aos seus meros 22 anos, viu-se compelido a prestar concurso público para a Secretaria do Ministério da Guerra, em 1903. Essa nova jornada na esfera pública proporcionou-lhe a convivência com colegas de repartição, onde pôde observar de perto as peculiaridades do suposto espírito coletivo militarizado, reverberado por funcionários que, assim como ele, mantinham com os assuntos militares apenas laços burocráticos-administrativos, em detrimento da efetiva experiência militar. No aprazível mês de abril do ano de 1907, Lima Barreto derramou suas primeiras colaborações em uma revista de vasta circulação, ao assumir a posição de secretário da conceituada Fon-Fon, a pedido do poeta e jornalista Mário Pederneiras (BARBOSA, 2017).

Todavia, sua permanência, nesse periódico, foi efêmera; já em junho do mesmo ano, consumido pela sensação de desvalorização, viu-se compelido a renunciar ao cargo e, em outubro, apresentou ao público a revista Floreal, da qual figurou como diretor e proeminente colaborador. Além dessas notáveis empreitadas, Barreto deixou seu legado em outras publicações, tais como as revistas A.B.C. e Careta, contribuindo com seu

verbo inspirado e contundente. Em 1911, aportou ao cenário literário com o seu aclamado romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, cujas primícias viram luz nas páginas do prestigiado *Jornal do Commercio*, e foi somente em dezembro de 1915 que, custeando do próprio bolso, observou o fruto de sua obra imortalizado em uma edição em livro. Todavia, nesse contexto temporal, as convulsões de alcoolismo e melancolia acometeram o escritor com maior intensidade, conduzindo-o, em 1914, à sua primeira internação em uma instituição psiquiátrica (BARBOSA, 2017).

Em 1916, colaborou brilhantemente com a revista ABC, imprimindo ao papel seus escritos de tendência socialista. Entretanto, transcorridos quatro anos desde sua primeira estadia no Hospital dos Alienados, em razão do flagelo do alcoolismo, os tormentos de saúde de Lima Barreto se exacerbaram, ensejando sua aposentadoria em dezembro de 1918. Ao findar o mesmo ano, precisamente em 1919, o luminar literário deu à luz o romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, divulgado sob os auspícios da editora Revista do Brasil, sob a égide de Monteiro Lobato (SCHWARCZ, 2017). Os períodos de confinamento, na clausura asilar, proveram a matéria-prima para uma profusão de diários e para o romance inacabado *Cemitério dos Vivos*, publicados em 1921, concomitantemente ao ano em que o autor ensaiou sua terceira tentativa de acesso à Academia Brasileira de Letras (nas tentativas anteriores, tinha sido preterido; no entanto, em derradeira audácia, o próprio literato abdicou do pleito antes da concretização das eleições) (BARBOSA, 2017). Do ano de 1909 a 1922, uma impenetrável escuridão envolveu a crítica oficial, que manteve um “silêncio implacável” em relação aos escritos do autor. Em sua época, o desafio de encontrar acolhida para um original por parte dos maiores editores do Rio de Janeiro era árduo, e Lima Barreto, como tantos outros, não foi poupado dessa sina. À medida que sua saúde fragilizada sucumbia, Lima Barreto veio a óbito em virtude de um colapso cardíaco, no dia primeiro de novembro de 1922, contando apenas 41 anos de idade. O fatídico acontecimento se deu em sua residência, localizada no pitoresco

bairro de Todos os Santos, na cidade do Rio de Janeiro (NEGREIROS, 2019).

Como publicações póstumas, Jacinto Ribeiro dos Santos concretizou a publicação de *Os Bruzundangas* (1922), acompanhando-a de uma nota enfatizando que o exemplar em questão fora submetido à minuciosa revisão de Lima Barreto. Entretanto, o prefácio fornecia indícios insofismáveis de que o manuscrito já se encontrava em sua forma conclusa desde o longínquo ano de 1917. Ademais, vale frisar que, além da obra supracitada, dois outros trabalhos vieram à tona: *Bagatelas*, em 1923, e *Clara dos Anjos*, publicado apenas em 1948; entretanto sua engenharia literária remonta aos meses de dezembro de 1921 e janeiro de 1922, testemunhando assim o árduo processo de sua concepção (FRAZÃO, 2019).

Ao longo de sua vida e obra, Lima Barreto demonstrou uma capacidade singular de analisar e criticar a sociedade e suas instituições, apresentando sua perspectiva por meio de uma linguagem literária enriquecedora e reflexiva. Sua contribuição para a literatura brasileira transcende o tempo e permanece como um legado inestimável para as gerações futuras, despertando consciências e abrindo caminhos para reflexões profundas acerca da nossa identidade como nação (FREIRE, 2022). Em meio aos intrincados conflitos e tensões que inquietavam a serenidade da população brasileira e mundial em tal era histórica, o eminente Lima Barreto, com notável destreza, expressava suas convicções de forma pública, seja em suas contundentes produções jornalísticas ou em suas meticulosas produções ficcionais (BARBOSA, 2017). Entre os inúmeros eventos de sua época que instigavam sua manifestação, encontravam-se as Revoltas da Armada, a eclosão da Primeira Guerra Mundial, bem como a latente possibilidade de participação do Brasil na Grande Guerra e a marcante Revolução Russa de 1917. Sempre vigorosamente avesso ao estado de coisas bélicas que se abatia sobre o país sob cada sucessivo governo da primeira era republicana, inclusive

durante a transição de governos civis, Lima Barreto se erigia como uma voz de resistência contra esse espectro militarista que assombrava sua época. Seu talento perspicaz na expressão escrita permitia-lhe revelar sua oposição à opressão imposta por essa atmosfera bélica sobre a sofrida e ordinária população daquela conjuntura histórica (SOUZA, 2021).

De maneira incontestável, as dificuldades sócio-políticas enfrentadas pelos heroicos protagonistas de suas obras romanescas refletiam a própria realidade que ele testemunhava. Esses corajosos personagens, imbuídos de nobres ideais de transformação social, encontravam-se, contudo, limitados em um restrito campo de ação, quase que exclusivamente circunscrito ao universo da escrita. Assim, os frutos de suas ideias progressistas eram perceptíveis apenas para alguns personagens coadjuvantes nas intrincadas narrativas dos romances barretianos, uma vez que esses não eram brindados com a divulgação das valorosas ideias que as histórias encerravam (BARBOSA, 2017). Nesse contexto, pode-se vislumbrar, em segundo lugar, a troca de ideias e sentimentos entre os protagonistas e alguns personagens coadjuvantes, esses últimos atuando como confidentes e receptáculos desses anseios e manifestações propositivas. Esses diálogos íntimos, ainda que restritos em abrangência, surgiam como um alento, permitindo que o cerne dos ideais de mudança social propagados pelos heroicos protagonistas encontrasse eco naqueles que os cercavam mais intimamente (RESENDE, 2018).

Portanto, a vida e obra de Lima Barreto convergiam em uma sincronia extraordinária, com sua coragem e veemência no posicionamento público contra a engrenagem bélica daquela conjuntura histórica, refletindo-se, de forma paralela e intrincada, nas complexas tramas de seus romances, cujas aspirações de seus personagens retratavam, de maneira sutil e reflexiva, a busca incessante por um mundo melhor, mesmo que permeada pela opressão e limitação de oportunidades. O legado desse ilustre autor perdura, alimentando as mentes inquisitivas de novas gerações e incitando-as à inabalável busca por justiça social e mudança,

em meio aos desafios inerentes ao percurso da história humana (NEGREIROS, 2019).

Lima Barreto, em seu *Diário Íntimo* (1953), descreveu de forma vívida e perspicaz sua experiência como testemunha da Revolta da Vacina, evento histórico que reverberou intensamente no Rio de Janeiro daquela época. Ao empreender uma análise imparcial do desenrolar dessa revolta, o escritor retratou, com agudeza de observação, tanto a contundente repressão imposta pelo Estado à revolta popular, quanto alguns aspectos que considerou relevantes nas campanhas populares de resistência. No tocante à abordagem crítica de Lima Barreto sobre a repressão estatal, constata-se a forma implacável com que o governo lidou com os revoltosos (SOUZA, 2021). O escritor ressaltou, de maneira eloquente, a violenta reação das forças estatais perante a revolta, ilustrando a arbitrariedade governamental na imposição compulsória da vacinação aos civis. Nesse sentido, enfatizou a brutalidade com que a repressão policial se abateu sobre as manifestações populares de desaprovação da vacinação obrigatória, demonstrando uma postura crítica diante das ações coercitivas do Estado (NEGREIROS, 2019). Além disso, Lima Barreto destacou, em seu escrutínio, pontos considerados positivos nas mobilizações populares de resistência. Evidenciou-se, primordialmente, a diminuição do fetichismo em relação à farda, que outrora exercia uma influência marcante na mentalidade da população. Essa mudança de percepção revelou-se notável e proporcionou uma abertura para a reflexão acerca dos limites do poder militar e do aparato estatal. Outra observação perspicaz do autor refere-se à desmoralização da Escola Militar, abalada pelos acontecimentos da Revolta da Vacina (FRAZÃO, 2019).

A crítica de Lima Barreto abarca a decadência moral dessa instituição, outrora concebida como símbolo de disciplina e ordem, mas que, em meio aos desdobramentos do conflito, viu-se fragilizada em sua integridade. Essa reflexão denota a percepção aguçada do escritor em relação às implicações e repercussões da revolta sobre as estruturas

institucionais e seus pilares de sustentação. Destaca-se, ademais, que a revolta foi impulsionada, primordialmente, por duas vertentes principais de insatisfação popular. Em primeiro lugar, a revolta emergiu como uma resistência contra a imposição arbitrária da vacinação pelo governo, que desconsiderava as inquietações e receios da população em relação aos efeitos colaterais e à invasão da liberdade individual (RESENDE, 2016). Em segundo lugar, a insurgência foi direcionada à repressão policial que reprimia veementemente as manifestações de descontentamento, configurando-se como uma afronta à liberdade de expressão e de protesto. O engajamento do povo nas manifestações ressaltou a relevância das vozes coletivas como instrumento de contestação frente a medidas governamentais opressivas. Nesse contexto, Lima Barreto percebeu a emergência de uma conscientização social, na qual o povo alçou-se com fervor cívico e reivindicou seus direitos de forma resiliente. Desse modo, ao contemplar a Revolta da Vacina por meio da perspectiva analítica e crítica de Lima Barreto, somos conduzidos a uma compreensão mais abrangente dos acontecimentos históricos, em suas nuances e contradições (RESENDE, 2016). O escritor, com sua sensibilidade literária e capacidade reflexiva, nos oferece um relato valioso sobre esse importante momento da história brasileira, reforçando a relevância de revisitar o passado para compreendermos as dinâmicas sociais e políticas que moldaram a trajetória do país.

No tocante às inclinações espirituais de Lima Barreto, cabe salientar que o escritor carioca, em determinado período de sua vida, frequentou o templo positivista situado no Rio de Janeiro. No entanto, posteriormente, ele manifestou ter renunciado ao positivismo. Além disso, o autor se declarava devoto de Nossa Senhora da Glória, demonstrando, porém, ceticismo em relação às possibilidades de êxito da Religião da Humanidade no preenchimento do vazio do coração humano. Apesar disso, é interessante notar que Barreto nutria uma apreciação por uma concepção similar, divulgada na obra *Os heróis*, de Thomas Carlyle (BARBOSA, 2017).

Examinando a construção dos personagens romanescos do autor, percebe-se que ele não deixou de atribuir traços católicos a alguns de seus heróis, como Manuel Joaquim Gonzaga de Sá e seu amigo e biógrafo Augusto Machado – em *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919) – e Clara dos Anjos e seus pais – em *Clara dos Anjos* (1948). Essas características religiosas, entretanto, devem ser compreendidas à luz da análise impessoal das obras, visto que o próprio Lima Barreto, conforme se pode inferir de seu artigo *Vera Zassulitch* (1918), publicado na revista carioca *Brás Cubas*, demonstrava maior afinidade com o Evangelho Social dos escritores russos de sua predileção, a exemplo de Tolstói e Dostoievski (RESENDE, 2018).

Eis que o hibridismo de pensamento cristão e revolucionário presente nas obras do escritor encontram suas raízes na profunda admiração que nutria pelos escritores russos, como Dostoievski e Tolstói – ambos autores se identificavam religiosamente com o cristianismo ortodoxo greco-eslavo. No caso de Liev Tolstói, relevante destacar sua filosofia anarco-cristã particular, fortemente influenciada pela tradição ortodoxa, que ele experimentou durante o período em que o vasto Império Russo era predominantemente habitado por camponeses extremamente empobrecidos, caracterizando seu território como uma imensa extensão feudal (SOUZA, 2021). Tolstói adotou um estilo de vida ascético, vivendo como um camponês, com o objetivo de demonstrar sua conexão e solidariedade com as massas camponesas de sua nação. Essas influências russas profundamente enraizadas no contexto histórico e religioso de sua época contribuíram significativamente para moldar o posicionamento espiritual e ideológico de Lima Barreto, desencadeando, por conseguinte, uma perspectiva ambivalente em relação à religião e à revolução (BARBOSA, 2017). A conjunção de tais elementos, caracterizados pelas narrativas de Dostoievski e Tolstói, com sua base cristã ortodoxa, desempenhou um papel seminal na formação da cosmovisão do autor brasileiro, fomentando uma simbiose entre o pensamento religioso e as

aspirações transformadoras. Esse enriquecimento intelectual oriundo do contato com a literatura russa possibilitou que Lima Barreto explorasse, de forma magistral, as nuances e tensões presentes nas crenças espirituais e ideológicas de seus personagens, conferindo, assim, maior profundidade e complexidade às suas obras literárias (RESENDE, 2016).

Sob o escrutínio perspicaz de muitos críticos de renome, a obra literária de Lima Barreto emerge como um território multifacetado, oscilando ora nos picos elevados da criatividade e realização estética ora nas planícies em que cede de forma abnegada a um propósito mais pragmático, assumindo-se como veículo panfletário ou documento social, político e histórico. Despontase, destarte, a figura enigmática e contraditória do autor, cuja concepção literária, conforme observado pelo célebre Antonio Candido (1987) em suas argutas considerações, pode tanto favorecer a expressão genuína de sua personalidade, como potencialmente obstruir a plena concretização de suas aspirações ficcionais (RESENDE, 2016). Com habilidade e clareza, Candido destaca a acuidade da inteligência de Lima Barreto, voltada com lúcida sagacidade para a trazer à baila das entranhas sociais e para a escavação meticulosa das próprias emoções, conferindo assim valor indelével a seus escritos (RODRIGUES, 2020).

O crítico Osman Lins, por seu turno, lança luz sobre um elemento congruente que permeia toda a vastidão da obra barretiana, transcendendo as dissimilitudes entre suas realizações estéticas. Ao identificar características literárias e humanas, que permeiam a totalidade de suas páginas, confere à criação do autor uma substancial homogeneidade – o que resulta na construção de um bloco coerente que se estende através de sua pluralidade de trabalhos. Inconfundível, nítida, resplandece em cada linha a inimitável personalidade do escritor, delineando um perfil indubitavelmente peculiar que permeia toda a tessitura literária (LINS, 1976). Desse modo, diante das intrincadas apreciações críticas que convergem e divergem, Lima Barreto se revela como uma figura literária poliédrica, cujas facetas abraçam ora o esplendor da criatividade estética,

ora a sacralidade de sua missão documental e social. Em meio a essa amalgama complexa de talento e propósito, sua obra se estende como um rio caudaloso, cujas águas fluidas refletem os ecos de sua singularidade autoral, tornando-se, dessa forma, uma jornada intelectual inquietante e repleta de reflexões sobre a tessitura humana e a sociedade que a molda (RESENDE, 2018).

Lima Barreto, qual crítico exímio da era da Primeira República Brasileira, rompe de forma incisiva com o nacionalismo ufanista, despojando a roupagem republicana que vela os privilégios das dinastias aristocráticas e das castas militares. O artista define seu projeto literário como aquele de conceber uma “literatura militante” – fazendo-se eco da expressão cunhada por Eça de Queirós – em que sua produção literária se dedica, de forma quase integral, esmiuçada investigação das disparidades sociais, da hipocrisia e da falsidade humanas, delineadas em suas intrincadas relações entrelaçadas na malha da sociedade (RODRIGUES, 2020). Múltiplas são as obras em que, como nas epopeicas páginas de seu notável romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915) ou no conto célebre intitulado *O Homem que Sabia Javanês* (1911), Lima Barreto, embebendo seus manuscritos de sátira, ironia, humor e sarcasmo, destaca a privilegiada atenção conferida aos desfavorecidos, aos boêmios e aos destroçados, bem como o alvo certo de sua sátira, que empreende uma crítica mordaz sobre os vícios e as corrupções consubstanciados na teia intrincada da sociedade e da política (SOUZA, 2021).

Contudo, em meio aos aplausos e entusiasmos, Lima Barreto não esteve alheio às acérrimas críticas proferidas por alguns escritores contemporâneos, os quais, impelidos por sua escrita despojada e coloquial, aduziram à sua produção o epíteto de “fala brasileira”, título cunhado com sagacidade por Manuel Bandeira, e que acabou por disseminar-se influenciando os modernistas da época. Com sutileza, suas obras se bifurcam em duas vertentes principais: a sátira menipeia e o romance realista, em que ambas as formas convergem resgatando as tradições

cômicas, carnavalescas e picarescas enraizadas na cultura popular (PRADO, 2012). Para Lima Barreto, a escrita detém o nobre propósito de desvelar as mazelas que circundam o mundo, buscando alicerçar alternativas revigorantes para os costumes e práticas sociais que favorecem tão somente certas castas, indivíduos e agrupamentos. Em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915), a saga de Policarpo Quaresma, que ostenta uma inteligência mediana, porém reverbera nacionalismo e boa-fé inquebrantáveis, personifica o desajuste inelutável entre o imaginário e o real, entre a idealização e a verdade, bem como a discrepância entre a concepção do país que ele nutre em sua mente e a realidade áspera que o circunda. Nesse contexto, Lima Barreto engendra uma demolidora crítica ao desmedido apego social aos títulos, notadamente ao título de bacharel, e também às instituições políticas de seu tempo, juntamente com sua burocracia inerte e ineficaz (RESENDE, 2016).

O instigante conto *O Homem que Sabia Javanês* (1911) aborda o caso de um indivíduo que, alegando dominar o idioma javanês sem, contudo, possuir tal conhecimento, logra iludir significativa parcela da sociedade carioca da época, ascendendo até mesmo na carreira política, acadêmica e diplomática alicerçado nessa fictícia proeza linguística. Em tal narrativa, é evidente a crítica contundente à prevalência das aparências nas esferas sociais e políticas do período retratado (BEIGUELMAN, 1981). Esses mesmos temas, quase que invariavelmente de ordem social, alinham-se em outras obras com abordagens singulares. No conto sinistro *A Nova Califórnia* (1979), a escrita de Lima Barreto adquire contornos macabros ao narrar a saga dos habitantes de uma pequena urbe, os quais, ao desvendarem a possibilidade de fabricar ouro a partir de ossos humanos, esquecem quaisquer pretensos valores éticos e morais, de matiz cristão, e mergulham em profanações e homicídios, ávidos pela promessa de riqueza e ascensão social (RESENDE, 2018).

Frequentemente, Lima Barreto declara não dar sua anuência a quaisquer requintes na escrita literária, repudiando energicamente seu contemporâneo Coelho Neto, por exemplo, ao afirmar que “não posso compreender que a literatura consista no culto ao dicionário”, e asseverando que a beleza literária, longe de ser uma característica externa da obra, é-lhe intrínseca e suplanta qualquer outra consideração superficial. Tal postura reflete a unidade indissociável entre a estética almejada e a ética preconizada pelo autor, que procura despidas de quaisquer artifícios as roupagens tanto da literatura quanto da sociedade, desvelando, assim, uma verdade nua e crua (PRADO, 2012). Surgindo dessa posição, o autor edifica uma literatura notabilizada pelo coloquialismo, por um vocabulário destituído de excessos e pela expressão direta - fatores que, todavia, não denotam desleixo ou falta de preocupação formal, mas a harmonização entre o modo de expressão adotado e o que almeja ser transmitido. É nessa crueza estilística que viceja o potencial para a representação dos infortúnios e dos preconceitos de ordem social e racial experimentados por seu personagem na inextinguível busca por ascender na profissão de jornalista, como se pode constatar em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1917). No mesmo viés, irrompe a escrita incisiva de *Cemitério dos Vivos* (1920), um retrato árduo da insanidade e do confinamento em um asilo psiquiátrico. Nessa força intrínseca e na tentativa de forjar uma obra cujos preceitos estéticos são tão pouco disseminados no panorama da literatura brasileira, ainda afeita aos ideais de beleza parnasianos, reside a singularidade da estética de Lima Barreto (RESENDE, 2016).

3.2 As vicissitudes perversas nos alfarrábios de Lima Barreto

A investigação das narrativas literárias do célebre de Lima Barreto e dos estudos advindos da ciência psicanalítica propiciam ao estudioso um campo vasto e exuberante para aprofundadas investigações das

vicissitudes das pulsões humanas e das complexas dinâmicas do inconsciente. Com maestria, o escritor oferece em suas obras um cenário fértil para a decantação de reflexões sobre o âmago da condição humana, revelando um profundo mergulho nas profundezas da psique individual e coletiva. No cerne das narrativas de Lima Barreto, pode-se discernir uma copiosa fonte de representações dos anseios e dilemas que perpassam a sociedade e o ser humano em sua totalidade, tornando-se um palco emblemático para as investigações psicanalíticas (NOLASCO-FREIRE, 2005). O caleidoscópio de personagens retratado em suas obras, muitos deles perversos e paradoxalmente enigmáticos, proporciona uma miríade de possibilidades para a compreensão dos mecanismos psíquicos que influenciam suas ações e motivações, escavando, assim, a fundo as entranhas do inconsciente e suas engrenagens ocultas. À guisa de um observador impessoal, pode-se vislumbrar, na obra de Lima Barreto, entrelaçamento entre a psicologia social e individual. Nesse limiar complexo, delineiam-se as mazelas humanas, as pulsões reprimidas, os conflitos edípicos, as tensões intersubjetivas e os condicionamentos socioculturais que se amalgamam, em uma dança sinuosa, para dar forma ao universo literário do autor (PRADO, 2012).

O retrato vívido da sociedade em suas várias camadas e nuances oferece ao psicanalista e ao leitor atento a oportunidade de adentrar as fissuras mais recônditas da alma humana. Além da faceta eminentemente social, a obra de Lima Barreto é imbuída de uma perspectiva intimista e profundamente psicológica. Os dilemas e vicissitudes enfrentados pelos protagonistas são reflexos dos anseios, medos e desejos que, latentes ou manifestos, permeiam o psiquismo humano. Com sagacidade e maestria, o autor desvela o âmago dos personagens, desenhando com traços perspicazes a cartografia de suas psiques, revelando o intrincado emaranhado de suas emoções, fantasias e impulsos mais íntimos (SILVA, 2021). Em suma, a rica tessitura literária de Lima Barreto proporciona aos estudiosos da psicanálise um vasto campo de estudo e reflexão. Suas

narrativas desdobram-se em uma tapeçaria fértil, em que se mesclam o social, o individual e o psicológico, oferecendo uma exploração enriquecedora das subjetividades e dos recônditos meandros do inconsciente. Ao decifrar as linhas de sua prosa, desvendam-se os segredos mais íntimos e profundos da condição humana, numa dança reflexiva que transcende as fronteiras do tempo e da linguagem.

A árdua tarefa de dissecar os meandros da perversão sexual e social inscritas nas inebriantes narrativas de Lima Barreto requer, por sobremaneira, uma exegese acurada e perspicaz, bem como uma alentada capacidade hermenêutica para adentrar-se nos subterrâneos do enigmático universo por ele concebido. Vislumbra-se, no âmago das crônicas, contos e romances do eminente autor, uma abstrusa tessitura que revela as complexas tramas em que se enredam as facetas mais obscuras e transgressoras das relações humanas, notadamente as de ordem afetivo-sexual e as conexões com o âmbito sociopolítico que inelutavelmente permeiam a sua prosa de cunho socialmente engajado. Impera, primordialmente, a exaltação de personagens cujas manifestações de erotismo, frequentemente, transpõem os estreitos limites impostos pelos padrões normativos da moralidade vigente, arrostandas por paradoxos e ambivalências que invariavelmente conferem-lhes matizes multifacetados. O indivíduo, nas narrativas barretianas, ardente no inextricável mosaico de desejos, projeta-se na tessitura textual como um agente pleno de subversão, ousando desafiar as convenções morais enraizadas e rompendo com os cânones estabelecidos da época.

Consubstanciando-se, assim, como um enfático arauto do inconsciente coletivo, Lima Barreto penetra nas fissuras mais recônditas da sociedade, desnudando as amarras sociais e os engodos psicológicos que precipitam a imersão em comportamentos desviantes, acometidos por uma psique individual e coletiva de natureza inequivocamente entrelaçada. Os desvios, assim retratados, ecoam como reflexo da própria configuração da ordem social e cultural do contexto histórico em que o autor se insere.

Outrossim, ao abarcar a pena como veículo para verter tais retratos, Lima Barreto amalgama sua arte com os anseios de uma voz outrora sufocada, esquadrinhando as máscaras da falsa moralidade que, ironicamente, engendram as próprias deformidades da sociedade, a qual se estabelece em uma cáustica simbiose com o insondável labirinto das psiques individuais, propiciando a eclosão de um ciclo tenebroso de perversão latente. Avulta, então, a relevância da obra barretiana, ao propor-se a problematizar a perversão sexual e social como intrincada manifestação da condição humana sob as circunstâncias históricas e culturais em que emerge. Uma acurada e alentada leitura das suas narrativas nos impulsiona a trilhar pelas veredas do inesperado, confrontando-nos com as sombras reprimidas e, por vezes, estigmatizadas, que compõem a substância mesma da nossa existência. Em suma, Lima Barreto erige-se como um artífice incólume na tessitura de seu tecido literário, desvendando as dicotomias e sinuosidades das perversões em suas mais variadas nuances, ensejando uma jornada intelectual e emocional ímpar, a qual, inelutavelmente, transcende os limites espaço-temporais, ecoando além do tempo e do espaço, ecoando, pois, em nossa própria essência enquanto seres imersos na inexorável tessitura da condição humana (PIMENTA, 2020).

No itinerário das elucubrações entrelaçadas entre a prosa lapidar do ilustre Lima Barreto e as tessituras psicanalíticas eruditas, resplandece, em singular harmonia sinestésica, a gama acidentada da loucura, a qual se imiscui com a estruturação intrapsíquica do narrador em sua aclamada obra “Diários Íntimos”. Envolto em veios paradoxais e soturnos, o protagonista, como que imerso na voragem dos subterrâneos labirínticos da mente, revela a vulnerabilidade do eu ante os insondáveis meandros da psique, arvorando-se em delineador espectral da fragilidade humana. No *corpus* sociológico e psicológico escandido nas páginas avessas do cânone literário de Lima Barreto, imiscuem-se as perversões sociais, cifradas como crônicas “maledicentes” do cerne intrínseco da condição humana. A

problemática do racismo, tópico ora transversal ora principal em várias de suas publicações, desdobra-se em âmbito atroz, perfazendo o trágico ciclo de desumanização e segregação, cujas nefastas consequências refletem na tessitura social. Por conseguinte, no feixe de prismas no universo literário de Lima Barreto, erige-se a perversão sexual, infusa nos meandros do enredo e sopesada por ambivalências, a um só tempo, escarnecedoras e elucidativas. Compondo um torvelinho narcisístico das pequenas diferenças, emergem os personagens que refletem a perturbadora repressão das pulsões inerentes ao inconsciente. À luz dos preceitos psicanalíticos, a análise das perversões remonta à complexidade do “eu” narcísico, vertendo em transgressões mórbidas, e, por vezes, dissimuladas, que permeiam o espaço ambíguo entre o desejo e a repressão.

A loucura, como temática que atravessa a obra desse escritor carioca, denota o abismo que separa a razão e a desrazão, o determinismo social e a excentricidade individual, ao passo que as perversões sociais, impregnadas no tecido social, desvendam as malhas emaranhadas do preconceito e da intolerância. Por fim, as perversões sexuais, tecidas com o fio tênue do narcisismo, atestam as dicotomias intrincadas do desejo e da repressão, revelando a perpetuação das angústias humanas no coração das pequenas diferenças. Em tal (des)harmonia literária e psicanalítica, Lima Barreto e a psicanálise confluem, atados pelas linhas invisíveis que entrelaçam a condição humana em suas facetas mais enigmáticas e transgressoras. A tessitura narrativa de Afonso Henriques de Lima Barreto, em suas proeminentes e entrelaçadas manifestações literárias, revela-se hábil em incursionar pelos recônditos labirintos da psique humana, revelando, com um ímpeto quase forense, os estratos mais profundos e por vezes perturbados da consciência. Nesse contexto, a temática da loucura, concebida como um estado patológico da mente, ocupa um lugar central nas escrituras barretianas, em que o manicômio surge como um ícone carregado de significados e ambivalências (PIMENTA, 2020).

A lente interpretativa, perscrutadora das páginas delineadas por Lima Barreto, desvela a tessitura da loucura não apenas como um mero estado de desequilíbrio mental, mas como uma intrincada tapeçaria de construções e desconstruções do eu. A loucura, nas narrativas do autor, não é um estado isolado; antes, é um *continuum* fluído e elástico, no qual os personagens transgridem os limites da racionalidade e submergem nas profundezas insondáveis do delírio. A alteridade da mente, em descompasso, revela-se como uma linha tênue entre o saudável e o desvairado, como exemplificado pelas irrupções oníricas e alucinatórias que permeiam suas obras. O espaço manicomial, a um só tempo asilar e inquisitorial, é submetido à análise crítica de Lima Barreto, que lança luz sobre os meandros da institucionalização da loucura na sociedade do início do século XX. Através da lente da metáfora, o manicômio se consagra como o palco de uma tragicomédia humana, no qual as máscaras sociais se desintegram e os protagonistas são reduzidos à sua mais crua essência, despidos de todas as convenções. Os delírios, por sua vez, desempenham um papel fundamental nas narrativas barretianas, emergindo como autênticos fios condutores das trajetórias psicológicas de seus personagens.

Os delírios são fios de Ariadne que conduzem os indivíduos às profundezas obscuras de sua própria psique, na qual se desenrola um caleidoscópio de imagens, sentimentos e sensações. Lima Barreto, com maestria, desvela os delírios como espelhos distorcidos das angústias e anseios da condição humana, refletindo uma realidade fragmentada e multifacetada, na qual a distinção entre a sanidade e a insanidade se esvai. As narrativas de Lima Barreto, portanto, apresentam-se como verdadeiros códigos (in)decifráveis da complexidade da mente humana, em que a loucura se insurge como um fio condutor para a exploração das fronteiras da realidade e da ilusão, do equilíbrio e do desvario. O manicômio, por sua vez, figura como um microcosmo onde se desenrolam os dramas e os conflitos de uma sociedade que, ao se deparar com a manifestação da

loucura, expõe suas próprias fragilidades e preconceitos. Os delírios, em suas múltiplas facetas, configuram-se como um portal de acesso aos labirintos da psique, cuja decifração não se restringe apenas ao texto escrito, mas convoca o leitor a uma jornada profundamente reflexiva sobre a complexidade da condição humana (PIMENTA, 2020).

Além disso, a violência, nas narrativas de Lima Barreto, revela-se uma faceta de sua estilística literária, alicerçada em um exame provocador das complexidades da condição humana. A matriz narrativa em que a violência e a perversão se entrelaçam com a maestria retórica do autor é um testemunho contundente de sua destreza no manejo da palavra, levando o leitor a uma profunda imersão nas profundezas sombrias da psique humana. Lima Barreto, inegavelmente, engendra-se um arquipélago de enredos carregados de tintas sombrias e exploratórias, onde a violência emerge como um fio condutor ambivalente, que tanto reflete as agressões físicas quanto as tormentas emocionais que afligem suas personagens. Através de uma dicção erudita, meticulosa e muitas vezes hermética, o autor pinta um quadro de crueldade que transpassa a mera superfície narrativa, diluindo-se nas frestas das relações interpessoais corroídas por tensões latentes e explosões eruptivas da perversão

3.3 Deflorações cauterizadas pelo gozo sádico: os perversos e seus estratégias bárbaros em *Clara dos anjos*, de Lima Barreto

Pungente e enigmático, Barreto desfere sua retórica com imaculado poder evocativo, radiografando, com minúcia, os micromundos de seus protagonistas e antagonistas, cujos anseios, ambições e paixões convergem em uma coreografia sinistra de montagens (a)morais e sexuais, que escapam às leis (im)postas pela cultura. Emerge, portanto, das tramas imbricadas de suas obras, a crônica de uma civilização aprisionada nos grilhões da corrupção e perversidade. Nas narrativas de Lima Barreto,

pode-se vislumbrar as engrenagens sorrateiras e nefastas do racismo, que se ergue como um *modus operandi* de *perversão social*. Por meio de protagonistas tragicamente estigmatizados, o racismo não apenas intoxica as relações humanas, mas também retalha as subjetividades dos discriminados. Além disso, os desdobramentos da perversão materializam-se na “manicomização” de personagens *marginais*, imersos em hospícios e sanatórios, enquanto expiações impiedosas de suas existências dissidentes ou inconformes. O autor, com exímia destreza narrativa, desnuda as agruras de instituições asilares como o sinistro espelho refletor da arbitrariedade e tirania que preponderam no mosaico social. Tais personagens, ao serem relegados ao ostracismo da “insanidade”, ecoam em enquanto denúncia sobre os equívocos e falsificações da normatividade social (FREIRE, 2022).

As narrativas de Lima Barreto se configuram como um notável panorama literário que espelham, de forma inegável, a violência e brutalidade inerentes à sociedade de seu tempo. Com uma prosa exímia, repleta de requintes linguísticos e um olhar crítico aguçado, o autor delinea um retrato contundente dos abismos que permeiam as relações humanas, expondo a face mais sombria da natureza humana. Nos romances de Lima Barreto, a violência emerge como um fio condutor, entrelaçado aos dilemas das personagens e às complexidades das tramas narrativas. Dentre os romances emblemáticos que albergam tais representações, emerge *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915), saga tragicômica de um idealista confrontado com a hostilidade da sociedade que o circunda. Nessa obra, a *violência simbólica* se afigura, porquanto o protagonista é imerso em um mundo avesso aos seus nobres anseios e repleto de intolerância e desdém (ROSSO, 2010). É apresentada a crônica de um idealista obcecado por seus sonhos de transformar o Brasil em uma utópica Pátria Nacional. Entretanto, a hostilidade e a intolerância da sociedade em que está inserido chocam-se frontalmente com suas convicções, desencadeando um trágico desfecho que reflete a brutalidade da tensão entre os ideais e realidade.

De igual maneira, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909) desnuda as feridas de uma sociedade hipócrita e discriminatória. O protagonista, um mulato em busca de ascensão social e intelectual, é brutalmente confrontado com o preconceito e a marginalização, sendo rejeitado em meio a uma elite intelectual que se impõe através de uma violência sutil, porém perversa, que dilacera sua autoestima e o submerge em uma espiral de desesperança. Igualmente se revela como um painel realista da brutalidade social. O protagonista é vítima de preconceitos e desigualdades, enredado em tramas infames, fustigado por uma sociedade hipócrita e injusta, que o relega a um destino de marginalização e sofrimento (NOLASCO-FREIRE, 2015).

No campo dos contos, a verossimilhança implacável de Lima Barreto perpetua a violência em suas narrativas. Por exemplo, em *O Homem que Sabia Javanês* (1911), a violência simbólica é materializada por meio da crítica ao elitismo intelectual, que culmina em um desfecho cruel para o protagonista, ressaltando a fragilidade humana frente à suposta superioridade de conhecimento. Nas narrativas curtas, a violência assume nuances diversas, permitindo ao autor explorar as mazelas humanas sob variados prismas. Revelando-se na arrogância intelectual de um personagem que almeja exibir um saber exótico para auferir prestígio social, mas que encontra um desfecho impiedoso diante de suas pretensões. Já em *A Nova Califórnia* (1915), Barreto opta por uma alegoria fantástica para evidenciar a avidez desmedida do homem por riquezas, ressaltando a brutalidade que subjaz à busca incessante pelo lucro, em detrimento da ética e da compaixão. O conto é adornado com uma atmosfera surreal, mas profundamente reveladora das sombras humanas que subjazem sob a pretensa “civilização”. A narrativa elege um viés alegórico para examinar a sede insaciável do homem por riquezas, evidenciando a brutalidade inerente a essa avidez voraz e sua irracionalidade, em um desenlace marcado pela impiedosa exposição do verdadeiro caráter humano (PIMENTA, 2020).

Nas obras de Lima Barreto, percebe-se a presença contundente da violência e brutalidade, delineadas com meticulosa precisão narrativa. O autor, em sua prosa ímpar, engendra um universo ficcional impessoal, mas não menos impactante, na qual a selvageria humana é exposta de forma eloquente. Em suma, nas narrativas de Lima Barreto, a violência e a brutalidade constituem-se em elementos irrefutáveis, urdidos com esmero literário, e retratam os dilemas e flagelos sociais de um período histórico conturbado. Sua abordagem impessoal, todavia, não obscurece o impacto visceral que suas palavras produzem, convidando o leitor a confrontar-se com a crueza de certas realidades e a refletir sobre os abismos que subjazem à natureza humana. Portanto, a violência e a brutalidade são representações eloquentes de uma sociedade complexa, contraditória e marcada por tensões e desigualdades (FREIRE, 2022).

O autor, com sua perspicácia afiada, tece uma teia literária que escancara as feridas sociais, convidando o leitor a mergulhar em um universo ficcional de profundas reflexões sobre a natureza humana, suas fraquezas e grandezas, em um cenário repleto de matizes sinistros e reveladores. Nesse ínterim, urge compreender que a perversão, na prosa de Lima Barreto, adquire contornos inquietantes e multifacetados. Não se resume à mera “depravação moral”, mas aninha-se nos resquícios das dinâmicas sociais, como montagens – perversas – na psicopatologia da vida cotidiana, a corromper as subjetividades do tecido humano. São os personagens, em seu trágico corolário, que escancaram os desdobramentos de uma civilização enferma em seus fundamentos mais essenciais. As narrativas de Lima Barreto constituem, nesse ínterim, um notável espólio literário, fecundo em revelar os abismos da perversão que permeiam a sociedade moderna (NEGREIROS, 2019).

A dialética entre a violência física e psicológica, habilmente amarrada por Lima Barreto, transcende o mero retrato de “iniquidades” sociais, adentrando um território mais amplo, que é o da perversão humana. Por meio de personagens proeminentemente esculpidas e

aprofundadas, as narrativas esmiuçam os recônditos inconscientes, expondo os desvãos mais obscuros das subjetividades humanas. É incontestável que a prosa de Lima Barreto se afigura como um microcosmo literário no qual a violência e a perversão se entrelaçam com sua engenhosidade linguística. Em suma, o brutalismo, a violência e a perversão nas narrativas de Lima Barreto consubstanciam um arrojado experimento literário.

Não obstante o autor alardear ter uma “escassez de mulheres” nas suas narrativas, é indubitável que algumas personagens femininas erguem-se em patamares de destaque dentro das tramas de seus romances. É crucial notar que a presente empreitada não se destina a realizar uma análise exaustiva dessas personagens, todavia, é oportuno realçar alguns exemplos ilustrativos. Os retratos de Olga e Ismênia em *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915), de Edgarda em *Numa e a Ninfa* (1915), de Dona Margarida e Dona Salustiana em *Clara dos Anjos* (1948), e de Ifigênia no epicentro de *Cemitério dos Vivos* (1919), projetam, em matizes ora intensos ora mais discretos, a visão delineadora de que o matrimônio ou sua carência subsistem como epicentros na esfera da existência feminina.

A perspectiva de Ismênia, em relação ao matrimônio, transcende a própria pessoa; a inexplicável ausência de seu noivo culmina em uma deriva até a insanidade e, por fim, a morte. Já Olga contempla o matrimônio como uma etapa orgânica da jornada terrena, uma senda que amplifica sua inserção na sociedade, reflexo que ecoa também na persona de Edgarda. Dona Salustiana, por seu turno, decifra o matrimônio como uma escalada social para suas filhas, ao mesmo tempo que veda terminantemente seu único filho de unir-se com uma mulher abaixo de sua condição familiar. Enquanto isso, Dona Margarida, de temperamento robusto, exalando um “heroísmo caseiro”, teve um casamento que, após escassos dois anos, findou em viuvez, momento em que manteve incólume sua virtude. Ifigênia, ainda jovem e destituída de grandes encantos estéticos, é destinada a ser uma “prolífica fabricante de feijões e bebês”, seu matrimônio arranjado por

sua mãe com o homem que, a despeito das aparências, ela secretamente amava.

Os contos, por sua vez, lançam luz sobre um acervo multifacetado de personagens femininas, cujos semblantes talvez sirvam para a compreensão da estética barretiana a respeito do feminino, especialmente do papel da mulher que transita nas camadas médias e superiores da sociedade burguesa, que se moldava na efervescência da Primeira República. Em *O filho de Gabriela* (1906), Dona Laura, uma figura que se delineia como uma “senhora eminente, ainda jovem, portadora de uma beleza suave e marmórea”, celebra núpcias por ambição com um viúvo que, outrora, havia se unido por mero impulso ornamental. Sem descendentes, assume o papel de madrinha e protetora do filho da criada, enquanto trilha o tortuoso caminho do amantismo em sua busca por realização para além das fronteiras do matrimônio. Por outro lado, Dona Irene, personagem enraizada no conto *Miss Edith e seu tio* (1881), emerge como filha da respeitável Mme. Barbosa, viúva que gerencia uma pensão. Ainda que sua participação na trama seja tangencial, Lima Barreto forja Dona Irene de modo a caricaturar os anseios relacionais das mulheres das esferas sociais médias ou aburguesadas. A jovem, com pouco mais de vinte anos, seleciona seus noivos com extrema precaução, priorizando aqueles estudantes hospedados na pensão, os quais estejam nos estágios finais de seus cursos, a fim de evitar prolongamentos no período de noivado e, conseqüentemente, assegurar o pagamento das mensalidades por parte dos pretendentes.

Dona Irene, destarte, noiva-se com aspirantes a advogados, médicos e engenheiros, e até com um dentista, embora jamais seja conduzida à presença do magistrado por qualquer um deles. Os insucessos em almejar seu “ideal de doutor” precipitam-na em direção a um servidor público, o que ela percebe como uma “degradação de seu sonho nupcial”, mas que, afinal, possui conhecimentos tão eruditos quanto muitos “doutores” e auferia renda substancial. Consoante a atmosfera de “Cló”,

mais ambiciosa do que Irene, Clódia sutilmente exhibe lascívia e astúcia para subjugar o matrimônio do deputado André, enquanto aguarda ansiosa a celebração de um enlace matrimonial que seguiria as premissas da religião do Sol, um culto recém-fundado por um agrimensor instruído e desprovido de emprego. A história de Gilberta, no conto homônimo *Numa e a Ninfa* (1915), ecoa o mesmo mantra: o matrimônio se erige como uma senda de fuga das agruras da província, desprovida de festividades e mergulhada no “enfastiamento daquela reclusão palaciana”. Ela perscruta em seu esposo uma figura que a alçaria a um patamar mais eminente na sociedade e no mundo, e a desilusão em relação a esse anseio torna-se moeda de troca em sua nova condição de controladora da retórica de seu marido, amparada pelo primo que também é seu amante. Lívia, detida na trama que ostenta seu nome, nutre a visão do matrimônio como uma passagem para a libertação das obrigações e humilhações que pesam sobre uma moça solteira tutelada pelo pai ou cunhado, visto que “somente o matrimônio traria libertação eterna”. Por fim, cumpre mencionar a figura sombria que recai sobre algumas personagens femininas nos contos: o destino implacável que empurra mulheres desprovidas de um mantenedor, seja pai, irmão ou cônjuge, para os recônditos da prostituição.

Alice, no conto *Um especialista* (1904), abandonada pelo pai desde seu nascimento e órfã de mãe aos dezoito anos, peregrina “de mão em mão”, atrelada a homens que almejam única e exclusivamente seu corpo e trabalho. A cozinheira Gabriela, retratada em *O filho de Gabriela* (1906), subitamente desempregada, arrasta-se para casa semiembriagada, trazendo consigo algum dinheiro após “dias sob a tutela de outrem” – em desespero, encobre a origem do dinheiro a todos. A protagonista Adélia, no conto (1905) que ostenta seu nome, desponta como noiva adornada de “serenidade estúpida”, seu olhar vago e doce pairando sobre as coisas e além delas. A adversidade surge quando vislumbra seu esposo enfermo, o que a conduz à troca de favores íntimos por dinheiro, a princípio para

medicamentos, mas logo extrapolando para aquisição de calçados, chapéus e luvas.

Lima emergiu como uma voz proativa na exposição do delito do uxoricídio, que alude ao nefasto extermínio de noivas e cônjuges perpetrado por seus consórcios. Dentro dos seis tratados nos quais se debruça sobre o feminicídio – *Não as matem, Lavar a honra, Matando?, Os matadores de mulheres, Mas uma vez, Coisas jurídicas* e *Os uxoricidas e a sociedade* –, Lima articula uma crítica incisiva ao “obsoleto domínio à valentona, do homem sobre a mulher”, erguendo a bandeira da prerrogativa feminina de arbitrar sobre a própria trajetória, desarticulando os grilhões imbricados no matrimônio, enaltecendo o sentimento solidário mútuo e sustentando o divórcio e o direito à interrupção gestacional. O inaugural texto de Lima Barreto a respeito deste tópico, *Não as Matem*, datado de 1915, assume a forma de um escrito proferido para o periódico “Correio da Noite”, no qual denuncia alguns exemplos de esposos e noivos que “se arrogam o direito de impor seu afeto ou anseio àqueles que lhes negam reciprocidade”, perpetrando homicídios sob o estigma do repúdio. Nestas páginas, o fulcro primordial da crítica recai sobre a supremacia do gênero masculino sobre o feminino, bem como a flagrante subversão da autodeterminação feminina. Convocando a masculinidade a venerar a vontade feminina, remata o escrito com a exortação: “Deixem as mulheres amar à vontade. Não as matem, pelo amor de Deus!”

A escrupulosa consideração pela temática feminina emerge como uma causa que instiga o autor naquela conjuntura temporal. Num mesmo veículo, Lima aborda, na crônica *A Lei*, o trágico gesto de uma parteira que finda sua existência por um suicídio ao fracassar num intento abortivo. A voz narrativa exprime sua solidariedade à causa da mulher que opta por suprimir uma gestação indesejada e à parteira que, motivada por “companheirismo, amizade e o anseio de auxiliar uma amiga a elidir uma terrível contingência”, inadvertidamente se enreda na engrenagem da justiça. Em 1918, a questão retorna ao cerne das reflexões de Lima: no

artigo *Lavar a honra, matando?*, relata-se a recorrência de um veredicto que absolve, mais uma vez, um marido que ceifa a vida de sua esposa, sob a alegação de sua infidelidade, desvelando as maquinações da acusação, defesa e dos familiares do réu. Lima havia integrado outro júri onde anistiou o homicida, entretanto, agora suplica pela emancipação feminina no tocante ao direito de amar: “Absolvi o imbecil marido que lavou a sua honra matando uma pobre mulher que tinha todo o direito de não amá-lo, se o amou, algum dia, e amar um outro qualquer... Eu me arrependo profundamente.” (BARRETO, 1917, p. 34).

Em curto lapso temporal subsequente, em *Os Matadores de Mulheres* (1915), Lima volta à discorre acerca de um outro episódio de uxoricídio, desta feita envolvendo um adversário seu em Niterói. Mais uma vez, Lima perscruta a objetificação da mulher, reduzida à condição de propriedade, sujeita ao jugo de homens que lançam mão do homicídio ante o repúdio. Não se limita a castigar os perpetradores dos assassinatos, mas também ataca o ordenamento jurídico, postura e normas sociais que cercam esses incidentes, uma conduta que ressoa em *Coisas Jurídicas*. Ademais de pôr em foco a inépcia dos assassinos de mulheres, arremete contra o Código Civil, que submetia esposas a prisão domiciliar em casos de adultério, mesmo após sobreviverem a um intento homicida cujo desenlace apenas foi dissuadido pela intervenção do amante, que absorveu os golpes letais em sua direção.

Doravante, após *Lavar a Honra, Matando?*, Lima compõe *Os uxoricidas e a Sociedade Brasileira*, talvez seu opúsculo mais emblemático. Haurindo dos registros de 1918 previamente abordados, o longo arrazoado se inaugura ao dissertar sobre um livro francês que contemplava narrativas de crimes singulares, detendo-se num evento em que um genitor de estirpe nobre matou seu próprio filho, que contraiu núpcias com uma jovem aldeã. Atrelando a este infanticídio medieval a salvaguarda da honra, o autor indaga sobre a absolvição de transgressões motivadas por tal fundamentação. A resposta, fornecida por ele próprio, é negativa, dando

ensejo à análise de casos de uxoricídio acompanhados via imprensa ou suas peregrinações pelo Rio de Janeiro. Nestas crônicas que desfraldam o homicídio de mulheres por consortes e noivos, supostamente traídos ou desamparados, Lima se mantém inexorável quanto ao direito das mulheres de governar seus corpos, sentimentos, anseios e destinos. Reafirma sua censura à instituição nupcial, denunciando a “inércia burguesa e a superstição religiosa” da sociedade da Primeira República.

No célebre romance *Clara dos anjos* (1948), de Lima Barreto, deparamo-nos com as tramas da perversão, da violência e da brutalidade – empreendimentos aviltantes que (des)organizam os laços amorosos –, nas emaranhadas relações entre Cassi Jones e Clara dos Anjos. Trata-se de um relato minucioso e pungente da complexidade dos estratos sociais e das interações raciais no contexto do Rio de Janeiro do início do século XX. Esta obra, considerada um expoente da literatura realista e precursora do modernismo, meticulosamente aborda as tensões intrínsecas entre os grupos étnicos predominantes e marginalizados, explorando as profundezas psicológicas dos protagonistas. O enredo, ambientado em um subúrbio carioca, delineia o percurso de Clara, uma jovem de ascendência humilde, ao cruzar seu destino com Cassi Jones, um malandro carismático.

A narrativa desentranha a progressiva aproximação e subsequente tragédia dessa relação, que desencadeia um mergulho profundo nas motivações dos personagens e nas forças que moldam suas escolhas. A narrativa se insere na tradição do realismo ao retratar com fidelidade as limitações sociais impostas à personagem-título, Clara, que vive sob as restrições de gênero e raça, bem como sob o domínio de uma sociedade impregnada de preconceitos raciais e desigualdades. A análise crítica das estruturas sociais é um componente central da narrativa, tornando-a uma denúncia contundente da desigualdade e discriminação inerentes à realidade do Brasil daquela época. Nesse sentido, *Clara dos Anjos* transcende seu caráter meramente ficcional e assume a perspectiva de uma análise social e psicológica mordaz. A habilidade de Lima Barreto de

conjugar uma trama cativante com a exposição de questões sociais relevantes é exemplar.

A narrativa de *Clara dos Anjos* adota a perspectiva da terceira pessoa e é executada por um narrador que oscila entre onisciência e intromissão. O cerne do enredo reside na abordagem do racismo e da posição atribuída à mulher na sociedade carioca nas primeiras décadas do século XX. A personagem principal, Clara, é uma jovem atraente de dezessete anos que reside no subúrbio do Rio de Janeiro. Originária de um contexto humilde, filha de um carteiro e de uma dona de casa, Clara foi brindada com uma educação cuidadosa e um ambiente acolhedor. A família habitava uma moradia modesta com dois quartos e um quintal no cenário suburbano fluminense. As adjacências urbanas eram retratadas como uma compilação de “casas, casinhas, casebres, barracões, choças”, cuja descrição já sugere uma vizinhança de *status* socioeconômico relativamente modesto. Clara emergiu como a única descendente sobrevivente do casal, com poucos indícios a respeito do destino de seus irmãos, cujos destinos permanecem em mistério. A trajetória da jovem sofre uma metamorfose abrupta quando, num domingo, durante uma reunião entre amigos, Lafões, parceiro de seu pai, propõe uma celebração singular para a ocasião do aniversário de Clara:

A benção, meu padrinho; bom dia, seu Lafões. Eles respondiam e punham-se a pilheriar com Clara. Dizia Marramaque: —Então, minha afilhada, quando se casa? —Nem penso nisso — respondia ela, fazendo um trejeito faceiro. —Qual! — observa Lafões. — A menina já tem algum de olho. Olhe, no dia dos seus anos... É verdade, Joaquim: uma coisa. O carteiro descansou a xícara e perguntou: —O que é? —Queria pedir a você autorização para cá trazer, no dia dos anos, aqui da menina, um mestre do violão e da modinha. Clara não se conteve e perguntou apressada: —Quem é? Lafões respondeu: —É o Cassi. A menina... (BARRETO, 2012, p. 42).

Cassi, o músico indicado por Lafões, desencadeará uma reviravolta nas circunstâncias familiares. Em sua qualidade de ardente sedutor, ele ostenta uma desconsideração total pelas mulheres que frequentam seu caminho, contando em sua “história (a)morosa” com dez defloramentos e empreitadas sedutoras de senhoras casadas. Não à toa, sua notoriedade já ecoava por entre as páginas de jornais, nos registros policiais e nos círculos de advogados. As vítimas de suas artimanhas eram em sua maioria moças de tez mulata ou negra, de humilde condição e ingênua perspectiva. Entretanto, a mãe do indivíduo se tornava uma feroz defensora, enfrentando todas as acusações arremessadas contra seu filho com vigor indomável. O encontro entre Lafões e Cassi aconteceu na prisão: enquanto o primeiro provocava perturbações em um estabelecimento de bebidas, o segundo se envolvia com uma mulher já casada e, ao ser descoberto pelo marido, encontrou-se perseguido com arma em punho. Graças às suas competências, Cassi consegue orquestrar a libertação de Lafões. Clara, em nítido contraste com Cassi, personifica a modéstia; raramente se aventurando para além do lar e sempre na companhia de seus pais. Na trama, o aguardado dia da celebração de aniversário da jovem se materializa: amigos congregados, a residência repleta de convidados e grande antecipação para o baile. Até mesmo uma das colegas de Clara se dispõe a emitir um alerta à moça: “– Clara, toma cuidado. Este homem não presta.” (BARRETO, 2012, p. 51).

Ao cruzar o umbral da morada, Cassi desencadeou um regozijo entre as damas ali presentes. Introduzido por Lafões aos anfitriões e à aniversariante, o jovem logo despertou interesse pela moça. A mãe de Clara, percebendo a trama em gestação, apelou ao marido para que Cassi nunca mais fosse convidado àquela casa. Joaquim, de imediato, assentiu às súplicas da esposa, proclamando firmemente: “Jamais cruzará novamente o limiar de minha morada.” (BARRETO, 2012, p. 52). O cuidado excessivamente zeloso com o qual os pais, notadamente a mãe, haviam criado a jovem talvez tenha sido uma “negligência” que irrompeu na trágica

sina que a aguardava. Aproximando-se gradualmente, Cassi estendeu suas redes em direção à moça. Certa ocasião, adentrou a residência da família, alegando ter passado pela porta durante uma visita a um amigo, e chamou por Joaquim. Em outras ocasiões, remeteu cartas endereçadas à jovem.

Por fim, a astúcia do rapaz envolveu a moça, que se viu enredada nos estratégias do interesseiro. O padrinho de Clara, ciente da situação, procurou intervir em defesa da afilhada, porém, em um desenlace trágico, foi assassinado por Cassi e um associado. Cassi chegou a confessar o crime a Clara, justificando-o como um “gesto de amor”. Fragilizada e iludida pelas promessas de um amor genuíno, Clara sucumbiu às investidas de Cassi. O tempo passou e Clara se viu grávida. Por seu surto, ao ser informado, Cassi abandonou a moça à própria sorte. Sem saber que rumo tomar, Clara, antes de considerar um aborto, optou por atender ao conselho da mãe, Engrácia, e buscou a mãe do rapaz. No entanto, a surpresa foi avassaladora quando, recebida por Salustiana, experimentou humilhação e maus-tratos, especialmente devido a cor de sua pele e sua posição social. De forma similar a episódios anteriores, Salustiana defendeu o filho com fervor, quase imputando à desafortunada jovem a culpa pelo ocorrido:

—Ora, vejam vocês, só! É possível? É possível admitir-se meu filho casado com esta... As filhas intervieram: —Que é isto, mamãe? A velha continuou: —Casado com gente dessa laia... Qual!... Que diria meu avô, Lord Jones, que foi cônsul da Inglaterra em Santa Catarina — que diria ele, se visse tal vergonha? Qual! Parou um pouco de falar; e, após instantes, aduziu: —Engraçado, essas sujeitas! Queixam-se de que abusaram delas... É sempre a mesma cantiga... Por acaso, meu filho as amarra, as amordaça, as ameaça com faca e revólver? Não. A culpa é delas, só delas... (BARRETO, 2012, p. 112).

Através das palavras proferidas pela progenitora de Cassi, é possível discernir inequívocas nuances de preconceito e segregação racial e social. Imbuída das ressonâncias brutais e intransigentes de Salustiana,

Clara finalmente adquire consciência plena da sua situação social enquanto mulher, subjugada, mestiça e desfavorecida. Neste ponto culminante, a protagonista brada um derradeiro desabafo a sua mãe, preenchendo as páginas finais da obra literária. Neste trabalho, partindo do conceito de perversões delineado por Freud, evidente pelos aspectos de “exclusividade e fixação” objetual, sustentamos a concepção de que o protagonista Cassi Jones personifica um *agente de montagem perversa*, do ponto de vista analítico, uma vez que suas operações, assim como formas singulares de conduta, evidenciam, primordialmente, uma espécie de fixação, na qual o objeto de desejo, ao longo da trama, invariavelmente se repete, independente do contexto em que seja encontrado. Cassi Jones de Azevedo emerge como prole do senhor Manoel Borges de Azevedo e da Senhora Dona Salustiana Baeta de Azevedo, um consórcio singular que, apesar de sua união conjugal, enquanto indivíduos, divergiam um do outro, haja vista que, em primeira instância, a Salustiana, presumivelmente de ascendência nobre inglesa, ostentava arrogância, impassibilidade e hostilidade para com todos aqueles alheios à sua família e círculo social.

O senhor Manuel, contrariamente, figura íntegra, era um burguês que laborou intensamente a fim de assegurar um nível de conforto condigno para seus entes queridos – em que empreendeu com êxito, alcançando, por meio de trabalho e dedicação, o estrato social com o qual nutria infundável aspiração. Não obstante, a prosperidade exacerbou ainda mais a megalomania da Senhora Dona Salustiana, insuflando-lhe a vaidade e a percepção de uma suposta preeminência sobre seus semelhantes. Cassi Jones originou-se nesse ambiente familiar, situado entre a sobriedade de um pai distante e invariavelmente enfronhado em seu labor, e a condescendência de uma mãe *narcísica* que devotava seus afazeres primordialmente ao primogênito, guardando-o de todos os infortúnios que pudessem se abater:

Era Cassi um rapaz de pouco menos de trinta anos, branco, sardento, insignificante, de rosto e de corpo; e, conquanto fosse conhecido como consumado "modinhoso", além de o ser também por outras façanhas verdadeiramente ignóbeis, não tinha as melenas do virtuose do violão, nem outro qualquer traço de capadócio (BARRETO, 2003, p.25).

Durante sua infância, Cassi jamais encontrou limitações/castrações. Engajando-se em todas as peripécias ao seu alcance, avançando em uma ampla gama de jogos que lhe proporcionassem ganho ou satisfação. Ao atingir a maturidade, percebeu-se investido de uma espécie de ascendência sobre as mulheres – o que o instigava ao orgulho. Prontamente, recobriu-se desse atributo e subjugou uma jovem desafortunada que frequentava sua casa para lições ministradas por uma de suas irmãs, até o momento em que, uma vez alcançado o objeto de sua cobiça, a abandonou à sua própria sorte: “Enfim, a pequena Nair, inexperiente, em plena crise de confusos sentimentos, sem ninguém que lhe pudesse orientar, acreditou nas lábias de Cassi e deu o passo errado.” (BARRETO, 2003, p. 29). Dona Salustiana, por seu turno, ocultou a transgressão cometida por seu filho e, em nenhum momento, contemplou a hipótese de ele assumir qualquer parcela de responsabilidade no tocante à jovem, cuja progenitora, consumida pelo desespero em meio à indiferença e à desamparo, findou sua existência por suicídio.

Enquanto suas mãos habilidosamente dedilhavam as cordas do violão, o famigerado mestre das cantigas não deixava escapar a oportunidade de devorar furtivamente, com seu olhar lascivo, os balanços sugestivos dos quadris de Clara enquanto dançava: “repinicando as cordas do violão, não deixava o famoso mestre violeiro de devorar sorrateiramente com o olhar lascivo os bamboleos de quadris de Clara, quando dançava” (BARRETO, 2003, p. 87). Nesse cenário, as intenções inegáveis de Cassi Jones em seduzir Clara dos Anjos começaram a se firmar; seu esforço, ao manusear o violão para entoar melodias insinuantes, era meticuloso e calculado. Tais melodias, repletas de insinuações, destacavam-se por sua

natureza ardente e, em algumas instâncias, até mesmo sexual. Um exercício de sedução sutilmente orquestrado através das cordas do violão, essas canções falavam eloquentemente de amor, algumas delas mergulhando nas profundezas da luxúria. Clara, gradativamente, começava a tecer uma teoria do amor a partir das notas envolventes de seu pai e dos amigos que a cercavam. Para ela, o amor era uma força onipotente, livre de obstáculos baseados em raça, riqueza ou posição social. O estado amoroso, declamado como o ápice do prazer humano, uma experiência para ser buscada e abraçada, mesmo que viesse acompanhada de sofrimento, quiçá acentuando-o com requinte, como observa: “O martírio até dá-lhe mais requinte” (BARRETO, 2017, p. 76). Sob essa influência sutil, as defesas emocionais de Clara começaram a ceder diante da malícia calculada de Cassi Jones. Esse habilidoso estrategista da sedução adotou uma máscara de amor genuíno, camuflando suas reais intenções por trás das aparências. A cada conquista alcançada, com maestria desfrutada graças a uma posição social presumivelmente superior àquela das jovens que envolvia, Cassi aprofundava ainda mais o laço entre eles. Enquanto o enredo avança, Clara permanecia inquieta, vacilando entre rumores sobre Cassi e sua paixão avassaladora por ele.

O infortúnio não provocou qualquer senso de compungimento, nem em Dona Salustiana, muito menos em seu filho. Ambos prosseguiram com suas vidas de forma inalterada, e isso, convém mencionar, trouxe certo alívio. No entanto, a ação ilícita não permaneceu oculta por muito tempo ao conhecimento do senhor Manuel. Ao tomar ciência das condutas adotadas por seu filho, ele esteve prestes a desalojá-lo da residência, uma decisão que não concretizou graças aos apelos de sua esposa. Ainda assim, o pai, experimentando desapontamento e fadiga em relação às ações de Cassi, determinou que o jovem não mais compartilhasse de sua presença, impondo assim um afastamento definitivo do convívio familiar. Todavia, Dona Salustiana, inarredável em sua intenção de não renunciar ao filho,

reservou-lhe um espaço na parte subterrânea da residência, onde ele poderia ao menos dispor de um lugar para repousar e se alimentar:

Nunca suportara um emprego, e a deficiência de sua instrução impedia-o que obtivesse um de acordo com as pretensões de muita coisa que herdara da mãe; além disso, devido à sua educação solta, era incapaz para o trabalho assíduo, seguido, incapacidade que, agora, roçava pela moléstia. A mórbida ternura da mãe por ele, a que não eram estranhas as suas vaidades pessoais, junto à indiferença desdenhosa do pai, com o tempo, fizeram de Cassi o tipo mais completo de vagabundo doméstico que se pode imaginar (BARRETO, 2003, p.33).

O narrador enfatiza, ademais, que em razão do isolamento ao qual se viu submetido, o jovem amplificou sobremaneira seu egoísmo, de maneira tal que: “No decurso da existência, ele apenas contemplava sua própria satisfação, contanto que essa satisfação fosse a mais iminente possível” (BARRETO, 2003, p.33). Para Cassi, inexistia qualquer norma moral ou princípio legal capaz de coibi-lo de alcançar o prazer tão ardilosamente almejado. Constata-se a relevância das figuras genitoras na (des)constituição do indivíduo; por intermédio dessas imagos, cujos atributos dão contornos ao que Freud chamou de *supereu*, o supeijo compreende os limites e as regulamentações. Nesse sentido, as funções maternas e paternas, imagens responsáveis pela castração e pela confecção psíquica do supereu, são responsáveis pela configuração e até mesmo (des)arranjo da arquitetura psicológica do indivíduo (DOR, 1991). A função paterna mostra-se como um dispositivo que interdita a criança à medida que ela constata a existência de “barreira” que pode ocasionar a ausência da mãe, privando-lhe, assim, o estatuto de entidade onipotente. À medida que a autoridade paterna é rejeitada como a reguladora do desejo, o funcionamento pulsional (re)adquire sua forma primitiva e arcaica: polimorfa e perversa. Devido à sua estrutura psíquica específica, o indivíduo perverso escapa desse “direito ao desejo” e permanece irremediavelmente preso a um “padrão cego de operação”, no qual

incessantemente se esforçará para afirmar que a única lei que governa o desejo é a sua, e não a do outro ou da cultura (DOR, 1991).

Não por acaso. Clara dos Anjos se tornará a figura que proporcionará a Cassi o maior deleite, uma vez que, devido à superproteção proveniente de seus amigos, pais e conhecidos, Cassi se vê compelido a demonstrar que a lei a qual está subordinado é a *própria lei de seu desejo*, tal como o pai da horda primitiva, cuja busca pelo prazer *não renuncia*, demonstrando estar disposto a empreender todos os meios para alcançá-lo. Sempre que Cassi avançava em seus intentos, deparava-se com barreiras imprevistas, tendo em vista que Clara contava com um padrinho que abrigava suspeitas quanto às intenções do sedutor. Marramaque, o padrinho de Clara, de maneira eficaz, impediu a aproximação de Cassi na residência de seus compadres, ao mesmo tempo que tornava público o notório histórico do filho de Dona Salustiana. Ao tomar conhecimento de que Marramaque havia sido o responsável por denunciá-lo e, em decorrência disso, havia interditado suas possibilidades de seduzir Clara, Cassi não hesitou em ao tomar a decisão de assassinar friamente Marramaque, a fim de desobstruir o itinerário do desejo:

O que havia, era simples: Cassi premeditava simplesmente, friamente, cruelmente, o assassinato de Marramaque. Quando ele falou a respeito a Arnaldo, limitou-se a dizer: "Vamos dar-lhe uma surra." "Por quê?" perguntou o outro. Ele respondeu: "Esse velho está abusando de ser aleijado, para me insultar. Merece uma surra." Não iam sová-lo, sabiam os dois desalmados; iam matá-lo... (BARRETO, 2003, p.116-117)

Com brutalidade inominável, aniquilou-o, com fúria lancinante, valendo-se de golpes de maneira abjeta. Demonstrando que simplesmente executá-lo, por si só, não era suficiente para seu intento nefasto. Em vez disso, convocou um de seus cúmplices para o hediondo empreendimento, sem um átimo de consideração por Marramaque. A execução sumária do padrinho de Clara ocorreu, sem mais, pela única razão de que Marramaque

havia interditado o percurso do seu desejo perverso. Nesse ínterim, com as mãos maculadas de sangue, desprovido consideração pela subjetividade de outrem, seduziu a inocente Clara, apenas para abandoná-la posteriormente. Através das ações expostas, emerge flagrantemente a incapacidade inerente ao filho de Dona Salustiana de experimentar qualquer afeto ou empatia *genuína* pelo próximo, a não ser o desejo insaciável de convertê-lo em mero objeto. Para Cassi, a vida do outro carecia de importância – nem mesmo os indivíduos que ele chamava de amigos eram merecedores de sua atenção, mantendo-os naquela posição unicamente devido à sua capacidade, como o texto indica, de exercer influência sobre eles. Graças à proteção conferida por sua mãe, habilitava-o a escapar incólume das atrocidades perpetradas. Mas, imediatamente após alcançar o objeto de sua ânsia, retira-se às pressas do Rio de Janeiro, atormentado pela apreensão de que alguém pudesse delatar sua responsabilidade na morte de Marramaque. Por sua vez, Clara, grávida e desamparada, em vão buscou assistência junto a Dona Salustiana, uma atitude que ecoa os padrões anteriores quando outras mulheres bateram à mesma porta em busca de auxílio:

Que é que a senhora quer que eu faça? Até ali, Clara não dissera palavra; e Dona Salustiana, mesmo antes de saber que aquela moça era mais uma vítima da libidinagem do filho, quase não a olhava; e, se o fazia, era com evidente desdém. A moça foi notando isso e encheu-se de raiva, de rancor por aquela humilhação por que passava, além de tudo que sofria e havia ainda de sofrer (BARRETO, 2003, p.150).

Clara vislumbrou, assim, face a face com a verdade obscura sobre Cassi: suas intenções enganosas e sua responsabilidade, quase certa, pela morte de Marramaque, seu padrinho. Essa revelação acarretou um turbilhão de emoções na jovem. A pesquisadora Lima (2011) observa, com perspicácia, a complexidade da situação, comentando que Clara, mesmo em meio a um forte complexo de inferioridade, depositou suas esperanças

em sua própria virgindade, almejando, com isso, trilhar os degraus de um mundo que reverberava valores brancos e burgueses. Na sua visão, Cassi encarnava tais predicados – representando um elo com uma metrópole aspiracional, higienizada e alvejada, capaz de apagar as marcas de sua raça e sua condição econômica e socialmente desfavorecida.

No escopo desta pesquisa, acredita-se que Cassi Jones encontra-se enredado, inegavelmente, nas arqueologias da perversão. Cumpre salientar que essa assertiva é desprovida de considerações voltadas aos traços inerentes ao caráter ou à moral, optando, em vez disso, por focar complexidades de natureza edípica que, a nosso ver, desempenharam um papel primordial configuração de montagem perversa do personagem. Cassi, nesse sentido, desabrochou como um ser destituído de consideração por outrem, alheio a qualquer forma de obediência, sob a égide do excesso de proteção conferida por sua mãe, Dona Salustiana. Tal maternidade excessivamente dominadora, pelo seu persistente narcisismo, em conjunto com as normas de uma sociedade que se segmentava e avaliava o mérito humano a partir de critérios de estrato social e da cor da pele, contribuíram para a confecção psíquica de uma estrutura perversa, a qual delimitou as características do desejo singular que movimentava o desejo de Cassi Jones, ao longo da narrativa. O nome do pai, em parte tolhido por sua ausência, fracassou em imperar a castração, que se fazia necessária no contexto da onipotente relação edípica e onipotente entre mãe e filho. Em decorrência desse fracasso, Cassi insurgiu-se contra a Lei, prontificando-se a transformar sua própria trajetória numa jornada incessante de enfrentamento ao pai – *escapando*, portanto, das âncoras não-herdadas, como o supereu, pela lei que a função paterna instauraria.

Num intrincado jogo de desejos, traçado pelas teorias perspicazes de Freud, desvela-se a cena em que Cassi, movido por uma insaciável ânsia, empreende uma sedutora aproximação em relação a Clara. Cada gesto, cada movimento, carrega consigo um ardente anseio. Com sutileza e, ao mesmo tempo, uma exuberante exibição, Cassi urde uma teia de

encontros, com um único desígnio em mente: a busca pela gratificação sensual. Esse arriscado tabuleiro emocional, o sentimento em sua forma mais pura e elementar – a conquista carnal – é o fulcro que guia suas ações, uma verdadeira obsessão pela posse efêmera. Entretanto, como um perfumado veneno que se esgueira por entre as frestas da consciência, logo se percebe que, após alcançar seu intento, o interesse de Cassi, o Dom Juan contemporâneo, evapora-se rapidamente. Clara, outrora o epicentro de suas atenções, transforma-se em mera lembrança; vítima de um desdém gélido que não deixa espaço para laços especiais. Essa natureza volátil dos afetos se mostra, de maneira perversa, como uma dança sinistra na qual a paixão momentânea é seguida por um vazio indiferente. A trama se desenrola em uma dança de sedução e traição, em que cada movimento de Cassi é calculado para enredar Clara ainda mais profundamente em suas malhas, para, doravante, despojá-la. Neste intricado enredo, Freud espreita nas entrelinhas, revelando os arcanos da psicologia humana, nos quais desejos reprimidos e pulsões incontroláveis desempenham seus papéis obscuros. A sedução, em sua forma mais enganadora, é o fio condutor que liga esses personagens em uma dança fatal de atração e repulsão, em que os instintos de posse se entrelaçam com a busca por uma libertação ilusória.

Adicionalmente, na trama de *Clara dos Anjos*, a narrativa dá voz à selvageria perpetrada por Cassi Jones através dos crimes por ele perpetrados. Além disso, também desvela as configurações patriarcais de uma sociedade em que a imagem da mulher estava irremediavelmente marcada pelo matiz de sua pele e pela sua categoria socioeconômica. O narrador imputa à sociedade e às suas estruturas de poder a responsabilidade pelo horizonte de barbárie e depreciação a que era submetida a mulher negra e de classes menos favorecidas nos subúrbios cariocas do século XX. O domínio persuasivo que Cassi Jones exercia, por outro lado, em momento algum se revela assaltado pelo remorso. Ao invés, essa faculdade conferia-lhe o poder de formular suas próprias diretrizes,

com um prazer permeando todas as suas ações. Em última instância, a força motriz que o impelia, residia na busca pela satisfação e pelo gozo. Consoante às premissas psicanalíticas que transitam por esse contexto, é possível afirmar que o personagem Cassi Jones ostentava traços de perversidade, uma vez que seus anseios se encontravam aprisionados a um objeto singular e delimitado: mulheres negras, mulatas, virgens e desprovidas de recursos financeiros. Em consonância com essa linha de pensamento, seus atos atrozes progressivamente ampliam-se, sob o viés de maximizar a realização de seu desejo: possuir Clara dos Anjos.

A trama urdida por Cassi Jones, em sua tentativa sedutora em relação a Clara dos Anjos, encontra ressonância nas teorias profícuas de Sigmund Freud. Desde o início, Cassi orchestra suas ações com uma maestria calculada, deliberadamente se aproximando de Clara sob o pretexto de amor e afeição. O que aparenta ser um interesse genuíno, uma atração magnética, logo se revela como uma rede de ilusões e encantamentos, habilmente construída para desencadear uma resposta emocional específica em Clara. Enquanto dedilha as cordas de seu violão, a musicalidade de suas notas é paralela à harmonia sedutora que procura estabelecer. Como observado por Freud, a sedução, em suas mais obscuras variantes, engendra um terreno fértil para o florescimento de desejos reprimidos e anseios ocultos, tornando-a uma ferramenta de manipulação emocional inescrupulosa. Cassi, qual um hábil hipnotizador, tece um feitiço, enredando Clara em suas teias. Esses atos não apenas estimulam seus sentidos, mas também ecoam os conceitos freudianos de pulsões e desejo.

Dentro dessa ardilosa narrativa, a montagem perversa se manifesta pelas manipulações de Cassi, projetadas para obter domínio sobre Clara, encontram eco nas teorias de Freud sobre a perversão. A busca pelo prazer, mesmo que às custas do outro, testemunham os impulsos perversos, em que a satisfação é extraída da submissão do parceiro, da imposição de um papel subjugado. Cassi, explorando as vulnerabilidades

de Clara, distorce os contornos do que é o afeto – aquele esperado por Clara – para atender, narcisicamente, aos seus próprios anseios. A satisfação momentânea de Cassi em possuir Clara, seguida por um descarte frio e indiferente, reflete as pulsões destrutivas da perversão, onde a gratificação é extraída da humilhação e dominação do outro. Sua capacidade de explorar as vulnerabilidades de Clara dos Anjos e de outros personagens reforça o contorno perverso de suas ações, ao mesmo tempo que desenha um perfil complexo que mistura o prazer na condução dos outros com o gozo obtido através do domínio do desamparo alheio. A ressonância entre a concepção laplancheana de sedução e os desdobramentos do personagem Cassi Jones, na narrativa de Lima Barreto, instaura uma intersecção intrigante: Cassi transcende a mera polaridade de sedução *versus* perversão, revelando uma tessitura de estratégias que exploram o desejo do outro, imbricando a satisfação pessoal com a subjugação de suas vítimas. Nessa perspectiva, Cassi personifica uma figura que alia a maestria sedutora à complexidade perversa, erguendo-se como um exemplar paradigmático de tais conceitos na tessitura literária. No contexto do romance, as deflorações e seduções são veículos através dos quais a narrativa escancara as desigualdades sociais e as estruturas de poder que subjugam as classes mais desfavorecidas. O modo como a protagonista é iludida e, por fim, desamparada, evidencia o poder que a perversão exercia sobre as dinâmicas sociais da cultura brasileira.

Uma compreensão abrangente do substrato psicológico de Cassi Jones requer uma incursão no terreno fértil do complexo edípico e suas reverberações. A família, enquanto núcleo primordial, desempenha um papel crucial na formação das estruturas mentais que definem as interações futuras. Na órbita do pensamento freudiano, o desejo perverso encontra suas raízes nas intrincadas formações do complexo de Édipo e nas interações familiares que lançam as bases para a sexualidade e as dinâmicas relacionais de um indivíduo. A figura paterna, em sua função

simbólica de limitação e castração, assume um papel crucial na regulação dos instintos perversos que permeiam o psiquismo humano. No entanto, como já mencionado, a análise de Cassi Jones desvenda um matiz peculiar: a ausência ou distorção dessa função paterna pode resultar na elaboração de desejos perversos que evadem as amarras convencionais. No caso de Cassi Jones, a ausência de contornos de castração dentro do contexto familiar pode ter alimentado a construção de uma identidade permeada por uma sensação de onipotência e falta de limites. A figura ausente do pai, como agente simbólico de castração, ao passo que a mãe se mostrou como uma fomentadora das empreitadas do filho, pode ter desencadeado um processo de identificação com o agressor, cujos impulsos perversos foram fortalecidos pela ausência de interditos. Ou seja, a falta de delimitações claras de castração, uma das etapas essenciais desse complexo, alimentou um terreno fértil para a continuidade do narcisismo (“sua majestade o bebê”), próprio da fase fálica – voltado para a satisfação dos próprios desejos, sem a mediação necessária das restrições sociais, éticas e culturais.

É no encontro desses anseios escorregadios e as trilhas tortuosas do complexo edípico que emerge o desejo perverso de deflorar, contido na arquitetura psíquica de Cassi Jones. Esse desejo, que busca o ato de despojar a virgindade, não é apenas uma busca por gratificação erótica, mas também uma tentativa de afirmar a própria onipotência sobre o corpo do outro – um ato de domínio que contrasta com as barreiras culturais e de alteridade. Além disso, à luz da noção de “sedução” de Ferenczi, Cassi Jones se mostra não é apenas um agente ativo no ato de deflorar, mas um manipulador hábil que emprega estratégias de sedução para minar as defesas psicológicas do outro e abrir espaço para a realização de seus desejos perversos. Essa sedução é um elemento fundamental na alquimia da perversão; a vítima, aqui, é subjugada por um jogo psicológico que obscurece as fronteiras entre consentimento e coerção.

Em síntese, à luz da trama *Clara dos Anjos*, a trajetória sinuosa de Cassi Jones emerge como um exemplo paradigmático de artimanhas sedutoras e perversas que ecoam a conceptualização laplancheana de “sedução generalizada”. No referido romance, Cassi Jones personifica um indivíduo enredado por uma teia de artifícios sedutores e maliciosos. Esse protagonista manifesta, de maneira concomitante, tanto os estratagemas típicos do comportamento sedutor, quanto as nuances desviantes da perversão. Cassi, ao adotar uma postura sedutora, aproveita-se das fragilidades e vulnerabilidades alheias, manipulando-as em sua busca implacável por satisfação. Suas investidas sedutoras são meticulosamente planejadas e executadas, visando à obtenção do objeto de seu desejo. Laplanche propõe que a sedução transcende o escopo meramente sexual, abraçando uma gama de manifestações psicossociais, que se desembocam na “psicopatologia da vida cotidiana”. No contexto de Cassi, essa sedução amplia-se para englobar sua habilidade em subverter a moral e as normas sociais, tornando-se um maestro maquiavélico da manipulação psíquica e emocional. O desejo perverso, nesse cenário, não emerge como uma mera expressão da sexualidade, mas como uma manifestação que contém um paradoxo intrínseco, uma vez que busca, simultaneamente, a concretização do prazer e a exploração da transgressão. O trauma moldou suas fundações, a perversão distorceu suas manifestações e a sedução, tecida em seus comportamentos, ressoa como um mecanismo para reafirmar sua própria onipotência perversa e aviltante.

CONCLUSÃO

Na psicanálise, a perversão não se limita meramente à concepção popular de comportamentos sexualmente desviantes. Ela se estende para um espectro mais amplo, compreendendo a manipulação psicológica e a deformação da realidade para a satisfação dos desejos inconscientes. Nesse contexto, as deflorações sexuais podem ser examinadas como peças de um quebra-cabeça maior, em que a sexualidade é investida de significados que transcendem o ato físico em si. A montagem perversa, conceito que se refere à estruturação psíquica através da qual a perversão é concebida e alimentada, desdobra-se em dois elementos centrais: o sadismo e o masoquismo. A interação entre esses dois componentes forma um ciclo de busca e satisfação de prazeres que muitas vezes se baseiam em domínio, submissão, controle e humilhação. No contexto das deflorações sexuais, a montagem perversa pode se manifestar de diversas maneiras. O sujeito que busca desflorar o outro pode se sentir no controle, alimentando seu sadismo através da submissão da vítima e do poder que exerce sobre ela. A interseção entre as deflorações sexuais e a montagem perversa, analisada sob a lente da psicanálise, desvela uma complexa teia de motivações, desejos reprimidos e dinâmicas psicológicas que permeiam as relações humanas. A partir das teorias psicanalíticas de Sigmund Freud e suas ramificações, podemos explorar como a experiência das deflorações, em sua essência, se liga a um intrincado processo de construção perversa da realidade.

Ao mesmo tempo, a vítima pode experimentar o masoquismo, buscando gratificação através da submissão e da entrega. Os desejos reprimidos, muitas vezes enraizados na infância, podem emergir nas interações sexuais, influenciando a montagem perversa. A relação entre poder, submissão e sexualidade, frequentemente envolta em tabus e repressões sociais, desempenha um papel crucial na construção dessas dinâmicas. No entanto, é essencial destacar que a abordagem psicanalítica

não pretende reduzir todas as interações sexuais a montagens perversas. Ela oferece uma lente para compreender os complexos aspectos psicológicos que podem estar em jogo nas relações, especialmente nas situações em que o poder, o controle e a submissão se entrelaçam. Em conclusão, a análise das deflorações sexuais através do prisma da montagem perversa, na psicanálise, conduz-nos a uma exploração mais profunda das motivações e dinâmicas subjacentes a essas interações.

A literatura de Lima Barreto, notadamente no romance *Clara dos Anjos*, imiscui-se nas profundezas das dinâmicas humanas, explorando os meandros das deflorações, seduições e táticas de perversão, de modo a escrutinar as implicações psicológicas e sociais destes temas. Na tessitura narrativa de Lima Barreto, a questão das deflorações e seduições ganham contornos de crítica à desigualdade social e ao preconceito racial, elementos que permeiam a trajetória de Clara, a personagem-título. A abordagem dessas questões é realizada de forma intrincada, na medida em que as experiências das personagens espelham a complexidade das relações humanas em uma sociedade estratificada. Cassi, personagem emblemático do romance, emerge como um mestre na arte da sedução, acumulando um histórico de deflorações e conquistas amorosas, sobretudo entre as moças de origem humilde. A narrativa não poupa detalhes ao retratar a mecânica das seduições, revelando as estratégias que Cassi emprega para envolver suas vítimas. Essas táticas perversas revelam a pungência do preconceito, pois as principais vítimas de Cassi são quase sempre mulheres mulatas ou negras, reflexo das noções raciais que permeavam a sociedade da época.

No cerne desse exame psicanalítico, insurge-se o conceito de desejo perverso de defloração, uma formação subjetiva que procura enlaçar os fios da sexualidade, poder e agressão. Trata-se de um impulso que transcende a mera busca pela gratificação sexual e desdobra-se em uma intrincada coreografia entre a conquista e a dominação, representando uma tentativa de subverter o espaço liminar da virgindade como uma fronteira

simbólica que guarda significados sociais e pessoais. A relação de Cassi Jones com esse desejo perverso de defloração pode ser interpretada como um exercício de poder psíquico, um esforço de controle e afirmação sobre o objeto do desejo, cujo significado pode encontrar raízes nas etapas do desenvolvimento libidinal delineadas por Freud.

Em suma, a abordagem das deflorações, seduições e táticas de perversão nas narrativas de Lima Barreto, especialmente em “Clara dos Anjos”, atua como um espelho da sociedade de sua época, denunciando as desigualdades sociais, o preconceito racial e as formas sutis de opressão que permeiam as interações humanas. Clara dos Anjos figura como uma jovem desfavorecida, residindo no contexto periférico do Rio de Janeiro, exibindo a complexidade de sua identidade como mulata e de condição modesta, inserida em uma sociedade que se encontra encarcerada em preconceções determinadas por tonalidades de pele e linhagens étnicas, fatores a partir dos quais se fragmenta e desdenha do outro. Diante das circunstâncias em que Clara está imersa, ela se erige como a vítima suscetível aos artifícios de Cassi, que, ao avistar Clara, engaja seus sortilégios ardis no propósito de seduzir a dócil jovem.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. **Box – Todos os contos de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BARRETO, Lima. **Diário do hospício & O cemitério dos vivos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BARRETO, Lima. **Impressões de leitura e outros textos críticos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BARRETO, Lima. **Numa e a Ninfa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BARRETO, Lima. **Os Brunzundangas**. Rio de Janeiro: Martin Claret, 2013.

BARRETO, Lima. **Recordações do escrivo Isaiás Caminha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BARRETO, Lima. **Sátiras e outras subversões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2011.

BEIGUELMAN, Paula. **Por que Lima Barreto**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BLEICHMAR, Hugo. **Introdução ao estudo das perversões: teoria do Édipo em Freud e Lacan**. São Paulo: Artes Médicas, 1984.

CALLIGARIS, Contardo. **O grupo e o mal: Estudo sobre a Perversão Social**. Fósforo Editora: São Paulo, 2022.

CALLIGARIS, Contardo. Para que serve a Psicanálise? **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 de agosto de 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2608201022.htm>. Acesso em: 01 fev. 2023.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

CANDIDO, Antonio. Os olhos, a barca e o espelho. In: CÂNDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

DA ROSA, Norton Cezar Dal Follo. **Perversões: o desejo do analista em questão**. São Paulo: Appris, 2019.

DUNKER, Christian. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. São Paulo: Boitempo, 2015.

DUNKER, Christian. **Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

FERRAZ, Flávio Carvalho. **Perversão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2017.

FERRAZ, Flávio Carvalho. **Tempo e ato na perversão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

FLEIG, Mario. **O desejo perverso**. São Paulo: CMC, 2008.

FONSECA, Rubem (1979). **O cobrador**. Rio de Janeiro: Agir, 2019.

FONSECA, Rubem. Almoço na Serra do Domingo de Carnaval.
FONSECA, Rubem (1979). **O cobrador**. Rio de Janeiro: Agir, 2019.

FRAZÃO, Idemburgo. **Lima Barreto: diálogos marginais e identidades periféricas**. São Paulo: Appris, 2019.

FREIRE, Manoel. **Revolta e melancolia: Uma leitura da obra de Lima Barreto**. Annablume, 2022.

FREUD, Sigmund (1893 – 1895). **Obras completas, volume 2: Estudos sobre a histeria**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund (1901). **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2018.

FREUD, Sigmund (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901 – 1905)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund (1906). Meus pontos de vista sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901 – 1905)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund (1912 – 1913). Totem e Tabu. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912 – 1914)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund (1914). Contribuição à história do movimento psicanalítico. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 11: Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912 – 1914)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund (1915). Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1916-1917). Conferência XXI: desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In: FREUD, Sigmund (1916-1917). **Obras completas, volume 13: conferências introdutórias à psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund (1918). História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”). In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas, vol. 14: História de**

uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1918). O tabu da virgindade. In: FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FREUD, Sigmund (1919). “Batem numa criança”: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas, vol. 14: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1919). Bate-se numa criança: contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais. In: FREUD, Sigmund. **Neurose, psicose, perversão.** Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FREUD, Sigmund (1923). A organização genital infantil. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, vol. 16: O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund (1924). O problema econômico do masoquismo. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, vol. 16: O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund (1927). O fetichismo. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas, vol. 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1930). O mal-estar na civilização. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 18: O mal-estar na civilização e outros textos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1931). Sobre a sexualidade feminina. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 18: O mal-estar na civilização e outros textos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1933). A feminilidade (Conferência XXXIII). In: FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FREUD, Sigmund (1939). Moisés e o monoteísmo. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 19: Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Carta 69. Destinatário: Wilhelm Fliess. 21 set. 1897. In: MASSON, Jeffrey Mousseiaeff. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887 – 1904**. Rio de Janeiro: 1986.

FREUD, Sigmund. Carta 71. Destinatário: Wilhelm Fliess. IX., Bergasse 19. 15 out. 1897. In: MASSON, Jeffrey Mousseiaeff. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887 – 1904**. Rio de Janeiro: 1986.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GAY, Peter. **Freud: uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia de Freud, 1989.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Belo Horizonte: Editora Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Topologia da violência**. Belo Horizonte: Editora Vozes, 2017.

IZCOVICH, Luis. **A perversão e a psicanálise**. São Paulo: Aller, 2019.

JONES, E. Michael. **Modernos degenerados: a modernidade enquanto racionalização da perversão**. São Paulo: Vide, 2021.

JULIEN, Philippe. **Psicose, Perversão, Neurose: a Leitura de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: CIA de Freud, 2003.

KRAFFT-EBING, Richard von (1886). **Psychopathia sexualis: as histórias de caso**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LACAN, Jacques (1958) A significação do falo. In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, Jacques. **O seminário 10: a angústia (1962-1963)**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985

LANTERI-LAURA, G. (1979). **Leitura das perversões: história de sua apropriação médica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

LAPLANCHE, Jean. Da teoria da sedução restrita à teoria da sedução generalizada. In: LAPLANCHE, Jean. **Novos fundamentos da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAPLANCHE, Jean. O crime sexual. In: LAPLANCHE, Jean. **Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano – 2000-2008**. Porto Alegre: Dublinense, 2015.

LAPLANCHE, Jean. Três acepções da palavra “inconsciente” no âmbito da teoria da sedução generalizada. In: LAPLANCHE, Jean. **Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano – 2000-2008**. Porto Alegre: Dublinense, 2015.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

LISPECTOR, Clarice. A língua do “P”. In: LISPECTOR, Clarice (1974). **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MALGARIM, Bibiana Godoi; BENETTI, Silva Pereira da Cruz. O abuso sexual no contexto psicanalítico: das fantasias edípicas do incesto ao traumatismo. **Aletheia**, n.33, Canoas, dez. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000300011. Acesso em: 03 fev. 2023.

MARANGONI, Vinícius Xavier Cintra. **Genealogia da perversão: um estudo Freudiano**. Curitiba: CRV, 2022.

MELTZER, Donald. **O desenvolvimento kleiniano I: desenvolvimento clínico de Freud**. São Paulo: Escuta, 1989.

NASIO, Juan-David. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

NEGREIROS, Carmen. **Lima Barreto em quatro tempos**. São Paulo: Relicário, 2019.

NOLASCO-FREIRE, Zélia. **Lima Barreto: linguagem e imagem**. São Paulo: Annablume, 2005.

PAJAZCKOWSKA, Claire. **Perversão**. São Paulo: Almedina, 2010.

PIMENTA, Shyrley. **Psicanálise e Literatura: o corpo humilhado em Lima Barreto**. Belo Horizonte: Dialética, 2020.

PRADO, Antonio Arnoni (org.). **Lima Barreto: uma autobiografia literária**. São Paulo: Editora 34, 2012.

RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto: cronista do Rio**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

RODRIGUES, Davidson de Oliveira. **Cidade e Modernidade na literatura de Machado de Assis e Lima Barreto**. São Paulo: Appris, 2020.

RODRIGUES, Nelson (1951). **Valsa nº6**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ROSSO, Mauro. **Lima Barreto e a Política**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2010.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

ROUDINESCO, **O Eu soberano: ensaio sobre as derivas identitárias**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

RUBIÃO, Murilo. **Obra completa**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

SADE, Marquês de. (1791) **Os infortúnios da virtude**. — São Paulo: Iluminuras, 2008.

SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Christian. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Christian. **Patologias do social: arqueologias do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

SAROLDI, Nina. **Mal-estar na civilização: as obrigações do desejo na era da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **Contos completos de Lima Barreto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SCHWARCZ, Lilia. **Lima Barreto – Triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SILVA, Elizabel Clemoni Nunes. **Lima Barreto: rupturas – histórias, rupturas e modernidade**. São Paulo: Dialética, 2021.

SOUZA, Worney Almeida. **Lima Barreto – Lima socialista**. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

STOLLER, Robert. **Perversão: a forma erótica do ódio**. São Paulo: Editora Hedra, 2015.

TELLES, Lygia Fagundes (1973). **As meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TELLES, Lygia Fagundes Telles. Dolly. In: TELLES, Lygia Fagundes **A noite escura e mais eu** (1995). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TELLES, Lygia Fagundes. Papoulas em Feltro Negro. In: TELLES, Lygia Fagundes. **Contos: A noite escura e mais eu** (1995). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

VIDAL, E. A. Masoquismo originário: ser de objeto e semblante, p. 134-143. In: Pulsão e Gozo. **Revista da Letra Freudiana. Escola, Psicanálise e Transmissão**. Ano XI, n. 10/11/12.

WINNICOTT, Donald Woods (1963). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos”. In: WINNICOTT, D.W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2013.